

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MATHIAS LENGERT

SUSTENTABILIDADE, UM DIZER EM PARTILHA:  
o outro no discurso jornalístico do projeto editorial Ecoa e da seção Plural do UOL

PORTO ALEGRE

2023

MATHIAS LENGERT

SUSTENTABILIDADE, UM DIZER EM PARTILHA:

o outro no discurso jornalístico do projeto editorial Ecoa e da seção Plural do UOL

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do título de Mestre em Comunicação pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

PORTO ALEGRE

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Lengert, Mathias

Sustentabilidade, um dizer em partilha: o outro no discurso jornalístico do projeto editorial Ecoa e da seção Plural do UOL / Mathias Lengert. -- 2023.

139 f.

Orientadora: Ilza Maria Tourinho Girardi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Jornalismo. 2. Discurso. 3. Jornalismo Ambiental. 4. Sustentabilidade. 5. UOL. I. Girardi, Ilza Maria Tourinho, orient. II. Título.

MATHIAS LENGERT

SUSTENTABILIDADE, UM DIZER EM PARTILHA:  
o outro no discurso jornalístico do projeto editorial Ecoa e da seção Plural do UOL

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do título de Mestre em Comunicação pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi – UFRGS  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Thaís Helena Furtado – UFRGS  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Herte de Moraes – UFSM  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Eloisa Beling Loose – UFRGS  
Examinadora

PORTO ALEGRE  
2023

## AGRADECIMENTOS

À professora Ilza Girardi, pela atenciosa orientação, pelo exemplo acadêmico e a sempre oportuna colaboração. Gratidão pela generosidade nesse percurso.

Aos professores Cláudia Moraes, Eloisa Loose, Márcia Benetti, Reges Schwaab e Thaís Furtado, pela leitura valiosa, pelos apontamentos e pelas provocações à pesquisa.

À Eliege Fante, pelas potentes interlocuções, pelas contribuições e pelo amparo sensível.

À professora Elisa Piedras, pelo apoio institucional, junto à Coordenação do PPGCOM.

À família e aos amigos, de convívio diário ou mesmo fisicamente distantes, mas presentes em todas as situações, agradeço pela escuta gentil e o permanente incentivo.

À Cecília Koerbes, pelo inestimável auxílio.

À Andressa Fusieger, pelo encorajamento.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

À UFRGS, pela acolhida.

[...] em que lugar podemos descobrir um contato entre as  
nossas visões que nos tire desse estado de não  
reconhecimento uns dos outros?

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*.

## RESUMO

Este estudo investiga o modo que o jornalismo institui relações com o outro ao tematizar a sustentabilidade. Nosso objetivo é analisar como o outro atua na constituição do discurso jornalístico sobre a sustentabilidade, a partir de uma análise comparativa entre o projeto editorial Ecoa, do UOL, e a seção Plural, uma iniciativa do Ecoa voltada para produção colaborativa entre o jornalismo *mainstream* e o jornalismo não-hegemônico. Enquanto os textos do Ecoa são redigidos pela equipe de jornalistas do UOL, Plural se destaca por elaborar textos noticiosos em parceria com coletivos jornalísticos independentes de periferias e favelas, possibilitando a incorporação de vozes e perspectivas diversas no discurso jornalístico. Interessa-nos analisar as divergências entre os discursos produzidos pelo Ecoa e pelo Plural. Para compreender como o jornalismo se singulariza nessa prática, recorreremos à Análise do Discurso em conjunção com as teorias do jornalismo. O procedimento metodológico consiste em categorizar temas recorrentes nos textos sobre a sustentabilidade do Ecoa e Plural, identificar os sentidos regularizados no *corpus* discursivo e analisar como outros discursos intervêm na cristalização desses sentidos. Como resultados, identificamos que enquanto o Ecoa se filia à formação discursiva capitalismo reformado, Plural se insere na formação discursiva ecossocial. O UOL constitui o sentido da sustentabilidade a partir da complementaridade de discursos divergentes, reafirmando sua competência em apresentar múltiplas perspectivas da realidade. Os discursos-outros são definidos no *corpus* por meio do esforço do jornalismo em delimitar o espaço do outro no interior de seu dizer. Isso ocorre através da demarcação do espaço de Plural no interior do UOL.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Discurso. Jornalismo Ambiental. Sustentabilidade. UOL.

## ABSTRACT

This study investigates how journalism establishes relationships with the other by addressing sustainability. Our objective is to analyze how the other acts in the constitution of journalistic discourse on sustainability, based on a comparative analysis between the editorial project Ecoa, by UOL, and the Plural section, an Ecoa initiative focused on collaborative production between mainstream journalism and non-hegemonic journalism. While Ecoa's texts are written by UOL's team of journalists, Plural stands out for elaborating news texts in partnership with independent journalistic collectives from peripheries and favelas, enabling the incorporation of diverse voices and perspectives in the journalistic discourse. We are interested in analyzing the divergences between the discourses produced by Ecoa and Plural. To understand how journalism singularizes itself in this practice, we resort to Discourse Analysis in conjunction with journalism theories. The methodological procedure consists of categorizing recurring themes in the texts on the sustainability of Ecoa and Plural, identifying the regularized meanings in the discursive corpus, and analyzing how other discourses intervene in the crystallization of these meanings. As results, we identified that while Ecoa affiliates itself with the reformed capitalism discursive formation, Plural is inserted in the ecosocial discursive formation. UOL constitutes the meaning of sustainability through the complementarity of divergent discourses, reaffirming its competence in presenting multiple perspectives of reality. The other discourses are defined in the corpus through the effort of journalism to delimit the space of the other within its saying. This occurs through the demarcation of Plural's space within UOL.

**Keywords:** Journalism. Discourse. Environmental Journalism. Sustainability. UOL.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Cabeçalho da <i>Homepage</i> do Ecoa.....	21
<b>Figura 2</b> - Selo Plural.....	23
<b>Figura 3</b> - Distribuição de ODSs por textos jornalísticos do Ecoa.....	69

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Temas e ODSs nos textos jornalísticos do Ecoa.....	67
<b>Quadro 2</b> - Redes parafrásticas do projeto editorial Ecoa.....	76
<b>Quadro 3</b> - Redes parafrásticas da seção Plural.....	89

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- AD – Análise do Discurso de linha francesa
- BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- ESG – Environmental, Social, and Corporate Governance
- FD – Formação discursiva
- FI – Formação ideológica
- MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- ODM – Objetivos do Desenvolvimento do Milênio
- ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
- ONG – Organizações Não-Governamentais
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação
- SD – Sequência discursiva
- SD-E – Sequência discursiva do Ecoa
- SD-P – Sequência discursiva de Plural
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UnB – Universidade de Brasília
- UNESP – Universidade Estadual Paulista
- UOL – Universo Online

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 CONTEXTO</b>	<b>18</b>
2.1 ECOA E PLURAL	18
2.2 SUSTENTABILIDADE	25
<b>3 O JORNALISMO E SEUS (DES)ENCONTROS</b>	<b>30</b>
3.1 JORNALISMO E AS SIGNIFICAÇÕES DA REALIDADE	30
3.2 JORNALISMO PROPOSITIVO: BREVE TENTATIVA DE DELIMITAÇÃO	35
3.3 UMA PROPOSIÇÃO ECOLÓGICA DO JORNALISMO	37
3.4 O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE MEIO AMBIENTE	43
<b>4 O DISCURSO E SUAS (INTER)CADÊNCIAS</b>	<b>46</b>
4.1 O DISCURSO JORNALÍSTICO	50
4.2 O SUJEITO NO DISCURSO	57
<b>5 METODOLOGIA</b>	<b>61</b>
5.1 OS TEMAS NO ECOA E PLURAL	66
5.2 OS SENTIDOS DA SUSTENTABILIDADE NO ECOA	76
5.3 OS SENTIDOS DA SUSTENTABILIDADE EM PLURAL	89
5.4 O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO NO ECOA E PLURAL	94
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE A – ODSs MOBILIZADOS PELO ECOA</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO A – MATERIAL EMPÍRICO</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO B – <i>CORPUS</i> DO ECOA</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO C – <i>CORPUS</i> DE PLURAL</b>	<b>134</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sustentabilidade é um mote exaustivamente dito e redito na sociedade. De um lado, o termo foi apropriado por inúmeras práticas - sociais e discursivas, assimilado no vocabulário das empresas, na agenda da imprensa e nas reivindicações da sociedade civil. Na esfera pública, as conferências do meio ambiente e do clima das Nações Unidas (ONU) tornaram os governos mais atentos ao tema, mobilizando os atores políticos. Como resultado, os países-membros da ONU firmaram em 2015 os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), que incluem 17 metas para mensurar avanços no âmbito da saúde, igualdade de gênero, vida terrestre e marinha, cooperação internacional, energia limpa, erradicação da fome e pobreza, combate às mudanças climáticas, entre outros. Ser sustentável passa a ser um imperativo orientado na crença de crescimento econômico sem comprometer a disponibilidade de recursos naturais para as gerações futuras.

Por outro lado, esse modo de conceber a sustentabilidade é questionado por correntes de pensamento que buscam exceder a acumulação de bens e a mercantilização da natureza. Trata-se, portanto, de um conceito polissêmico e em contínua disputa (MORAES; FANTE, 2018) entre distintas visões na delimitação do sentido. Expressão da contemporaneidade, a sustentabilidade ressoa nas leituras do mundo do jornalismo, a partir das interferências desses múltiplos olhares. Além disso, o meio ambiente tem se tornado gradualmente uma pauta mais recorrente e transversal à agenda jornalística<sup>1</sup>, em contraste com o que a literatura acadêmica apontava anteriormente (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER, 2020).

Ao noticiar, o jornalismo estabelece modos de ler o mundo. E ler o mundo consiste em um esforço de síntese da complexidade dos acontecimentos, uma tarefa que implica organizar e regularizar os sentidos. Não há, portanto, neutralidade no dizer jornalístico, pois aí incide os interesses, orientações e apagamentos de cada organização. Desta maneira, a realidade que produz não é absoluta, mas compõe uma das formas pela qual o público vê e se vê no mundo. Por não serem neutras, essas escolhas indicam que as inter-relações que o jornalismo mantém com outros discursos são sempre desiguais, constituídas de pontos de tensão ou de correlação nos sentidos. Isso, pois detém competência para sistematizar os fenômenos sociais, enquanto instituição com credibilidade para tal, à medida que é suscetível ao atravessamento de discursos-outros.

---

<sup>1</sup> As autoras verificaram a cobertura jornalística do Jornal Nacional no primeiro semestre de 2019, e consideraram que o noticiário mobilizou a temática ambiental em diversas edições, provendo conexões entre o acontecimento com o contexto de transformações do planeta e pautando assuntos do cotidiano do público.

O objeto deste estudo, portanto, é o discurso jornalístico sobre a sustentabilidade, e a título de ênfase, o trabalho realiza movimentos teóricos e empíricos para pensar a tessitura de outros discursos no dizer jornalístico. Interessa-nos observar as marcas desses discursos presentes nos sentidos que o jornalismo institui sobre o tema. Acreditamos que uma notícia ou uma reportagem, deste modo, nunca é apenas um fluxo de sentidos lineares, determinados totalmente pelo jornalismo, mas processos nos quais o outro também infere em seu dizer. Ao discursivizar o meio ambiente, o jornalismo explora seus meandros, atualiza uma memória interdiscursiva ao interpretar os acontecimentos, agendando a leitura do público. Da mesma forma, a fronteira do discurso jornalístico é permeável à rede de sentidos da sustentabilidade, sendo esse discurso constituído pelos conflitos histórico-sociais que intervêm no dizer. Esta investigação, diríamos, reside no fecundo encontro entre um tema naturalmente ambíguo, e uma prática que busca desambiguar o mundo.

Neste cenário, contemplamos os fazeres jornalísticos do Ecoa, um projeto editorial do UOL lançado em 2019 com uma proposta similar ao do jornalismo de soluções e jornalismo construtivo<sup>2</sup>, e que diz ter o intuito de informar, educar e engajar o leitor à consciência de ser um ator social apto a mudar a realidade. Entre os pretextos que motivaram a escolha desse veículo, consideramos o UOL por ser uma empresa midiática *mainstream* ou tradicional, reconhecida por deter referencialidade jornalística, além de relevância e atuação nacional.

Elegemos o Ecoa porque o UOL afirma em seu dizer institucional que a prática do projeto editorial é estruturada com base nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) da Organização das Nações Unidas (ONU) (UOL PARA MARCAS..., 2019), o que é significativo por inscrever a sustentabilidade como vetor no qual se tematizam os acontecimentos. Trata-se de uma estratégia discursiva do UOL interligada à sua posição ideológica e imaginária. O Ecoa, além de tematizar a sustentabilidade em seus textos, diz contê-la como princípio editorial de seu fazer.

Dentro do Ecoa encontra-se a seção Plural, uma iniciativa de produção colaborativa com coletivos jornalísticos independentes de periferias e favelas. Essa seção é elaborada como um formato experimental de abordagem de temas e produção de textos. Apesar de fazer parte do Ecoa, Plural também pode abranger textos publicados em outros projetos editoriais do UOL. Por realizar colaborações com meios jornalísticos não-hegemônicos, os sentidos

---

<sup>2</sup> O jornalismo de soluções é uma prática que busca apresentar resoluções para os problemas sociais, detalhando as limitações, as demandas e as ações em curso. A iniciativa busca engajar o público, aproximando-o do debate público. O jornalismo construtivo possui proposta semelhante: apresentar soluções a partir de relatos positivos e inspirar o público, servindo-se de técnicas da psicologia (SOUZA, 2017). Abordaremos essas práticas jornalísticas na seção 3.2.

construídos em Plural evidenciam saberes comunitários e ancestrais, em uma perspectiva diversa daquela no Ecoa. As práticas jornalísticas periféricas possibilitam a ampliação de vozes que geralmente são negligenciadas pelo jornalismo tradicional, o que pode gerar uma diversificação na cobertura de temas que afetam as comunidades locais. É importante ressaltar o caso singular de Plural, que estabelece uma relação entre o jornalismo *mainstream* e o jornalismo não-hegemônico. Nesse sentido, é fundamental promover um tensionamento entre os discursos produzidos por Plural e pelo Ecoa para compreender os sentidos construídos por cada um deles. Segmentamos o objeto empírico em dois *corpora* partindo da hipótese de que as colaborações resultam em efeitos de sentido distintos do Ecoa, o que sugere um deslocamento do discurso do UOL. Por esse motivo, a investigação fundamenta-se nos textos publicados no site do projeto editorial no segundo semestre de 2020, motivado pelo surgimento da seção Plural em junho do mesmo ano. Empreendemos uma análise comparativa entre o projeto editorial Ecoa e a seção Plural, com o objetivo de examinar como o discurso da sustentabilidade é construído nas notícias e reportagens veiculadas em cada uma dessas iniciativas.

Para evidenciar esse desencaixe entre as leituras de mundo produzidas pelo Ecoa e Plural, delimitamos o horizonte da problemática da dissertação recorrendo à noção de formação discursiva (FD). Basilar aos estudos discursivos, a formação discursiva é matriz de sentidos, lugar no qual o sujeito demarca sua posição no discurso (PRUINELLI, 2020). Nas sucessivas releituras do conceito, as interações que se instituem em uma formação discursiva tornam-se objetos de interesse, indicando a sobreposição do interdiscurso ao discurso, a partir do atravessamento de formas linguísticas de discursos-outros e de pontos de deriva que desestabilizam o controle do sujeito sobre os sentidos que enuncia. As inter-relações que o dizer do jornalismo tece com o outro apontam para a intervenção do interdiscurso na constituição dos sentidos. Partindo desse pressuposto, o jornalismo inscreve um lugar consoante para si em uma rede interdiscursiva, no qual retoma, atualiza e tensiona dizeres advindos de diversos campos discursivos (SCHWAAB; ZAMIN, 2014).

Para problematizar os sentidos constituídos no discurso jornalístico, inicialmente direcionamos nosso olhar aos temas que são mobilizados sobre a sustentabilidade, observando as especificidades identificadas no projeto editorial Ecoa e da seção Plural. Essas temáticas, em face dos ODSs, oferecem evidências das formações discursivas mobilizadas pelo Ecoa e Plural ao dizer sobre o meio ambiente, na etapa posterior da análise. Além disso, as marcas discursivas dos sentidos contribuem para indicar as inter-relações do jornalismo com discursos-outros que lhe atravessam. O modo que o jornalismo institui relações com outros

discursos ao interiorizar a sustentabilidade em seu dizer configura o entusiasmo desta investigação. Isso porque o projeto editorial Ecoa, no âmbito da seção Plural, simultaneamente possui interesse em ouvir vozes marginalizadas, remontando uma interdiscursividade, ao passo que reconhece o ecológico como um alicerce de sua discursividade.

Nesse panorama, o modo que o jornalismo enuncia, enquanto prática discursiva, imprime marcas sobre as formas que diz sobre os temas de interesse, sobre o outro e sobre si mesmo. Em razão disso, desdobramos os pressupostos teóricos a partir do seguinte questionamento de pesquisa: Como o discurso jornalístico sobre a sustentabilidade é construído no Ecoa e em Plural?

Para responder esta inquietação, formulamos como objetivo geral: analisar como o outro atua na constituição do discurso jornalístico sobre sustentabilidade no projeto editorial Ecoa e na seção Plural. Possuímos como objetivos específicos: 1) descrever os sentidos regularizados pelo Ecoa ao tematizar a sustentabilidade; 2) identificar como o discurso da seção Plural incide nos sentidos de Ecoa; 3) evidenciar as marcas de relações com outros discursos que se estabelecem no discurso jornalístico sobre a sustentabilidade no Ecoa e Plural.

Apesar do discurso da sustentabilidade já ter motivado estudos anteriores, o estudo se justifica pela singularidade do objeto empírico, marcado por uma produção colaborativa entre uma instituição jornalística *mainstream* e coletivos jornalísticos locais e não-hegemônicos, mesmo os termos dessa relação não estando claros ao leitor.

Ainda, acreditamos na pertinência de aprofundar o debate do estatuto do outro no discurso jornalístico, porque o quadro de trabalhos acadêmicos que associam alteridade, discurso e jornalismo é escasso na área da Comunicação. A consulta pela combinação dos termos “discurso” e “alteridade” ou “discurso” e “outro” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) retornou 73 estudos no período de 2000 a 2020, dos quais, 50 correspondem a dissertações de mestrado e 23 a teses de doutorado. Detemo-nos, dentre esse conjunto, apenas em trabalhos que contemplam o jornalismo em suas reflexões. Assim, a partir da leitura dos resumos, foram selecionados quatro trabalhos que correspondem a esse critério. Tratam-se de uma dissertação e três teses, oriundas das áreas de História, Linguística e Sociologia: a) a dissertação de Vasconcelos (2010), da área da História, que discorre sobre a cristalização de identidades e representações subjetivas no discurso midiático sobre a Missão de Paz no Haiti; b) a tese de Santos (2019), da área da Sociologia, que apresenta reflexões sobre a formação de um *ethos* discursivo, a partir da hipótese de que, em suas interlocuções, o

jornalismo constitui imagens de si e do outro, apreendidos nas estratégias enunciativas do jornal paraguaio *Diário Popular* em mesclar os idiomas guarani e espanhol; c) a tese de Oliveira (2015), da área da Linguística, que investiga as tensões ideológicas em textos da *Folha de São Paulo* e no discurso da presidente Dilma Rousseff sobre saúde pública e humanização da alteridade, e a tese de Freitas, I. (2011), que discute a constituição do discurso sobre o sistema de cotas no Brasil pela revista *Caros Amigos*, observando que o jornalismo institui seu posicionamento editorial pelo embate com os seus interlocutores, em uma interação dialógica com o outro. Embora constituídos de um material empírico jornalístico, a estrutura teórica-metodológica desses estudos não se direciona a uma reflexão sobre o jornalismo e suas lógicas de enunciação, tomando apenas seu conteúdo. Em um dos trabalhos, a produção noticiosa figura como elemento pontual de discussão, mas sem aprofundar no campo teórico do jornalismo. Isso pode ter relação com o fato desses trabalhos não estarem vinculados à área de pesquisa da Comunicação, sendo orientados por outros interesses de pesquisa.

O outro no jornalismo consiste ainda em uma questão central de um conjunto de trabalhos elaborados no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São eles: a) a dissertação de Freitas, C. (2017), que investiga a constituição do outro na editoria Mundo da Folha de São Paulo, distinguindo, a partir da perspectiva fenomenológica, a alteridade do conceito de outriedade. O estudo compreende que a alteridade é fenomênica e singular, enquanto a outriedade é relativa, nunca apreendida na totalidade, e dependente do jornalista para ser reconhecida; b) a dissertação de Gomes (2020), que apresenta reflexões sobre as representações do outro no jornalismo, observando as formas de percepção (sobre si) das fontes retratadas em textos jornalísticos; e c) a tese de Veiga (2015), que compreende que o encontro com a alteridade no processo de ensino e aprendizagem do jornalismo é comprometido pelos paradigmas dominantes. O trabalho reflete ainda sobre os saberes e poderes que constituem os sujeitos-jornalistas e os sujeitos-outros.

Esses trabalhos configuram abordagens singulares sobre a temática da alteridade, e constituem, conjuntamente, um mosaico de entendimentos e concepções teóricas, entre as quais, destacam-se a influência da antropologia e dos estudos culturais. Apesar deste panorama de produções acadêmicas, constatamos a lacuna de estudos sobre jornalismo na área de Comunicação que articulem uma análise comparativa das relações com outros discursos no discurso jornalístico, o que acreditamos que justifica o investimento teórico do trabalho.

Isto posto, apresentamos na sequência uma síntese do trajeto que será percorrido nos próximos capítulos. Após esta introdução, indicamos as circunstâncias de enunciação, com inspiração no conceito de condição de produção do discurso. Para isso, realizamos uma dupla apreensão: da constituição do projeto editorial Ecoa e da seção Plural em um contexto de reformulação editorial do UOL, evidenciando a singularidade do alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e as colaborações com os coletivos jornalísticos de periferias e favelas; e por fim, da consolidação de um contexto social, histórico e ideológico sobre a sustentabilidade, ressaltando dentre as perspectivas construídas, a definição de correntes de pensamento ecotecnocrática e ecossocial (CAPORAL; COSTABEBER, 2000), essa última fundamentando uma das formações discursivas do estudo.

No terceiro capítulo debatemos as significações do jornalismo ao constituir a realidade, destacando a partilha de um estatuto de valores e crenças próprias dessa prática. Em seguida, realizamos uma tentativa de enquadramento teórico do jornalismo do Ecoa, a partir dos conceitos de jornalismo de soluções e jornalismo construtivo. Após essa seção, apresentamos o jornalismo ambiental como uma proposta transversal aos fazeres, que excede a especialização, e que compreende a alteridade como possibilidade de agregar olhares mais diversos ao dizer. Por fim, identificamos os resultados de pesquisas anteriores sobre o discurso jornalístico sobre o meio ambiente.

O quadro teórico-conceitual dos estudos discursivos é mobilizado no capítulo 4. Após uma introdução dos conceitos fundantes da disciplina (materialismo histórico, linguística e psicanálise) e das noções de formação discursiva e formação ideológica, desdobramos duas partes: inicialmente, refletimos sobre a literatura acerca do discurso jornalístico, compreendendo sua inscrição em redes interdiscursivas, e posteriormente, discutimos o sujeito do discurso.

O percurso metodológico, amparado no dispositivo da AD, é constituído no capítulo 5. Na primeira etapa de análise, delimitamos os temas recorrentes em Plural e Ecoa, e os ODSs referenciados no dizer desse último. No movimento subsequente, identificamos os sentidos regularizados no discurso jornalístico sobre a sustentabilidade, e que evidenciam as assimetrias entre os dizeres de ambos. A partir desses achados, buscamos avançar no funcionamento discursivo do jornalismo, observando as inter-relações de outros discursos na cristalização do dizer jornalístico da sustentabilidade. Nas considerações finais, retomamos os resultados do Ecoa e Plural, e ensaiamos algumas aproximações com uma proposição ecológica das práticas jornalísticas.

## 2 CONTEXTO

O funcionamento discursivo se constitui de uma base anterior e exterior, um já-dito, que permeia os enunciados. Este capítulo busca explorar tal interdiscursividade que, neste estudo, corresponde aos já-ditos da sustentabilidade presente nos dizeres do projeto editorial Ecoa e da seção Plural. Para isso, discutiremos inicialmente as questões relacionadas ao contexto institucional do objeto empírico, reconstituindo o que o meio de comunicação “diz fazer”. Em seguida, examinaremos os vestígios da memória da sustentabilidade, inscritos em diversas fontes, como documentos, conferências do clima e o ativismo político. A composição heterogênea do discurso da sustentabilidade também será objeto de discussão, compreendida por meio de múltiplas perspectivas que apresentam contradições entre si.

### 2.1 ECOA E PLURAL

As inquietações deste estudo fecundam de oscilações, incertezas e frenesis presentes em gestos de pesquisa anteriores. Em projetos científicos durante a graduação, os enquadramentos do jornalismo sobre as mudanças climáticas e a sustentabilidade consistiram em eixos centrais de observação, motivando a proposta deste trabalho. A relevância em persistir no tema é evidente: trata-se de uma crise multidimensional, capaz de afetar diversas existências. A leitura que o jornalismo produz, em contrapartida, deve enredar o ecológico, sem reduzi-lo a uma especialidade, mas incorporando-o em seu fazer. Reconhecendo essa premissa, o interesse em pesquisar Ecoa e Plural vem de duas das estratégias discursivas que apresentam, primeiro, porque Ecoa atribui aos ODSs lugar que calca seu dizer, e por fim, porque Plural institui relações com coletivos jornalísticos de periferias.

O lançamento de Ecoa, e suas consequentes estratégias, derivam de um cenário de atualizações da prática jornalística, inscritas no contexto institucional da empresa que administra o projeto, o UOL. Trata-se de uma organização fundada em abril de 1996, considerada o primeiro portal de conteúdo brasileiro. O Grupo UOL é presidido desde o surgimento por Luiz Frias, na época diretor executivo do Grupo Folha<sup>3</sup>, um dos principais conglomerados de mídia do país. Ambas as empresas são controladas pela holding OFL S.A.,

---

<sup>3</sup> Fundado em 1992 por Octávio Frias de Oliveira, o Grupo Folha é um conglomerado de mídia brasileiro que controla companhias como a *Folha de São Paulo*, a editora Publifolha, a agência de notícias FolhaPress, o instituto de pesquisas Datafolha, a gráfica e editora Plural e a empresa de logística Transfolha. O Grupo detém os jornais *Agora São Paulo*, *Alô Negócios* e *Valor Econômico* (Este, em parceria com o Grupo Globo), a revista *São Paulo* e o *guia Folha*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em: 13 de jul. de 2021

cujos acionistas majoritários pertencem à família Frias. O Grupo UOL atua em diversos setores comerciais, tais como Conteúdos e Serviços, que engloba a central de jornalismo, além de soluções para mídia digital, produtos de segurança, conectividade Wi-Fi, entretenimento, entre outros<sup>4</sup>; o PagSeguro PagBank, que se dedica a soluções para meios de pagamentos; a Compasso, que oferece serviços de datacenters para grandes empresas; e o UOL EdTech, plataforma de soluções para ensino digital. Atualmente, o UOL é o portal de conteúdo e jornalismo mais acessado do Brasil, tendo 110 milhões de visitantes únicos por mês em 2021, de acordo com aferição da ComScore<sup>5</sup>.

Em razão desse leque de atuação, UOL (2021c) compreende ser “pioneiro na produção de conteúdo na internet brasileira, com qualidade e credibilidade reconhecidas pelo público e pelo mercado”. Sua central de jornalismo conta com uma equipe própria de profissionais de imprensa e colunistas, além de manter parceria com outras 400 empresas<sup>6</sup>. Em seu dizer sobre si, UOL reconhece deter uma tradicionalidade, por se considerar o primeiro portal de conteúdo brasileiro, como também uma referencialidade, ao ter seus valores legitimados por leitores e parceiros comerciais.

Em 2014, o UOL lançou o projeto editorial Tab, direcionado à expansão de seu conteúdo multimídia interativo, especialmente grandes reportagens. Na ocasião, em texto de apresentação ao público, UOL (2014) definiu o projeto como uma experiência inédita, criativa e de alta qualidade. Ao analisarem Tab, Ventura e Ito (2017) observam que a inovação sugerida pelo UOL é especialmente de ordem econômica, subordinada às dinâmicas empresariais, embora também social e cultural. Na sequência, entre 2017 e 2020, UOL lança um conjunto de projetos editoriais: VivaBem, direcionada a saúde e bem-estar; Universa, orientada ao público feminino; Start, que cobre eSports; Tilt, voltada a tecnologia; Mov, concentrada em vídeos; Ecoa, com foco em jornalismo propositivo; e por fim, Nossa, que aborda estilos de vida.

Em cada lançamento, o UOL publicou um texto de apresentação ao público, anunciando os valores que motivaram a criação, as finalidades objetivadas, as editorias internas, entre outros aspectos. Esses oito textos repetem determinados dizeres quanto aos lançamentos, dos quais se destacam, em ordem decrescente de menções: que o projeto

---

<sup>4</sup> O UOL Conteúdo e Serviços oferece UOL Ad Lab, Assistência Técnica, UOL Resolve, Loja de Jogos, UOL Esporte Clube, Clube UOL, UOL Leia+, UOL Play, entre outros.

<sup>5</sup> O dado é referente ao mês de maio de 2021. Disponível em:

<https://www.comscore.com/por/Insights/Rankings?country=BR> Acesso em: 13 de jul. de 2021.

<sup>6</sup> Entre as quais, podemos destacar a Folha de São Paulo, The New York Times, BBC, Rolling Stone, Trip, Forbes, Le Monde, Discovery Channel, Harper's Bazaar, Billboard, Atrevida, TPM, Contigo, Rádio Jovem Pan, ESPN, RedeTV, TV Band e Rádio Band.

editorial em questão é novo – quer seja por ser um novo canal, um novo formato, uma nova oportunidade ou por trazer novos olhares, além de inovador, que busca ser referência de jornalismo, uma experiência de consumo de conteúdo, interativo, e que conta com a qualidade jornalística de UOL.

A reiteração desses dizeres evidencia o interesse do UOL em retratar-se inovador, a partir de outros formatos de leitura, mantendo um pretense padrão de qualidade jornalística. Alguns desses projetos editoriais substituem antigas editorias jornalísticas<sup>7</sup>, o que corrobora o aspecto de novidade que a organização atribui a eles. Esses lançamentos do UOL, apresentam, como traços comuns, plataformas digitais de conteúdo, projetos gráficos próprios e canais de interação com o público. Igualmente, se caracterizam por serem temáticos, como estratégia para gerar identificação com o leitor e aproximar anunciantes de seu público-alvo. Ainda assim, se distinguem das editorias – que abrangem notícias sob um mote, pois os projetos editoriais, na visão do UOL, buscam criar experiências de consumo de conteúdo.

No rol dos projetos editoriais, a sustentabilidade configura um tema transversal no fazer do Ecoa. Lançado em outubro de 2019, a iniciativa contempla o ecológico como seu foco, sem, no entanto, compartimentalizar a temática e tampouco subtraí-la de outras editorias e projetos editoriais do UOL. Os recortes textuais seguintes caracterizam os 17 ODSs como vetores que constituem as pautas, o que evidencia uma relação do dizer do Ecoa com o discurso da sustentabilidade. Esse projeto, portanto, além de abranger o tema em seus textos, acaba por assumir a sustentabilidade como um princípio editorial que o move. Ao apresentar uma remissão aos ODSs, Ecoa exerce determinadas posições ideológicas, por sua vez perpetradas no imaginário institucional do UOL, o que interessa ao nosso gesto de leitura.

Alinhada com os objetivos para o Desenvolvimento Sustentável da ONU, a produção de Ecoa tem o objetivo de trazer soluções, educar, instruir e engajar a audiência [...]. (UOL..., 2019, online).

A plataforma foi pensada a partir dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU (Organização das Nações Unidas), que foram divididos em grandes temas considerados urgentes, entre eles, educação, mudança climática, saúde, cidades e gestão pública.

Periodicamente, cada um desses assuntos será foco prioritário das produções de ECOA, com conteúdos especiais e documentários, por exemplo. (UOL PARA MARCAS..., 2019, online).

---

<sup>7</sup> Universa substitui a editoria UOL estilo; Start substitui UOL jogos; Tilt substitui UOL tecnologia e Mov substitui a TV UOL.

Além do direcionamento temático paralelo aos ODSs, Ecoa caracteriza sua prática como jornalismo propositivo. O UOL não esclarece nos textos de apresentação deste projeto editorial, entretanto, o que compreende por essa definição. Tampouco a literatura acadêmica apresenta registros consistentes sobre o conceito. Realizaremos na seção 3.2 uma tentativa de apreensão do termo. Em seu discurso institucional, UOL destaca elementos da prática do Ecoa que contribuem para identificar o que a organização compreende por jornalismo propositivo em seu fazer: diversidade de olhares, compromisso com iniciativas de transformação, conscientização, engajamento do público e a divulgação de soluções.

Ainda, esses fatores podem ser verificados no slogan “por um mundo melhor” (Figura 1) que materializa sentidos em torno da necessidade de mudanças em relação à sociedade. Sobretudo, o Ecoa indica que o jornalismo é participe na construção de um mundo melhor, o que reforça um imaginário inovador de si por assumir a responsabilidade de noticiar essa multiplicidade e contribuir com os avanços sociais.

**Figura 1** - Cabeçalho da *Homepage* do Ecoa



Fonte: UOL, 2022.

Por assim qualificá-lo, o UOL define marcadamente o Ecoa como um projeto jornalístico não-tradicional, iniciativa inédita na imprensa brasileira e uma experiência de jornalismo a ser reproduzida por outros setores da redação. A imagem de jornalismo propositivo, portanto, é apresentada no dizer institucional como um elemento de destaque, isto é, que faz deste projeto editorial uma referência para o campo. Na prática, com o Ecoa, o UOL pretende noticiar ações de agentes de transformação, ou seja, de pessoas e organizações vistas como exemplares e inspiradoras pela empresa jornalística. São elas: lideranças comunitárias, ativistas, empreendedores de iniciativas ecológicas, multinacionais com políticas ditas sustentáveis, entidades não governamentais, entre outros exemplos. Com esse enfoque, UOL considera estar refletindo outras visões de mundo nos textos do Ecoa, o que creditaria a ele um caráter de novidade em relação ao restante da redação. O projeto editorial, assim, se afirma um espaço que reconhece as demandas de grupos subalternizados como

responsabilidade para com as mudanças sociais que busca promover. Como veremos adiante, esse interesse está diretamente relacionado ao lançamento da seção Plural.

Os textos publicados por UOL no Ecoa estão disponíveis em uma plataforma na internet<sup>8</sup> que contempla todas as produções da redação para este projeto editorial. Os conteúdos noticiosos verbais<sup>9</sup> são distribuídos entre a seção Reportagens Especiais (Figura 1), para textos jornalísticos de profundidade, a seção Plural, que reúne textos jornalísticos colaborativos, e outras três seções que abrangem os demais textos: Pessoas<sup>10</sup>, que trata de perfis dedicados a transformação do mundo; Soluções<sup>11</sup>, que destaca iniciativas de organizações sociais e empresas para sustentabilidade; e Na Prática<sup>12</sup>, que oferece recomendações e dicas a serem adotadas pelo leitor em seu cotidiano. Além dessas subdivisões, há a seção Podcasts, para produções em formato de áudio, e a seção Colunas, um espaço em que blogueiros, ativistas e personalidades discutem e opinam temas diversos, como educação, mudança climática, alimentação, cidades, entre outros. Por fim, há ainda a seção Últimas, que apenas reúne todos os textos em ordem cronológica.

Essas seções delimitam os tópicos de atuação do Ecoa. Institucionalmente, elas sintetizam um esforço de estreitar relações com os agentes de transformação da sociedade. Em suma, o Ecoa busca não apenas noticiar e descrever as ações desses indivíduos e organizações – falar *sobre* seus interlocutores, mas também estabelecer vínculos – falar *com* seus interlocutores. Em seu dizer institucional, o UOL apresenta três formas de colaboração. Na primeira, cada perfilado, denominado também de “causador”, indica outros indivíduos que considera exemplares para contribuírem com o Ecoa. Além disso, dispõe de uma curadoria rotativa que sugere pautas jornalísticas e indica colaboradores. O projeto editorial abrange diversas seções. No entanto, optei por pesquisar a seção Plural, principalmente porque ela

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.

<sup>9</sup> Os conteúdos produzidos pelo Ecoa são, em maioria, textos jornalísticos, apesar de compreenderem também formatos como *quizzes*, *stories* e documentários. Este estudo se detém, em específico, no gênero jornalístico informativo.

<sup>10</sup> A seção Pessoas se subdivide, atualmente, em Causadores, onde são “publicados perfis de quem se dedica a transformar a vida de brasileiros e brasileiras” (UOL..., 2019, online) e Fizeram História, centrada no resgate da memória de personagens históricos significativos. Ainda, outras duas subseções foram apresentadas no lançamento do Ecoa e descontinuadas posteriormente, em 2021. São elas: “Não Erre Como Eu traz as lições de empreendedores sociais e agentes de transformação à frente de iniciativas de sucesso. Grande Ideia retrata invenções que ajudam a melhorar o mundo” (UOL..., 2019, online).

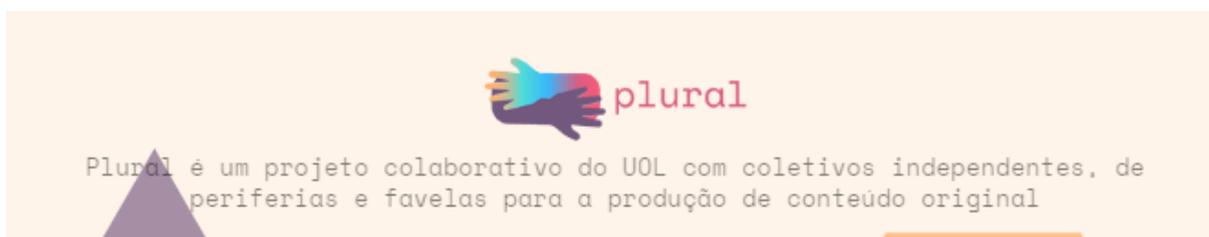
<sup>11</sup> A seção Soluções está distribuída, atualmente, em Empresas Que Mudam, voltada para boas práticas organizacionais, e Iniciativas Que Inspiram, que aborda as atividades desenvolvidas por empresas e entidades. No lançamento do Ecoa, Soluções também contava com a subseção Bom Pra Todo Mundo, cessada em 2022.

<sup>12</sup> A seção Na Prática se desdobra em “Sim ou Não?”, que traz a visão de especialistas sobre os dilemas da vida cotidiana, Como Fazer, com soluções simples para aplicar no dia a dia, e Final Feliz, sobre filmes, livros e outras produções culturais analisadas pela ótica de Ecoa” (UOL..., 2019, online). Além desses, conta com a subseção Destretando, que esclarece e simplifica assuntos complexos.

abrange textos produzidos em conjunto com organizações jornalísticas de regiões subalternizadas.

Com a proposta de ampliar a diversidade da prática jornalística, o UOL lançou a seção Plural<sup>13</sup> em junho de 2020. A iniciativa está vinculada ao Ecoa<sup>14</sup> e se distingue das demais seções por reunir textos que resultam de uma colaboração do UOL com coletivos jornalísticos independentes, de periferias e favelas, identificados por um selo (Figura 2). O lançamento cumpre uma dupla vontade da organização, de um lado, fortalecer a sua pluralidade editorial, pois busca expandir a variedade de organização jornalísticas parceiras e diversificar o conteúdo das pautas, e de outro, retratar inquietações de grupos sociais pouco mencionados no fazer jornalístico habitual. Os conteúdos de Plural abordam temáticas brasileiras contemporâneas, tais como política, sustentabilidade, juventude, representatividade, entre outros. Ao apresentar a seção, o UOL... (2020, online) afirma que “os temas abordados em Plural serão tratados a partir de vozes e lugares historicamente negligenciados, mas não exclusivamente sobre eles”. Em suma, o UOL entende que Plural desempenha uma espécie de abertura em seu fazer, pois passa a ser um espaço compartilhado com coletivos jornalísticos, o que indica que as posições ocupadas para enunciar são movidas no jornalismo do UOL. As publicações de Plural resultam de um trabalho conjunto do UOL e dos coletivos e, portanto, estão alinhadas editorialmente à empresa e ao projeto editorial Ecoa. Também se distinguem de uma reprodução de textos de outras organizações de mídia<sup>15</sup>. O dizer de Plural, portanto, se quer atravessado por grupos subalternos, assumindo a iniciativa de desvelar as visões marginalizadas e expondo seu discurso à negociação de sentidos com esses interlocutores.

**Figura 2** - Selo Plural



Fonte: UOL, 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/plural/> Acesso em: 10 de ago. de 2022.

<sup>14</sup> É importante ressaltar que, embora a frequência de notícias publicadas na seção Plural possa ser inferior em relação ao Ecoa, elas são prontamente acessíveis tanto na página inicial do site do Ecoa, de acordo com sua relevância, quanto em sua própria seção.

<sup>15</sup> É o caso da coluna Notícias da Floresta, que reproduz semanalmente no Ecoa reportagens publicadas originalmente na agência de notícias Mongabay.

As colaborações de coletivos jornalísticos com Plural são rotativas e intervalares e, desta forma, não seguem um cronograma regular de publicações. Como essas organizações parceiras colaboram em momentos diversos, apresentamos desse conjunto, um recorte daquelas que assinaram os textos analisados por este estudo. São elas: Alma Preta<sup>16</sup>, AzMina<sup>17</sup>, Data\_Labe<sup>18</sup>, Énois<sup>19</sup>, Gênero e Número<sup>20</sup>, e por fim, Periferia em Movimento<sup>21</sup>. Em comum, tais coletivos se caracterizam por surgirem recentemente, fundados entre 2009 a 2016, serem independentes, não-lucrativos, com fontes de financiamento diversificadas, alguns deles custeados por *crowdfunding*. Essas organizações objetivam uma prática jornalística orientada para lugares e grupos marginalizados, tendo ênfase em questões sociais, como negritude, representatividade, feminismo, etc. Além disso, estão sediados em capitais do sudeste, sendo quatro em São Paulo, e dois no Rio de Janeiro. Alguns dos coletivos atuam com enfoque nesses territórios, enquanto outros estão direcionados ao cenário nacional, com jornalistas colaboradores de outros locais do Brasil. Ainda, essas organizações têm como política autorizar a reprodução de seus textos sem fins comerciais, defendendo a necessidade de fortalecer vínculos com outras empresas jornalísticas, o que as aproxima da proposta editorial de Plural.

---

<sup>16</sup> Alma Preta se define como uma agência de jornalismo especializada na temática racial. Lançado em 2015 como um coletivo de estudantes universitários e comunicadores negros, tem como política editorial produzir um jornalismo qualificado, independente, periférico e antirracista que potencializa a voz da população negra. Disponível em: <https://almapreta.com/> Acesso em: 20 de ago. de 2022

<sup>17</sup> A revista AzMina é uma organização jornalística feminista lançada em 2015 em São Paulo, a partir de um financiamento coletivo. Suas pautas versam sobre temas diversos, sempre focados em um recorte de gênero. A equipe que compõe a publicação é totalmente de mulheres, a maioria delas, negras. Disponível em: <https://azmina.com.br/> Acesso em: 20 de ago. de 2022.

<sup>18</sup> Data\_Labe se descreve como um laboratório de mídia e pesquisa sem fins lucrativos, tendo sede no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. A organização surge em 2016 e é constituída por moradores das favelas e territórios populares que buscam criar narrativas dissonantes sobre a cidade e seus habitantes. Disponível em: <https://datalabe.org/> Acesso em: 20 de ago. de 2022.

<sup>19</sup> Énois é um laboratório jornalístico lançado em 2009 na cidade de São Paulo, voltado para ampliar a diversidade, representatividade e inclusão no jornalismo brasileiro. Além de uma equipe fixa, possui uma rede de jornalistas colaboradores. Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/> Acesso em: 20 de ago. de 2022.

<sup>20</sup> Gênero e Número se apresenta como a primeira organização de mídia independente do país que produz jornalismo de dados voltada para questões de desigualdade racial e equidade de gênero. Sediada no Rio de Janeiro, a startup surgiu em 2016 e apresenta análises para qualificar o debate desses temas. Disponível em: <https://www.generonumero.media/> Acesso em: 20 de ago. 2022.

<sup>21</sup> Periferia em Movimento se denomina uma produtora independente de jornalismo de quebrada. Fundada em 2009 por jornalistas das periferias do sul de São Paulo, a organização tem como objetivo descentralizar narrativas e lançar olhares sobre a cidade a partir das periferias. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/> Acesso em: 20 de ago. de 2022.

## 2.2 SUSTENTABILIDADE

A materialização da sustentabilidade do discurso jornalístico é o enfoque deste estudo à medida que o conceito permanece como “uma propriedade de diferentes discursos que têm se enfrentado” (REDCLIFT, 2002, p. 135) na esfera social. No intuito de problematizar esse objeto em disputa, damos ênfase à designação de sustentabilidade, buscando apreender os efeitos de sentido que são constituídos em momentos distintos. O que esta seção propõe, sobretudo, é fazer um resgate de fragmentos que compõem o mosaico de lugares os quais os dizeres analisados por este estudo se filiam, sem, no entanto, pretender alcançar os limites de compreensão da noção de sustentabilidade.

A designação reconstitui uma série de acontecimentos, sintomáticos do surgimento da crise ambiental na década de 1960. Nesse contexto, o livro *Primavera Silenciosa*, lançado em 1962 por Rachel Carson, obtém notoriedade como um dos primeiros alertas para as problemáticas do uso de pesticidas ao meio ambiente e ao ser humano. Os sinais latentes de degradação de ecossistemas e esgotamento da capacidade de exploração dos recursos naturais figuram no relatório *Os Limites do Crescimento*, publicado em 1972, que diagnostica a incapacidade de manter os níveis de crescimento populacional e de consumo. O documento repercutiu na Conferência de Estocolmo, realizada no mesmo ano, o primeiro encontro da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre meio ambiente.

Em específico, o conceito de sustentabilidade ressoa na esfera pública com a divulgação do Relatório Brundtland, apresentado em 1987, como parte dos esforços da ONU em qualificar o processo de degradação ambiental e estabelecer saídas para a crise ecológica, celebrando a definição de desenvolvimento sustentável como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 46). A polissemia da noção permitiu uma disputa conceitual entre uma visão reformista e tecnológica, alinhada com o modelo de desenvolvimento vigente, e uma visão ecológica, defensora de um comprometimento com mudanças profundas na sociedade. Ainda hoje, “a sustentabilidade, como um conceito estabelecido, tem frequentemente disfarçado, em vestimentas mais novas, os conflitos entre agendas do passado” (REDCLIFT, 2002, p. 134).

O conceito, a partir da década de 1990, se consolida na agenda política, a partir de um modelo econômico neoliberal que não compreende limites para o desenvolvimento, capitalizando a natureza e impondo a lógica da globalização sobre as formas de existências

locais. (PORTO-GONÇALVES, 2006). Portanto, a visão de uma sustentabilidade que se baseia na racionalidade econômica é ineficaz contra a degradação ambiental e a dissolução das desigualdades sociais, visto que é impossível relacionar o desenvolvimento sustentável às perspectivas do mercado (SACHS, 2009). Deste modo, neste estudo,

Entendemos a sustentabilidade como um conceito em disputa em razão da polissemia do termo, utilizado na economia, na política, na administração, enfim, em variados setores sociais, e pelo uso manipulador das grandes corporações, que se referem à sustentabilidade dos seus mercados e induzem a população a pensar que não causam poluição e devastação, ou que a controlam através de tecnologias ditas sustentáveis. É urgente contribuir para esta desmistificação. (MORAES; FANTE, 2018, p. 61).

Com base nesse conjunto de discussões em andamento, os Estados membros da ONU assinam a Declaração do Milênio das Nações Unidas em setembro de 2000. O documento apresenta o compromisso das nações em reduzir a pobreza extrema, a mortalidade infantil e doenças epidêmicas, garantir educação básica, saúde materna, sustentabilidade ambiental, e promover igualdade de gênero e uma parceria global pelo desenvolvimento. Esses Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), representam uma iniciativa para o desenvolvimento global com metas estipuladas até 2015. Já em 2012, na Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável realizada no Rio de Janeiro, dirigentes mundiais iniciaram a discussão da Agenda 2030, uma série de objetivos que sucedem os ODM, com foco no desenvolvimento sustentável. Ao fim do evento, os países ratificaram o documento “o futuro que queremos”, que estabelece o terreno para a implementação dos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODSs)<sup>22</sup> para sucederem aos ODM em 2015, buscando aprofundar os avanços destes primeiros objetivos<sup>23</sup>, mas promovendo metas mais específicas, sendo elas:

1 - Erradicação da pobreza, meta que propõe acabar as formas de pobreza em todos os lugares a partir de ações para a garantia ao acesso de serviços básicos e proteção social.

---

<sup>22</sup> Os 17 objetivos e suas metas específicas, traduzidas do documento “Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development”, podem ser encontradas no site da ONU Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> Acesso em: 30 de set. de 2022.

<sup>23</sup> Embora os 17 ODSs sejam reconhecidos como uma agenda global para o desenvolvimento sustentável, há iniciativas que buscam repensar sua implementação. O Guia Agenda 2030, organizado por pesquisadores da Unesp e UnB, propõe a inclusão dos ODSs 18 - Igualdade Racial, 19 - Arte, Cultura e Comunicação e 20 - Direitos dos Povos Originários e Comunidades Tradicionais. A exclusão desses temas não apenas invisibiliza grupos sociais vulneráveis, mas também impede a compreensão abrangente de questões sociais relevantes para o Brasil e o mundo, como a luta contra o racismo, a valorização da cultura e da diversidade e a defesa dos direitos dos povos originários e tradicionais. Disponível em: <https://www.guiaagenda2030.org/> Acesso em: 10 de abr. de 2023.

2 - Fome zero e agricultura sustentável, meta que busca alcançar a segurança alimentar a partir de modelos sustentáveis de produção de alimentos, capazes de gerar renda aos pequenos agricultores e difundir tecnologias agrícolas.

3 - Saúde e bem-estar, meta que demanda a garantia de vida saudável para todos, redução da mortalidade e a contaminação do solo e do ar.

4 - Educação de qualidade, meta que pretende assegurar oportunidade de educação inclusiva e o ensino do desenvolvimento sustentável nas escolas.

5 - Igualdade de gênero, meta que ambiciona o empoderamento de mulheres contra a discriminação e violência, além de oportunidade de participação política.

6 - Água potável e saneamento, meta que propõe o acesso universal à água e ao saneamento básico, proteção de bacias hidrográficas e o fortalecimento da participação de comunidades na gestão da água.

7 - Energia limpa e acessível, meta que busca garantir o acesso à energia sustentável para todos, além do maior uso de energias renováveis.

8 - Trabalho decente e crescimento, meta que demanda o crescimento econômico sustentável, com garantia de trabalho digno. Esse objetivo pretende tornar as economias mais produtivas por meio da modernização tecnológica, sem degradar o meio ambiente.

9 - Indústria, inovação e infraestrutura, meta que pretende fomentar a infraestrutura e a industrialização inclusiva, tecnológica e sustentável.

10 - Redução de desigualdades, meta que ambiciona a inclusão social, econômica e política de todos. O objetivo estabelece ainda a necessidade de crescimento da renda da população pobre.

11 - Cidades e comunidades sustentáveis, meta que propõe tornar as cidades e os assentamentos humanos mais inclusivos e resilientes, além de garantir habitação e uma urbanização sustentável com menor poluição.

12 - Consumo e produção responsável, meta que busca a gestão sustentável dos recursos naturais, redução da produção de resíduos, incentivo às empresas, especialmente as maiores, a adotarem práticas sustentáveis, e por fim, a conscientização de todos para a adoção de um estilo de vida sustentável.

13 - Ação contra a mudança global do clima, meta que demanda ações para o combate às mudanças climáticas, reforçar a resiliência de países e comunidades menos desenvolvidos.

14 - Vida na água, meta que pretende reduzir a poluição de ecossistemas marinhos e o uso sustentável desses recursos.

15 - Vida terrestre, meta que ambiciona a proteção de ecossistemas terrestres, a gestão sustentável de florestas e da biodiversidade, além de acabar com o desmatamento.

16 - Paz, justiça e instituições eficazes, meta que propõe o fortalecimento de instituições contra a violência, mortalidade, abusos e exploração.

17 - Parcerias e meios de implementação, meta que busca fortalecer parcerias globais para o desenvolvimento sustentável, ajuda financeira a países em desenvolvimento, cooperação tecnológica e parcerias público-privadas.

Retomemos as bases da discussão ambiental. A preocupação com o colapso da autorregulação do planeta abre espaço para uma revisão da racionalidade econômica dominante, indicando soluções por via de uma racionalidade ambiental (LEFF, 2012). O estabelecimento de uma racionalidade ambiental surge dos esforços do assentamento de novas condições ideológicas, valores de diversidade cultural, democracia, e uma nova visão produtiva. Essa necessidade está interligada, segundo o autor, com a impossibilidade de se solucionar a crise ambiental apenas por regulações do campo econômico. Assim, a racionalidade ambiental é um processo político e social, em confrontação com a racionalidade econômica que busca reorientar as tendências dos padrões de produção e das práticas de consumo.

A multiplicidade de saberes ambientais dentro da racionalidade homônima permite compreender o ambientalismo, enquanto movimento e discurso de diferentes correntes e visões que propõe novas práticas nos diversos ramos da sociedade. As políticas prospectadas pelo ambientalismo se abrem em um campo heterogêneo, marcado por conflitos de perspectivas ideológicas, contudo, unidas pelo entendimento de uma ressignificação ética de determinadas condições ecológicas e culturais (LEFF, 2012).

O ambientalismo se disseminou por diversos enfoques, entre eles, o paradigma da ecologia profunda, defendido por Capra (2006), que busca estabelecer um olhar sistêmico sobre o mundo, com caráter biocêntrico, isto é, colocando a biosfera na centralidade do universo. A ecologia profunda se opõe ao modelo capitalista, bem como a ecologia rasa, paradigma que defende a preservação da natureza, embora sob olhar antropocêntrico.

Já na proposta teórica de Caporal e Costabeber (2000), o discurso da sustentabilidade é constituído a partir de duas perspectivas: ecossocial e ecotecnocrática. Na corrente ecossocial, os autores convergem o discurso culturalista, que propõe uma relação cultural e espiritual com a natureza, criticando a cultura ocidental, e o discurso ecossocialista, que parte da economia política para uma crítica ao mercado, ao desenvolvimento convencional e à acumulação capitalista. A perspectiva ecossocial, portanto, se compromete com transformações no modelo

de desenvolvimento, capazes de abarcar um projeto de solidariedade. A corrente ecotecnocrática reproduz a proposta do Relatório Brundtland de crescimento econômico continuado, garantido pelo otimismo com as soluções tecnológicas e os instrumentos de mercado.

A razão instrumental ameaça não apenas o mundo e a natureza, mas o paradigma civilizatório imprime também um domínio do Outro a ser superado. A ecologia reivindica uma ética transformadora, que intenta modificar a nossa relação com o mundo. Essa necessidade de mudanças, como o desenvolvimento autossustentado, a não violência e a deferência à diferença estão congregados no movimento ecológico. O reconhecimento do lugar do Outro e dos múltiplos mundos, diz Krenak (2019), parte do resgate da cosmovisão, uma nova relação com alteridade tal como aquelas impetradas nas tradições de povos originários. Engendrar uma nova postura exige negar a abstração de unidade, e o homem como um parâmetro permissivo à reordenação de relações e espaços. Ao excluir os modos de organização não guiadas por ordem financeira, a sociedade está “pondo em risco todas as outras formas de viver — [...] e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres” (KRENAK, 2019, p. 32, grifo do autor).

### 3 O JORNALISMO E SEUS (DES)ENCONTROS

No intuito de apresentarmos a problemática que intitula este capítulo, detemo-nos na partilha de valores e crenças que constitui o estatuto jornalístico. Signo das correspondências imaginárias que se imiscuem no dizer jornalístico, o estatuto estabelece negociações de sentido, sem esquivar-se, no entanto, das contradições e tensionamentos que formam sulcos na materialidade discursiva. Esses valores para o dizer possibilitam que tomemos o jornalismo não somente como uma prática enredada frente a outros campos, mas como um conhecimento cristalizado no singular (GENRO FILHO, 1987), constituído sob determinadas condições e conformado a um dado modo de apreensão da realidade. Compete-nos, então, demarcar o entendimento de jornalismo para situar o terreno em que fundamentamos a discussão. O percurso deste capítulo é constituído de modo a problematizar as significações do jornalismo na apreensão da realidade, investigando o estatuto jornalístico e o ideal de pluralidade, em um primeiro movimento, introduzindo o jornalismo de soluções e o jornalismo construtivo, em um segundo momento, e debatendo o jornalismo ambiental, posteriormente, de modo a alcançar os seus alicerces teóricos.

#### 3.1 JORNALISMO E AS SIGNIFICAÇÕES DA REALIDADE

A singularidade do jornalismo reside, nos termos de Kovach e Rosenstiel (2014), na função que desempenha na sociedade, auxiliando a interpretar o mundo, com base em informação apurada, confiável e compreensível. Além de constituir-se como um conhecimento da realidade, os autores acrescentam que o jornalismo, em seus fluxos constantes de informação, é muito mais um processo do que um produto. Diante da dualidade produto-processo na significação do jornalismo, observamos a reflexão sobre a epistemologia em Silva (2009), a fim de pensar a compreensão do fenômeno jornalístico. Tal como alerta a autora, a episteme do Jornalismo não se situa nos produtos da prática jornalística, tampouco na descrição das rotinas produtivas. Assim, a empiria da prática, ou mesmo a Teoria da Notícia, não respondem à Teoria do Jornalismo.

Se for o caso de pretender chegar à natureza do objeto de estudo, seria à natureza do fenômeno jornalístico, apreendido não apenas como prática profissional, mas em sua integralidade, em sua configuração social, política, econômica tecnológica, como discurso, narração, imaginário, técnica e manifestação cultural; como constituído e constituinte da vida em sociedade (SILVA, 2009, p. 207).

Nesse sentido, o jornalismo se inscreve nas lógicas midiáticas, espaço em que, conforme Silverstone (2005), as realidades cotidianas são moldadas e projetadas, constituindo referências que sustentam o senso comum. A proposição do autor sobre os produtos midiáticos estabelece interlocuções com o jornalismo, à medida que sugere a dependência dos meios à partilha do senso comum com os leitores, desdobrando leituras possíveis sobre o contexto social e os acontecimentos. Nessa ordem do senso comum, as significações midiáticas aproximam o outro, confrontam o público com a diferença, seus valores, atitudes e experiências, permitindo que o leitor se situe no cotidiano.

As experiências dos espaços midiáticos são particulares, conforme Silverstone (2005), porque as narrativas do cotidiano, tal qual as do jornalismo, estabelecem inter-relações do leitor com os sujeitos que lhe são apresentados, o que implica em um encontro com a diferença. Encontro que resulta de um gesto de leitura do jornalismo, um recorte da realidade fundado na ficcionalidade de completude do relato e que, portanto, pressupõe a impossibilidade de capturar a totalidade. Se a experiência da realidade é estruturada pelos produtos midiáticos, a partir de pontos de ancoragem e percepção, entendemos que a prática jornalística é expressão da contemporaneidade, pois é fundada pelas (des)continuidades da formação social, assim como é fundante de dizeres que abrangem os movimentos da sociedade.

A prática jornalística apreende fragmentos da realidade, promovendo a organização temporal do cotidiano. Também é um gesto narrativo possível, podendo ser sempre constituído de outra maneira, interpretando e organizando a realidade de modos distintos, o que caracteriza o texto jornalístico como uma construção social. Nessa premissa, o jornalismo se constitui por uma rede de interações que mantém com agentes sociais. Recuperando a contribuição de Traquina (2005a), depreendemos, ao menos, três constatações: a distinção radical entre realidade e jornalismo é equívoca, pois esse último constitui, em parte, a primeira; a neutralidade da linguagem é uma ilusão; e por fim, o jornalismo estrutura inevitavelmente sua representação dos acontecimentos.

Conforme a realidade é tecida, o jornalismo estabelece um corte no espaço e no tempo, organiza significações sobre temas e acontecimentos, constitui uma experiência social do presente, orienta a atualidade e indica a condição em que o tempo do mundo é apreendido, tornando-se realidade construída. A atualidade é determinada pela singularidade do relato jornalístico, que intenta capturar o novo, noticiar o distinto. A efemeridade e a continuidade, aspectos da experiência da temporalidade jornalística, compreendem, então, duas ordens: a

velocidade das coisas e a velocidade da produção noticiosa. Trata-se do tempo do mundo, em sua complexidade, e o tempo do jornalismo, que busca alcançá-lo.

Componente estatutário do jornalismo, a atualidade configura um valor para o fazer, determinante para o reconhecimento de sua legitimidade entre os leitores. Isso porque, de acordo com Rodrigo Alsina (1993), a construção social da realidade pelo jornalismo é dada pela institucionalização de sua prática, em um processo social determinado e subjetivamente constituído. Deste modo, ao jornalista é facultada a competência de produzir em seu relato construções da realidade publicamente relevantes, orientadas pela partilha de valores, tal como a atualidade. Nos termos de Traquina (2005b), a institucionalidade da prática jornalística é forjada por uma identidade profissional que concebe maneiras de agir e dizer sobre o mundo. Esses valores partilhados fornecem pontos de referência para a comunidade jornalística e os leitores, orientando a escritura das notícias por itinerários possíveis. A legitimidade social do jornalismo deriva de tais símbolos, rituais e mitos, formadores de um “estatuto social” (*ibid.*, p. 36) e simbólico, historicamente atribuído ao campo jornalístico, sendo impetrado no seu imaginário e na ideologia de seus sujeitos.

No caso do estatuto simbólico<sup>24</sup>, entendemos tratar-se da crença em uma constelação de valores e símbolos norteadores do jornalismo, que se estabelece em uma dualidade: no imaginário institucional da prática, além de permear a concepção de notícia e de seus critérios de produção. A competência enunciativa do jornalismo decorre da institucionalização desses valores (TRAQUINA, 2005a), tais como a liberdade, imbricada ao funcionamento da democracia social, desdobrando-se na independência, autonomia, credibilidade e verdade. Igualmente, objetividade e neutralidade<sup>25</sup> se materializam regularmente no estatuto. Essas crenças suscitam o reconhecimento de que o jornalismo detém autoridade e autenticidade para dizer. Para Berger (1996), que conceitua o capital da credibilidade como subordinante do

---

<sup>24</sup> Estes valores partilhados têm sido debatidos a partir de distintos investimentos teóricos. Dentre alguns, recorrentemente mencionados em estudos do discurso, o contrato de comunicação midiático em Patrick Charaudeau e o *ethos* discursivo em Dominique Maingueneau. Compreendemos que esses valores resultam do funcionamento das formações imaginárias.

<sup>25</sup> A noção de objetividade, articulada por Rodrigo Alsina (1993), Tuchman (1999), Traquina (2005a) e Kovach e Rosenstiel (2014), abrange um procedimento profissional e simbólico alegado por jornalistas para assegurar sua credibilidade, mitigando as críticas e contestações. Para Tuchman (1999), trata-se de um ritual simbólico do jornalismo, isto é, uma estratégia que sugere a imparcialidade do relato jornalístico. A autora identifica quatro desses procedimentos: a apresentação de possibilidades de conflitos, a apresentação de provas auxiliares que corroboram a uma afirmação, o uso judicioso de aspas, tomando a opinião de outras pessoas como prova suplementar, e por fim, a estruturação da informação numa sequência apropriada. A objetividade, conforme Kovach e Rosenstiel (2014), torna-se um valor vago quando erroneamente imbricado à neutralidade. Para os autores, o conceito remete ao rigor dos métodos de apuração, de modo que as notícias sejam reconhecidas como confiáveis pelo público, a partir da transparência e verificabilidade da informação.

jornalismo, os efeitos de verdade, constituídos pelas estratégias de comprovação, deslocam-no a um tipo discursivo autoritário, independente e com tendência a posições de sujeito restritas.

Considerando a natureza dogmática deste estatuto simbólico, é possível pensar que nele situam-se pistas que demarcam as fronteiras para o reconhecimento do que é jornalístico. Em outras palavras, o estatuto configura as lógicas que fazem do jornalismo uma instituição competente para (re)construir a realidade, mas também determina as relações com o outro, quer sejam instituições, sujeitos ou outros discursos. Por tratarem-se de crenças, esses valores, ao serem reproduzidos ou contestados nas práticas, constituem um entendimento sobre o campo jornalístico, para os sujeitos dentro dele ou em seu exterior. A contestação ocorre por um desajuste<sup>26</sup> entre o compromisso da crença e o seu funcionamento.

Por deter a competência simbólica de representar a realidade, o jornalismo consiste em uma modalidade social de conhecimento. Inspirado nas categorias de universal, particular e singular<sup>27</sup> Genro Filho (1987) observa que o jornalismo se cristaliza na singularidade. Dito diferentemente, a dimensão da realidade apreendida pelo jornalismo circunscreve-o, propriamente, nos elementos de um fenômeno. A novidade do fato jornalístico, justaposta à imediatividade, é um “dado estrutural da retórica do Jornalismo – a conclusão a que conduz sua argumentação” (MEDITSCH, 1998, p. 33), e que constitui a especificidade de seu conhecimento. Ambos os autores retomam a fundação teórica de Park (2008), que situa a notícia como uma forma de conhecimento<sup>28</sup>, e o jornalismo como instrumento com uma função social. A realidade representada no dizer jornalístico é um recorte no fluxo contínuo, permeado pela dialética social-histórica, o que institui uma perspectiva crítica, na qual se reformula a realidade, torna-a diferente de si mesma (GENRO FILHO, 1987).

Para fins de análise, utilizaremos o conceito de reportagem de Lage (1979, p. 83) o qual afirma que “[...] o essencial na reportagem [...] é que a particularidade [...] assume relativa autonomia ao invés de ser apenas um contexto de significação do singular”. E também, o conceito de notícia, de Traquina (1993, p.169): “[...] o resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”.

---

<sup>26</sup> Afinal, são ideais, ou também mitos, como é caso da neutralidade, uma ficcionalidade encoberta na opacidade da linguagem e que resulta da ordem ideológica do discurso jornalístico.

<sup>27</sup> Genro Filho (1987) toma as categorias de empréstimo dos filósofos Lukács e Hegel. Em contraste ao jornalismo, o autor compreende que o conhecimento da ciência se volta ao universal, e das artes, ao particular.

<sup>28</sup> O tipo de conhecimento produzido pelas notícias, de acordo com Park (2008), se situa entre a familiaridade com (*acquaintance with*), um conhecimento do senso comum, superficial, pertencente ao cotidiano, e conhecimento sobre (*knowledge about*), tipo de interpretação racional, sistemática e precisa.

Diante da partilha do relato, problematizar o ideal de pluralidade no jornalismo fornece direcionamentos para a reflexão do modo que a complexidade do cotidiano se traduz no texto jornalístico. Afinal, constituir um retrato representativo da realidade, esclarecendo o leitor de sua diversidade, depende do confronto com a diferença. Nesse sentido, dialogamos com a interpretação de Reginato (2016, p. 205), para quem “a pluralidade é um valor central e definidor do jornalismo, e a informação deve formar cidadãos mais esclarecidos sobre a diversidade do mundo”. Desse modo, o esclarecimento do leitor, subjacente a essa pluralidade, decorre desde que apresentado ao que lhe é diferente, e possivelmente estranho.

Expressar a pluralidade do mundo, (entendendo, pela premissa discursiva, tratar-se de uma tarefa impossível em sua totalidade) é dependente, conforme Meditsch (1998), da contextualização do texto como processo que constitui um conhecimento holístico e sintético sobre a realidade. Deste modo, o contexto abrange o singular, estabelecendo um ponto de referência pelo qual o jornalismo aproxima-se do ideal de pluralidade, de forma a mobilizar olhares mais abrangentes. Isso significa, nos termos de Reginato (2016), orientar o jornalismo ao dissenso, às divergências estruturais e às contradições subjacentes à sociedade.

O desafio de esquivar-se da uniformidade de pontos de vista, no entanto, esbarra no esforço de consenso que o jornalismo promove. Assumindo que esse consenso se trata de uma incompletude, é possível depreender que ele é sempre ficcional, uma tentativa de conter a dispersão de sentidos e promover um efeito de totalidade e coerência ao dizer jornalístico. Nas palavras de Benetti (2010), um efeito de literalidade e verdade que mascara o dissenso da sociedade. A objetividade jornalística, que preconiza ouvir “os dois lados” envolvidos em um acontecimento, pode acabar encobrendo uma diversidade de posições de sujeito e restringindo a polifonia do discurso jornalístico. Em outras palavras, a realidade se constitui de múltiplos “lados”. As relações de poder-saber intrincadas ao jornalismo motivam interdições nos quadros de sentidos produzidos sobre a realidade. É o que a autora define como lugar fundamental do silenciamento, que aflora na dificuldade, impossibilidade ou negligência em ouvir o outro, mesmo compreendendo a multiplicidade da diferença. Assim, a prática discursiva do jornalismo “acomoda o diferente na ordem de um regime discursivo – terminam por estabelecer, indiretamente, um suposto consenso social” (*ibid.*, p. 162).

O pluralismo pressupõe, assim, uma dialética do jornalismo com a alteridade discursiva, ou seja, com distintas vozes e memórias dissonantes, demarcando o seu discurso como heterogêneo, a partir de múltiplas perspectivas de enunciação (REGINATO, 2016). Devido a tal condição, a pluralidade de vozes não se refere aos indivíduos empíricos, mas carrega consigo traços das posições ocupadas pelos sujeitos no discurso. Em conformidade

com a reflexão da autora, podemos dizer que o ideal de pluralidade<sup>29</sup> consiste em um modo do jornalismo interpretar o mundo, visando capturar, a partir de função mediadora que detém, a simbiose componente da realidade. Entendemos que sua base fundamental está no reconhecimento do outro.

### 3.2 JORNALISMO PROPOSITIVO: BREVE TENTATIVA DE DELIMITAÇÃO

No texto institucional de lançamento do projeto editorial Ecoa, o UOL o define como jornalismo propositivo (UOL..., 2019). Na literatura acadêmica, no entanto, há uma quantidade escassa de menções ao termo, predominantemente restritas a artigos de opinião que não constituem quaisquer enquadramentos teóricos ao conceito. A expressão “jornalismo propositivo” não retornou nenhum registro na Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses (BBDT) e tampouco no Portal de Periódicos da Capes. A ausência de produções acadêmicas sugere que o tema é inexplorado, sem uma base teórica assentada.

Em um estudo sobre o Ecoa, Borges (2021) investiga o uso de técnicas do jornalismo de soluções nas produções jornalísticas do projeto editorial, buscando aproximações com correntes como o jornalismo construtivo, e o próprio jornalismo propositivo, perspectiva essa que a autora considera ainda não ser elaborada academicamente. Em suas considerações de análise, a autora considera que

foi possível perceber que algumas das boas notícias da Ecoa, termo geral usado nesse trabalho para produções jornalísticas e jornalísticas com viés positivo, incorporam o Jornalismo de Soluções em suas produções como uma forma de reforçar o poder transformador das atitudes tomadas por pessoas ou empresas. Mesmo que não tenham sido encontrados números expressivos de Jornalismo de Soluções, elementos típicos da corrente foram identificados nos textos analisados (BORGES, 2021, p. 92).

Além disso, a pesquisa indica no projeto editorial traços da proposta de jornalismo construtivo. Acreditamos que o Ecoa não se restringe exatamente em nenhuma dessas classificações teóricas, e consideramos que “os textos possuem objetivos diferentes de apenas cumprir todos os itens que os transformariam em uma das correntes” (BORGES, 2021, p. 88).

---

<sup>29</sup> Na reflexão proposta por Silverstone (2005) sobre os dispositivos midiáticos, o autor observa que a pluralidade é o fundamento sobre o qual os meios atuam (ou deveriam atuar), aproximando o público do outro material e simbólico, e assim, apresentam novas formas de ser e agir. Trata-se de “uma dialética em que a mídia está crucialmente envolvida. De fato, seria possível dizer, [...], que é esse o projeto da mídia *par excellence*” (*ibid.*, 278).

As perspectivas de jornalismo de soluções e jornalismo construtivista, ainda assim, são produtivas para caracterizar essa prática jornalística.

A perspectiva de jornalismo de soluções, de acordo com a *Solutions Journalism Network*<sup>30</sup>, busca viabilizar abordagens contextualizadas, centradas nas respostas para os desafios sociais, como uma alternativa para a percepção de apatia gerada por notícias que enfatizam somente os problemas. Ao apresentar soluções, segundo Souza (2017), o jornalismo gera um relato da realidade minucioso e educativo, além de encorajar o leitor à participação cívica.

O jornalismo orientado para soluções toma de empréstimo princípios e ferramentas de outras abordagens jornalísticas, que buscam aprofundar aspectos dos fatos noticiados, tais como o jornalismo para a paz<sup>31</sup> (*peace journalism*) e o jornalismo cívico/público<sup>32</sup> (*civic/public journalism*) (WENZEL; GERSON; MORENO, 2016). Para as autoras, o direcionamento dos textos jornalísticos para as soluções não se confunde com histórias de boas notícias, que evidenciam indivíduos visionários com atitudes positivas, e que não examinam os fenômenos reportados de maneira abrangente. Ao invés disso, essas práticas jornalísticas promovem um olhar sistêmico para a noticiabilidade e o engajamento dos leitores, o que aproxima, diríamos, o jornalismo de soluções das premissas do jornalismo ambiental, como discutimos na seção seguinte.

A proposta de jornalismo construtivo (*constructive journalism*), por sua vez, possui correspondências com o jornalismo de soluções, enquanto uma cobertura positiva e centrada em soluções, crítica, fundamentada no impacto das notícias no comportamento (SOUZA, 2017). A principal distinção entre as duas perspectivas teóricas, segundo a autora, é o aproveitamento de técnicas da psicologia positiva para engajar o público no jornalismo construtivo. O jornalismo de soluções, diferentemente, compreende que os efeitos de notícias positivas são um efeito posterior, sendo o enfoque principal produzir textos que aprofundem as respostas dos problemas.

---

<sup>30</sup> Trata-se de uma organização sem fins lucrativos que busca difundir o jornalismo de soluções. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/> Acesso em: 8 de jan. de 2023.

<sup>31</sup> O jornalismo para a paz surge a partir da década de 1960 e questiona o conflito como critério de noticiabilidade. De natureza responsável e intervencionista, propõe uma abordagem voltada para o acordo, explorando as circunstâncias e sugerindo estratégias de resolução (WENZEL; GERSON; MORENO, 2016).

<sup>32</sup> O jornalismo cívico ou público, conforme Wenzel, Gerson e Moreno (2016), surge em 1990 como uma prática que mobiliza as pessoas à responsabilidade de cidadania, não as restringindo a posição de vítimas ou espectadores, o que as leva a integrar o debate público. Segundo Souza (2017), o jornalismo cívico possui uma inspiração na ideologia comunitária, centrada na participação dos indivíduos na vida política e social. O que o distingue do jornalismo de soluções, de acordo com a autora, é a sua maior abrangência, sem características tão delimitadas.

### 3.3 UMA PROPOSIÇÃO ECOLÓGICA DO JORNALISMO

Nos meandros do discurso, o jornalismo materializa o complexo movimento de formações sociais e o emaranhamento de conflitos sociopolíticos. Nesse espaço de tensões, a emergência da crise ambiental mobiliza uma rede de sentidos em disputa. Essa problemática contemporânea, sintoma de uma deterioração na relação humano-natureza-cosmos, impõe um cenário de desequilíbrio planetário e destruição ecológica. Procuramos, assim, instaurar um âmbito de discussão que se concentre além das funções do jornalismo defronte a crise ambiental. O gesto de observarmos a postura do jornalismo nessa conjuntura consiste, no entanto, em uma possibilidade de problematização de seu quadro epistemológico. Portanto, cabe-nos apreender uma proposição ecológica da prática jornalística, percepção esta que incide em suas leituras de mundo e em sua maneira de agir.

Ao constituir um modo de ação, o jornalismo materializa em seu discurso uma tessitura de sentidos e saberes que conformam um prisma da realidade. A leitura jornalística se fragmenta e se especializa conforme uma série de novas práticas passam a ser adotadas. Essa visada à especialização parte de uma demanda por reconhecimento da singularidade e complexidade das questões contemporâneas. No jornalismo, essas especialidades estabelecem relações com um público segmentado, como também com a sociedade e, assim, essas leituras compartilham um conjunto de valores com os leitores, produzindo sentidos específicos sobre os acontecimentos e inscrevendo uma posição frente a eles.

O jornalismo especializado instaura interlocuções com os distintos segmentos da sociedade, nas quais “apresenta-se uma forma específica de enunciação e, conseqüentemente, de discurso. Há, nelas, também, uma forma de ver a realidade e, ao mesmo tempo, uma sensibilidade própria para falar da mesma”. (TAVARES, 2007, p. 48). Sendo um artífice de leituras de mundo, como afirma o autor, o jornalismo busca apreender os problemas efêmeros do cotidiano e acompanhar a formação de identidades. Esses vestígios sociais inscritos no discurso provocam rupturas nos modos de dizer, abrigam a diferença, isto é, uma polissemia fundante de sentidos ímpares.

Os múltiplos desdobramentos do jornalismo tornam-se possibilidade de observar os deslocamentos de suas formas específicas de enunciação, entre as quais, o jornalismo ambiental, que surge, inicialmente, como uma especialização. Os alertas científicos recorrentes sobre a emergência climática e o aquecimento global ampliam a preocupação que a sociedade possui sobre o assunto. Em paralelo, uma perspectiva de ecologia populariza-se como estilo de vida almejado, a partir da pretensão da diminuição do impacto humano ao

meio ambiente e o conseqüente aumento da qualidade de vida, impulsionando o interesse público pela temática ambiental. Se, como discutimos, a especialização é correlata ao interesse em compartimentalizar certos debates, compreendemos que essa perspectiva é limitante à complexidade do jornalismo ambiental, dado que a problemática ecológica se estende a distintas ordens (GIRARDI, *et al.*, 2012). Esse entendimento aprimora o seu quadro epistemológico, pois o ambiental está além de um tema contido no jornalismo, como em outras especialidades (econômico, cultural, científico, etc.). Trata-se de uma questão transversal a toda prática jornalística.

Esse discernimento constitui uma cisão entre o jornalismo sobre o meio ambiente e o jornalismo ambiental, enquanto o primeiro trata o tema ambiental no texto jornalístico, no último, há uma incorporação de uma perspectiva ambiental. Essa distinção de Gavirati (2013) acerca de tema e perspectiva ambiental se expande a uma divisão entre o jornalismo ambiental empírico, referente à especialização profissional, e o jornalismo ambiental conceitual, enquanto uma concepção transformadora do jornalismo. Deste modo, o jornalismo ambiental compreende, conforme o autor, ambas as categorias, que correspondem uma a outra. A definição desse conceito perpassa os discursos jornalístico, político, acadêmico e ambientalista e seus deslocamentos ideológicos, capazes de afetá-lo.

A autonomia do jornalismo ambiental se materializa em sua proposta engajada, sistêmica e pedagógica; um contraponto à crença na neutralidade do discurso jornalístico. Entre diversas percepções, a definição conceitual de Girardi *et al.* (2012, p. 137) assume que “o jornalismo ambiental extrapola” a uniformidade temática, a restrição das coberturas, a limitação de vozes e o esvaziamento de saberes, afinal, “a concepção é *outra*” (idem, grifo nosso). Há nessa formulação, um deslocamento do jornalismo rumo à exterioridade, ou melhor, uma transcendência da prática que busca consolidar o eixo da complexidade, tal como defendido por Morin (2011).

Por ser sistêmico, o jornalismo ambiental diverge e relega a prática mecanicista que limita a constituição de notícias ao reducionismo e ao superficial, sem propor um aprofundamento conceitual sobre as questões que rodeiam um acontecimento, como a multiplicidade de disputas sociais (MORAES; FANTE, 2018). Nesse sentido, entendemos que a prática jornalística deve mobilizar aspectos segmentados e dispersos, que, articulados, ampliam o cenário de entendimento das questões entrelaçadas, a partir da regularidade de uma cobertura jornalística que apresente em seus relatos enfoques complexos sobre a emergência da crise ambiental.

Por conter esses traços, o jornalismo ambiental não se encerra em uma especialização, ao contrário, excede-a, de modo a apreender as formas heterogêneas de ser, o mosaico de elementos que circunscrevem o todo e as problemáticas que atravessam diversas instâncias do mundo, afetando-o. O jornalismo ambiental se configura, deste modo, como ferramenta produtora e reflexiva que, fundamentando-se na dimensão ecológica e nas suas potencialidades, expande e dissolve sua unidade, articula outros temas e deixa-se saturar por outros saberes. Compreende, assim, que se faz pela presença do outro. O jornalismo ambiental estabelece uma prática que não restringe seu fazer, abrangendo a complexidade de fatores econômicos, sociais e culturais e, por isso, se pluraliza nos diversos fazeres jornalísticos.

O jornalismo ambiental se constitui enquanto prática engajada, reconhecadora das inter-relações entre os elementos em debate. O engajamento indica uma ruptura com as crenças institucionalizadas pelo discurso jornalístico, assume a inscrição no discurso ambientalista, como também, prenuncia a mobilização das vozes de comunidades e indivíduos notadamente ignorados pela prática tradicional e factual do jornalismo. O comprometimento configura, no entendimento de Bueno (2007), uma condição de vanguarda do jornalismo ambiental, um caráter militante, que o autor considera um dever fundamental dos profissionais atuantes na área. Entretanto, segundo Moraes (2015), o papel social é pressionado pela racionalidade econômica, no qual o jornalismo tradicional se inscreve. Subordinado a essas pressões, isto é, as disputas e contestações que se materializam no discurso, o jornalismo ambiental se posiciona nesse entremeio, inscrevendo para si um lugar discursivo.

Nesse deslocamento, essa prática consolida uma ética que lhe é própria, o que ocorre a partir do comprometimento do jornalista e de sua leitura do mundo com as demandas ambientais e sociais. Deste modo, o jornalismo ambiental busca apreender os pontos de intersecção nas relações humano-natureza. Além da proposta sistêmica e engajada, há um caráter pedagógico e cidadão, que busca instigar uma competência didática aos relatos jornalísticos cotidianos que versem sobre questões ambientais, instruindo leitores e jornalistas sobre os seus aspectos. O jornalismo ambiental, assim, explora os modos de educar o leitor de forma que a informação possa ser transformadora e decisiva na formação de sua opinião sobre o tema, de modo que o interesse público sobre a dimensão ecológica e seus saberes e vozes sejam aprimorados, promovendo uma maneira de agir comprometida com a manutenção ecossistêmica.

O propósito pedagógico do jornalismo ambiental se inscreve no contraste de uma prática linguística que se quer simplificada, aproximando o leitor leigo da dimensão ecológica e os seus conceitos em debate; e em um fazer complexo que rejeita a segmentação, a compartimentalização de um tema em partes, buscando se distanciar de um enfoque estritamente científico e disciplinar. Essa tessitura é dada pela contextualização dos matizes que formam o jornalismo ambiental, sem se uniformizar no âmbito ecológico, mas tecendo sentidos a partir de outros saberes, como aqueles de movimentos sociais, de povos originários, das políticas minoritárias, etc. Assim, tampouco deve se limitar a uma editoria, o jornalismo ambiental funda-se em um atravessamento de diversas editorias jornalísticas.

Ao mobilizar múltiplas vozes, discursos e saberes, o jornalismo adentra o terreno movediço de dizeres alheios, da alteridade que o constitui. Esse ato contínuo de atravessar e ser atravessado pelo outro compreende um *ethos* ecológico, pois reconhece as múltiplas e controversas existências e maneiras de agir. Nesse cenário, Girardi *et al.* (2012, p. 136) inscrevem a proposta de jornalismo em uma dimensão ecológica, na qual “uma atitude de alteridade é, marcadamente, o elemento primordial para o fazer”. Tomamos essa premissa como alicerce para mobilizar, neste estudo, as inter-relações do outro na constituição heterogênea do dizer do jornalismo.

Ao registrar a alteridade como a condição inaugural do jornalismo, os autores propõem um percurso para a conceituação do jornalismo ambiental que perpassa o exercício dialógico, enredando interlocuções com o outro. O elemento basilar à prática jornalística é, nessa concepção, a diferença, através das relações dialéticas que a fazem identificar os valores do outro, e a partir desse deslocamento, dispor o seu lugar no discurso.

Essa interlocução ampara olhares mais abrangentes no jornalismo, e suscita uma trama de conexões com o mundo. Inspirados em Paulo Freire, Girardi *et al.* (2012, p. 147) compreendem um potencial de transformação no jornalismo, a partir das dimensões mais abrangentes da realidade, e assim, a possibilidade de estabelecer uma interação dialógica na qual “o jornalismo fala das e deixa falar as diferentes vozes”, isto é, enreda a singularidade dos sujeitos, mas é, também, enredado nesse gesto. Trata-se de tornar o jornalismo em uma efetiva força de cristalização da cidadania, de modo a “incorporar a participação, elemento central do nosso tempo, em que os cidadãos têm a possibilidade de serem incluídos mais fortemente na discussão da vida social, trazendo luzes para as preocupações ambientais” (GIRARDI *et al.*, 2012, p. 149).

A inclusão de distintos sujeitos em sua prática, entretanto, não sugere um emprego instrumental, menção a dizeres que apenas compõem o texto jornalístico, legitimando-o. Ao

contrário, o jornalismo ambiental inscreve na materialidade linguística a rede dialógica que compõe com o outro, se impregnando desses narrares e englobando suas particularidades e reivindicações. Esse deslocamento em direção às pretensões de outros sujeitos respalda a manutenção das diversidades culturais, a abrangência de relações sociais, de modo que nessa partilha de si, o jornalismo distingue sua prática. Deste modo, é preciso promover um liame, no qual a presença da alteridade no texto jornalístico deriva na democratização de saberes e na diversidade de indivíduos em círculos de debate sociopolítico.

A importância da participação do outro designa múltiplos desdobramentos que incidem no esforço de superar o *modus operandi* do jornalismo tradicional e factual em priorizar esquemas regulares, unilaterais, que, como afirmam Girardi *et al.* (2012), se encerram na crença de neutralidade e na racionalidade, sem reconhecer que a dinâmica comunicacional é sempre divergente, afetada pela alteridade. Desse processo, decorre um apagamento de sentidos dos acontecimentos, o que limita quadros interpretativos mais amplos, especialmente quando tratando de riscos climáticos, o que exige um debate social condizente com sua urgência (LOOSE; GIRARDI, 2018).

As catástrofes climáticas tensionam os valores que determinam a noticiabilidade. Primeiro, a dinâmica do planeta se apresenta instável, de modo que a sua estabilidade entra em colapso e impõe a necessidade de rearranjar as práticas do ser humano. Como afirma Latour (2014), trata-se de constatar o jornalismo como experiência antropocêntrica do mundo, porque não há no relato jornalístico o reconhecimento da agência de atores não-humanos. Por fim, a imprevisibilidade transparece falhas do jornalismo em esclarecer os riscos climáticos e orientar preventivamente acerca de cenários de ameaças vindouras. O caráter imensurável da emergência climática confronta a obsessão de noticiar a realidade palpável. Os seus riscos abrem precedentes para a necessária modificação da “lógica de produzir a partir dos ocorridos (de um passado imediato ou mesmo do presente) para construir relatos que possam alterar a realidade, sob um olhar que antecipa, que se preocupa com o futuro.” (LOOSE; GIRARDI, 2018, p. 219).

O jornalismo ambiental, em contrapartida, propõe uma elevação de sua potencialidade geradora, de modo a evitar que o discurso jornalístico se reduza ao consenso, ao tangível, ou a uma homogeneidade que interdita suas ressignificações. Assim, o jornalismo ambiental está imbuído de uma ética da ordem extra científica, a qual o jornalismo científico é incapaz de dar conta (GIRARDI *et al.*, 2012). A ausência questionada refere-se a uma simplificação de paradigmas, um esforço em eliminar a desordem dos fenômenos e definir uma unidade que ignora o múltiplo. A simplicidade, no entanto, é incapaz de apreender a complexidade, que

por sua vez, demanda práticas multidimensionais, capazes de compreender as conexões tramadas entre ordem e desordem. Portanto,

a complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima, ao contrário da ordem/desordem estatística, onde a ordem (pobre e estática) reina no nível das grandes populações e a desordem (pobre, porque pura indeterminação) reina no nível das unidades elementares (MORIN, 2011, p. 35).

Há, nessa mescla de ordem e desordem, a transversalidade de práticas mais abrangentes, que buscam superar fazeres compartimentalizados. No jornalismo, a fragmentação desconsidera, segundo Girardi *et al.* (2012, p. 148), “uma interação dialética de singularidades, oposições e possibilidades”, encerrando-se em sínteses limitantes que apagam a multiplicidade de vozes, discursos e saberes passíveis de compor um desarranjo-rearranjo da prática jornalística. Esse fechamento coeso e uniforme evidencia a aversão do jornalismo ao irregular e ao reconhecimento de uma pluralidade de aspectos ausentes no relato de um tema.

Delimitando uma posição divergente, o jornalismo ambiental recorre aos pressupostos de uma literatura ampla sobre as ecologias para estabelecer seu quadro epistemológico. Em um esforço de revisão das contribuições de diversos pesquisadores, Loose e Girardi (2017) compilam seis premissas<sup>33</sup> que regularmente advém dos estudos desse campo, listadas a seguir:

1. ênfase na contextualização, em contraste a fragmentação e compartimentalização que interdita olhares sistêmicos e complexos;
2. pluralidade de vozes, em uma ruptura com uma tendência monológica do saber científico no jornalismo, abrangendo as vozes que não detém legitimidade social ou política;
3. assimilação do saber ambiental, na proposta do jornalismo como prática transformadora, a partir da adoção de valores e da consciência ambiental;
4. cobertura próxima a realidade do leitor, em abordagens amplas que estabeleçam interconexões entre distintas escalas, como economia, cultura, meio ambiente, etc.;
5. comprometimento com a qualificação da informação, em contraponto a crença de neutralidade do discurso jornalístico que rejeita uma atitude ética, engajada e militante;
6. responsabilidade com a mudança de pensamento, em um compromisso do jornalismo ambiental com a participação social, cidadania e justiça ambiental.

Esse mapeamento, deste modo, direciona as bases que respaldam formas mais abrangentes de agir. Retomando a premissa de que a atitude de alteridade é fundante da

---

<sup>33</sup> Em uma (re)leitura posterior, as autoras sugerem ainda um sétimo pressuposto, a incorporação do princípio de precaução, indicando a necessidade de orientação do jornalismo ao tempo futuro. Ver: GIRARDI, I.; *et al.* A contribuição do princípio de precaução para a epistemologia do jornalismo ambiental. Revista Reciis. 2020.

prática jornalística, podemos afirmar que o encontro com o outro é essencial no quadro epistemológico do jornalismo ambiental. Isso se manifesta na ênfase dada à contextualização, que busca superar a fragmentação e a homogeneização, culminando na pluralidade de vozes. Nesse sentido, é necessário promover a abertura para a polifonia e o diálogo, a fim de assimilar o saber ambiental a partir de uma reformulação da consciência dos jornalistas e do público. Essa transformação é possível por meio de articulações que valorizem a diversidade, permitindo a superação de saberes cristalizados.

Ao determinar em seu texto os ângulos determinantes de um acontecimento, o jornalismo pode encobrir, no gesto de fechamento de seu discurso, as múltiplas posições-sujeito e apagar o atravessamento do outro em seu dizer. É importante reconhecer a diferença como contribuição, permitindo a abertura ao múltiplo. Deste modo, é possível afirmar que o jornalismo é interlocutor que se posiciona em relação aos objetos em disputa na dinâmica social, ao passo que atende ou ignora as vozes reclamantes em um conflito. O esforço de consenso é, também, um gesto de fechamento, que, contudo, nunca ocorre, porque há sempre algo que lhe escapa. Na pretensão de ser informante do que é necessário saber, a complexidade do acontecimento é reduzida, a diferença é simplificada.

Ao reconhecer que a prática discursiva do jornalismo leva a cristalização de um conhecimento, entendemos que a produção desse conhecimento afeta a alteridade. Ao passo que se propõe a ouvir o outro, o jornalismo exercita o caráter cidadão que lhe deve ser intrincado. A afetação que o jornalismo realiza é um gesto de reconhecimento, de visibilidade para a existência do outro. Ao noticiar, o jornalismo se coloca em zona fronteira de contato. Isso significa também que o jornalismo falha em seu gesto tentativo de apresentar todos os aspectos da realidade. Afinal, o esforço de consenso compromete a complexidade, promove um quadro, evidencia um ponto, deixando escapar o Outro. A falha não é sempre o que compromete e invalida, mas um deslize intrínseco à prática jornalística. O jornalismo ambiental, portanto, se singulariza enquanto prática que reconhece e evidencia sua fundação na alteridade, que costura conexões, valorizando a complexidade dos múltiplos campos, saberes e vozes, com “o papel de buscar as inter-relações esquecidas nos diversos discursos” (GIRARDI *et al.*, 2012, p. 149).

### 3.4 O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE MEIO AMBIENTE

O ecológico como a tônica do discurso jornalístico foi mobilizado por um conjunto de pesquisas precedentes, cujos resultados servem de referência a este estudo. Na pesquisa de

Massierer (2011), as condições de produção dos textos jornalísticos são afetadas por empecilhos tais como a ausência de contextualização do assunto e a incompletude da abordagem. Com recorrência, a economia é tomada como discurso que prevalece nas redações jornalísticas. Quanto a isso, Massierer (2011, p. 26) indica que “a estrutura organizativa, a política editorial e as rotinas de produção influenciam diretamente na forma como as matérias são publicadas”. A fragmentação e a falta de complexidade das pautas ambientais indicam, conforme a autora, a desconformidade com os riscos da crise ambiental, em uma lógica que prioriza o diagnóstico dos desastres em contraste com o prognóstico das causas.

Ao analisar o discurso da Revista Vida Simples, Reginato (2011) delimita três formações discursivas que circunscrevem visões de consumo, sendo elas: individual, cujas famílias parafrásticas abrangem consumir tendências, consumir por estilo e bem-estar, consumir por vantagens econômicas individuais e, por fim, adoção de estilo de vida; ambiental, que trata sobre consumir pensando no meio ambiente, e pessoas que atrelam seu estilo de vida ao consumo sustentável; e politizada, que abrange sentidos sobre projetos sustentáveis e críticas ao consumo.

A pesquisa de Schwaab (2011) sobre reportagens com o selo do Movimento Planeta Sustentável nas revistas Veja, Superinteressante, Exame, National Geographic Brasil e Vida Simples – todas da Editora Abril – identificou a formação discursiva Ecologia Contemporânea e cinco posições-sujeitos, que indicam a disputa de sentidos existente nessa FD, sendo elas: novo ambientalismo, salvação tecnológica, capitalismo sustentável, ineficiência brasileira/eficiência estrangeira, e por fim, conservacionismo como valor. Para o autor, a

FD da Ecologia Contemporânea é marcada pela questão da sustentabilidade como discurso ideal, matriz propulsora, como principal valor e que permite operar aderências e refutações. Inscritas nesta FD, operando a partir de seu lugar discursivo do verde, as revistas permitem-se dizer a partir de diferentes posições, mais ou menos identificadas com uma forma-sujeito ideal, dada pelo enunciado do conceito de sustentabilidade, cuja dimensão teórico-conceitual não aparece nunca questionada ou negada. (*ibid.*, p. 128).

Belmonte (2015) identifica uma formação discursiva em sua pesquisa sobre a discursivização da economia verde pela revista Página 22: jornalismo ambiental reformista, manifestação da FI capitalista reformista. Para o autor “Na formação discursiva jornalismo ambiental reformista, a economia verde é uma reforma possível, necessária e inevitável do capitalismo” (*ibid.*, p. 100), além disso, “nesta formação discursiva, a economia verde só pode

e deve ser dita através de um ponto de vista empresarial ambientalizado. As vozes que questionam a reforma verde ou o próprio capitalismo estão presentes, mas são permanentemente silenciadas.” (*ibid.*, p. 100).

Ao acompanhar a cobertura jornalística do Rio+20, Moraes (2015) encontra resultados semelhantes: o jornalismo é atravessado por sentidos de viés econômico em textos que versam sobre a emergência climática, com predominância do discurso de mercado, que direciona o enfoque na adoção de inovações tecnológicas como artifício de mitigação. Deste modo, a cristalização desse discurso o torna preponderante, ocultando a complexidade ambiental e dificultando que vozes e discursos ecológicos dissonantes se materializem nesses textos. Ainda assim, a autora considera que há deslizamento de sentidos, a partir do dizer de fontes, no qual “a racionalidade e a complexidade ambiental afloram, mesmo que não totalmente ou dentro de uma epistemologia nova ou novo modelo de mundo” (MORAES, 2015, p. 184).

Os estudos apontam que o discurso jornalístico sobre meio ambiente é predominantemente econômico nas amostras analisadas, o que resulta na fragmentação e ausência de contextualização nas abordagens do tema. Os autores também destacam uma série de formações discursivas presentes na cobertura jornalística, como o Jornalismo Ambiental Reformista, que trata a economia verde como uma reforma necessária e inevitável do capitalismo, e a FD Ecologia Contemporânea, que busca operar aderências e refutações em torno do conceito de sustentabilidade. A miríade de formações discursivas enfatiza como as condições de produção determinam os sentidos, evidenciando tensões e conflitos entre o discurso econômico e o discurso ecossocial, este último frequentemente apagado no discurso jornalístico.

#### 4 O DISCURSO E SUAS (INTER)CADÊNCIAS

O arcabouço teórico-conceitual dos estudos discursivos fornece subsídios para que nos aproximemos de questões norteadoras deste estudo, contemplando discussões que abrangem a formação discursiva e a prática discursiva jornalística. Além disso, os efeitos de formações ideológicas e imaginárias permitem-nos a compreensão dos gestos de leitura de mundo que o jornalismo oferta, visto que a prática de seu discurso é socialmente institucionalizada e legitimada. Estabelecido na França, no final da década de 1960, os estudos discursivos situam seu quadro epistemológico em entremeio aos campos epistemológicos da linguística, marxismo (materialismo histórico) e psicanálise (teoria da subjetividade). Essa filiação teórica caracteriza o estado tenso e singular de seu objeto de pesquisa, o discurso. Para compreendermos o seu funcionamento no âmbito de uma teoria materialista do sentido recorreremos às formulações de Michel Pêcheux, que, ao aproximar-se dos campos epistemológicos mencionados, promove a releitura de Saussure, se contrapondo à separação da linguística na dicotomia língua/fala, de Lacan, sobre os conceitos de inconsciente e de sujeito, e de Althusser, quanto a sua releitura das concepções marxistas de superestrutura e de materialismo histórico. A transversalidade epistêmica que constitui os estudos discursivos não indica sua subordinação a estes campos, de modo que, a Análise do Discurso se interpõe como crítica à ausência da historicidade na linguística, bem como a falta do simbólico no materialismo e do apagamento da ideologia pelo inconsciente na psicanálise (ORLANDI, 2007a).

A inscrição da teoria materialista do discurso em uma posição de entremeio visa apreender as intervenções da ideologia nas práticas linguísticas. Isto é, os processos de produção discursivos recorrem ao sistema linguístico para produzir determinados sentidos originados de certas condições ideológicas. Pensar nessas práticas, para Pêcheux (1995), implica considerar a movência dos discursos e, assim, o espaço de dispersão do sujeito. Por apropriar-se da exterioridade e da anterioridade no trabalho simbólico de produção de sentidos, a discursividade é marcada pela contradição e heterogeneidade.

O funcionamento do discurso é indissociável às forças da ideologia, de modo que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica” (PÊCHEUX, 1995, p. 92). O filósofo toma as releituras marxistas de seu interlocutor, Louis Althusser, cujo trabalho sobre os aparelhos ideológicos de Estado exerce considerável influência nos estudos discursivos. Dessa maneira, Pêcheux (1995) observa uma relação contraditória entre a língua e a estrutura de desigualdade-subordinação existente nos processos discursivos. Nesse sentido, o autor

considera que a ideologia não é passível de uma reprodução homogênea em uma sociedade, bem como é inviável delimitar ideologias por um recorte de classe ou sem conflitos idealizados nas contradições dos Aparelhos Ideológicos de Estado (família, trabalho, Igreja, imprensa, etc). Visto isso, Pêcheux (1995, p. 145, grifo do autor) defende que “essas condições contraditórias são constituídas, em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo *conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado* que essa formação social comporta”. Nesse sentido, as ideologias se materializam no discurso por formações ideológicas (FI) que comportam posições de classe e estão interligadas a determinadas formações sociais estruturadas em determinada época da sociedade.

A ideologia inscreve na materialidade do discurso lugares de contradição, lugares de equívocos e lugares de conflito que se instauram em uma formação social a partir de uma correlação de forças. Esse processo ideológico é dotado de caráter político, como destaca Maldidier (2003), e de natureza psicanalítica, na base da interpelação do sujeito. Assim, Pêcheux (1995) destaca dois pontos essenciais da ideologia: a primeira delas indica a inevitável regência de uma formação ideológica sobre uma prática discursiva, e a segunda afirma a centralidade do sujeito na materialização da ideologia no discurso. Para o autor, o indivíduo é interpelado em sujeito pelo complexo das formações ideológicas, de modo que, os sentidos que enuncia se inscrevem em uma formação discursiva (FD). Assim, para Orlandi (2007a), o sujeito se significa pelos efeitos da história no trabalho da ideologia.

A interpelação dos indivíduos em sujeitos ideológicos cristaliza a preponderância da matriz psicanalítica no quadro epistemológico do discurso, buscando refletir sobre o domínio do inconsciente sobre o sujeito, que tem como caráter “dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, devendo entender-se este último adjetivo não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o sujeito’” (PÊCHEUX, 1995, p. 152-153). Além do inconsciente, o sujeito é afetado pela língua e pela história, de modo a não possuir controle sobre como os sentidos aí o afetam. Por fim, a propriedade histórica que compõe as formações ideológicas indica que “há um real na história de tal forma que o homem faz história, mas, esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2007a, p. 19) de modo que é o simbólico que determina os sentidos a serem construídos sobre determinado acontecimento.

O sentido é determinado pelas posições ideológicas que o sujeito assume, e na qual, “as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). É a partir das FI que os sentidos tomam sustentação, de modo que uma mesma palavra ou proposição pode significar de diversos modos, regidos por formações ideológicas

diversas, o que invalida a aceção de uma palavra ou proposição ter uma significação inerente. Imbricada ao conceito de formação ideológica, o quadro epistemológico dos estudos discursivos possui a matriz na noção de formação discursiva. Essa interligação é evidenciada nas primeiras formulações sobre o conceito, nos escritos de Pêcheux com Catherine Fuchs. A formação ideológica é apresentada como alicerce de uma série de FDs, que permitem, por sua vez, a regularidade dos enunciados. Assim,

se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar ‘comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* [...]’. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166, grifos dos autores).

Na relação do ideológico e discursivo é construída uma ilusão pela evidência do sentido, no qual o dito parece estar sempre disposto (PÊCHEUX, 1995). Dessa ilusão, o sentido se apresenta como transparente, embora sendo, de fato, opaco. A FI opera assim, para Orlandi (2007a) de modo a interpelar o sujeito a produzir sentidos que se inscrevem em determinada FD, esta, relacionada à formação ideológica na qual o sujeito foi interpelado.

A formação discursiva designa, sob a determinação de uma formação ideológica, “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Em cada FD, falhas permitem a circulação de novos saberes que promovem uma constante reconfiguração da formação, o que torna instável seu fechamento, bem como, destaca a contradição que a faz heterogênea (INDURSKY, 2007). Toda FD está em fronteira com outras formações discursivas que se deslocam de acordo com as disputas ideológicas que se prospectam entre elas. Observando essa tensão na filiação dos sentidos, Orlandi (2007a, p. 43) indica que “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outro”, de modo que a relação da FD com a FI permite entender que todo sentido é ideológico. É nessa relação que uma ou mais formações discursivas se relacionam com as formações ideológicas que determinam os sentidos do dizer.

Para Pêcheux (1995), todas as formações discursivas estão inscritas em um todo complexo e dominante, que compreende a noção de interdiscurso. Mais que interligar as FDs, o interdiscurso se constitui em sua exterioridade, e, portanto, reconfigura a formação discursiva a partir do atravessamento de sentidos-outros, que aí instauram a divergência (INDURSKY, 2007). Por isso, o discurso está sempre sujeito a tornar-se outro.

Por ora, vamos nos deter na FD para estruturar uma outra noção que a compõe: a de heterogeneidade. Em sua retificação<sup>34</sup>, Pêcheux propõe um retorno crítico sobre a questão do sujeito (MALDIDIER, 2003). As críticas lançadas pelo autor permitem compreender a formação discursiva como lugar de falhas. Isso pois, um sentido pode deslizar da formação ideológica a qual estava interpelada, tornando-se outro. Assim, “não há ritual [de interpelação ideológica] sem falhas; enfraquecimento e brechas” (PÊCHEUX, 1995, p. 301).

Tais considerações permitem compreender, na ótica de Indursky (2005), que as falhas na materialidade discursiva permitem a “entrada de novos saberes, [...], produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento.” (INDURSKY, 2005, p. 9). Dessa maneira, a autora destaca a impossibilidade de trabalhar com formações discursivas homogêneas e fechadas, blocos em oposição a outros. Assim, o fechamento de uma FD é sempre instável. Por sua vez, Orlandi (2007a, p. 44) defende que as formações discursivas “são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas, [...], configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”. Assim, as FDs estão em fronteira com outras FDs, se deslocando de acordo com as disputas ideológicas que se prospectam entre elas.

No deslocamento de Pêcheux (1997, p. 316) à terceira fase de sua teoria, o autor questiona a unicidade do discurso, defendendo, em contrapartida, o primado do outro sobre o mesmo. Nessa visada, a constituição do discurso é atravessada pela alteridade, isto é, o “discurso de outro colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro”. Como afirma Authier-Revuz (2004), todo dizer se produz pela presença de discursos-outros, e assim sendo, um discurso estabilizado é sempre suscetível ao deslize, a se construir pela existência da diferença.

Nesse movimento, os estudos discursivos apreendem o seu objeto de pesquisa em seu movimento, por sua condição contraditória, pela heterogeneidade dos sentidos, pelas lacunas da memória e pelo sujeito do discurso enquanto ser em falta. Assumindo essas disposições teóricas, observamos que a cena do discurso se constitui como lugar de múltiplas interpretações de sentidos. Por isso, nos desdobramentos deste capítulo, discutimos, primeiramente, a filiação do jornalismo em redes interdiscursivas, recorrendo aos limites da memória e do acontecimento para apreender uma relação com dizeres alheios e, em um segundo momento, buscamos examinar o sujeito do discurso.

---

<sup>34</sup> Trata-se do texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*.

#### 4.1 O DISCURSO JORNALÍSTICO

A prática jornalística se institui nas zonas limítrofes de seu discurso, promovendo negociações, contraposições e cooperações com outros discursos. Fronteiras estas que não são divisores rígidos que compartilhem os dizeres, mas espaços porosos e instáveis de circulação de saberes. Trata-se de pontos de deriva, que impõem deslocamentos às filiações históricas, afetam a topologia de lugares e decorrem na heterogeneidade constitutiva do discurso.

Estes espaços de deslize, indica Pêcheux (1995), possibilitam o gesto de interpretação, dado que, o trabalho concomitante de estabilização-transformação de um discurso determina uma relação passível de ruptura e de atravessamento da alteridade. A atualização de saberes não se estrutura na unidade, mas “é porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade e interpretar” (PÊCHEUX, 1995, p. 54, grifo do autor).

No lugar interpretativo que enreda, o jornalismo produz efeitos de sentido específicos, de modo a reafirmar um imaginário, enquanto regente das condições de significação, bem como, constitui os sujeitos a si mesmos em seus próprios dizeres, o que significa a impossibilidade de os sentidos manterem-se estanques. Para compreendermos estes enlaces, a pertinência de uma discussão sobre as inter-relações de jornalismo e discurso se sobrepõe. O jornalismo é apreendido em sua dimensão complexa de discursividade, de modo a conferir leituras para o mundo, mobilizar contextos próprios de produção de sentidos, e assim, abriga uma rede de discursos que atribui aos sujeitos lugares de enunciação diversos. E sendo este enredamento o interesse do estudo, tomamos o jornalismo enquanto uma prática discursiva cujos dizeres são tramados a partir de múltiplas modalidades de enunciação.

Exploramos a articulação do jornalismo com a fundamentação teórica-conceitual dos estudos discursivos não com o propósito de uma adequação instrumental, mas propondo a problematização da especificidade do trabalho de apreensão do outro no discurso jornalístico. A leitura que empreendemos para esse encontro mobiliza aportes sobre o sujeito, a memória e a organização do processo imaginário no discurso. A centralidade das materialidades linguística e histórica no quadro da análise de discurso estrutura, portanto, uma desordem no domínio dos sentidos que reflete nos mecanismos da discursividade do jornalismo.

Esta agitação no tecido discursivo incide nos modos de significação do jornalismo e, por conseguinte, em seu lugar institucional. Formador de um mosaico enunciativo, o discurso jornalístico detém um estatuto simbólico cristalizado pela materialidade dos movimentos

históricos e processos ideológicos que lhe confere legitimidade social. O percurso de análise recorre às condições de produção e aos lugares sociais para compreender como “o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social repetidora de certa ideologia quanto, direta ou indiretamente, se deixa atravessar pelas muitas vozes divergentes constitutivas da história” (MARIANI, 1999, p. 111). Trata-se de uma constante tensão entre uma força institucional e imaginária que regulariza a discursividade, e outra força, da ordem do acontecimento, que causa a dispersão do sujeito e de seu dizer.

Ao constituir modos de leitura do mundo, o jornalismo está subordinado à presença do outro, a partir do efeito do pré-construído, da memória e do discurso transversal. A legitimidade que dota seu dizer não é resultado imanente de sua prática, mas condensado por sua competência mediadora entre campos sociais (BERGER, 1996), que incute um efeito de verdade à enunciação. Essa condição interacionista do discurso constitui tanto a autoridade de seu lugar institucional, como também suscita fissuras no tecido discursivo, nas quais as vozes dissonantes permeiam os dizeres, tornando-os instáveis (MARIANI, 1999) e provocando um (des)encontro com a diferença (BERGER, 1996). A contradição desse processo resulta de um desajuste do lugar que o jornalismo institui para si e as afetações ideológicas as quais é subordinado. Os aparentes efeitos de completude, de totalidade do relato e de autonomia da atividade jornalística ocultam a instabilidade dos processos de significação de sentidos que agem cristalizando e/ou atualizando os elementos histórico-sociais.

Assim, embora se caracterize por lógicas de enunciação próprias, institucionalizadas por seu fazer e regidas pelo imaginário, “o dizer jornalístico, como todo discurso, provém de outros lugares” (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 51), de modo que o jornalismo torna singular seu lugar social, instituindo sua legitimidade para reportar a realidade. Para os autores, o jornalista institui uma série de vínculos com a comunidade profissional, a empresa, os patrocinadores, as fontes de informação e os leitores, relações estas que estabelecem um movimento concorrente, passível de concordâncias ou perturbações. Ainda que o jornalismo promova apagamentos ou ênfases, entendemos que os discursos com os quais interage interferem em seus sentidos, tanto pelas rupturas polissêmicas, quanto por ecos parafrásticos de dizeres alheios.

No nível da materialidade linguístico-discursiva, o dizer é determinado por relações de poder, especialmente as divergências e os reconhecimentos que se instituem nas correspondências entre os campos. No caso do jornalismo, sua disposição interdependente gera a possibilidade de hibrididade de seu discurso (BERGER, 1996). Híbrido, na medida em que esse enredamento constitui diversos direcionamentos, reúne e redefine gêneros

discursivos e elementos enunciativos singulares que se atravessam dialogicamente. Esse processo de ressimbolização dos modos de dizer corresponde a uma tentativa de inscrever a heterogeneidade em sua prática, especialmente quando tratamos de projetos editoriais digitais do jornalismo. Deste modo, o campo jornalístico, tal como conceitua a autora, comporta a atividade difusa de um conjunto de jornais que assumem múltiplos funcionamentos e tendências discursivas, determinados por suas condições sociais, históricas e organizacionais.

O dizer jornalístico, portanto, se inscreve em uma rede interdiscursiva. Esse entendimento contempla a dimensão do complexo de formações discursivas, que reúne todos os sentidos já produzidos e dispersos pela ação do esquecimento, bem como propõe Pêcheux (1995). Deste modo, essa rede a qual o jornalismo se filia é também por ele constituído. Isso porque, em sua prática frente a outros discursos, o jornalismo atua em um espaço de conflito de vozes no qual toma as palavras alheias e estrutura o seu dizer em relação a essas, estando inclusive, sujeito ao questionamento das mobilizações que efetua. Ao antepor e direcionar os sentidos, o jornalismo materializa a autoridade que detém, bem como a singularidade de seus modos de dizer, que fazem remissão a um conjunto de distintos discursos a serem atualizados. Neste sentido, as reflexões de Schwaab e Zamin (2014, p. 53), nos são particularmente úteis por considerarem

o discurso jornalístico como formador de redes interdiscursivas, por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos de outros tantos já-ditos, de dizeres oriundos de campos diversos. O discurso abriga sempre uma série de outros discursos, é atravessado e constituído por eles, mesmo que estes se submetam a regras que não eram próprias de sua origem.

Para os autores, as redes interdiscursivas instituem o contato entre uma formação discursiva em seus espaços adjacentes a outros discursos, o que fragmenta, modifica e regula saberes aí inscritos. Assim, a significação de um discurso decorre da correspondência de um dizer “em relação ao que não se diz, ao que se disse em outro lugar, ao lugar social do qual se diz e para quem se diz” (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 58). Ao posicionar-se nas margens do discurso, em intermédio a outros, que o jornalismo estabelece os limites e as condições de produção de seus sentidos. Em outras palavras, é ao constituir lugares para o outro que o jornalismo inscreve um lugar para si.

A presença-ausente da alteridade no enredamento interdiscursivo constitui a identidade do discurso e cristaliza sua heterogeneidade constitutiva. Presença-ausente, pois esse movimento contempla o atravessamento sucessivo de outros discursos, que, ao serem apropriados são regulados, modificados ou apagados pelas vontades de enunciação. Cabe ao analista, portanto, deslocar o objeto de interesse da unidade da formação discursiva para

apreender as interações instituídas entre elas, afinal, um discurso torna-se singular em sua relação com outros discursos. Como mencionamos, Pêcheux (1995) compreende o interdiscurso na totalidade de formulações já enunciadas, apagadas e esquecidas. Tomando um ângulo complementar, Indursky (2011, p. 86) define este conceito a partir da ordem do memorável, sendo que, “nada do que já foi dito pode dele estar ausente. O interdiscurso não é dotado de lacunas. Ao contrário. Ele se apresenta totalmente saturado”. Trata-se de um espaço de dispersão de vozes, domínio de memória no qual o enunciado se assenta para se dotar de sentido (COURTINE, 1999, p. 18).

A revisão de suas primeiras teses, nas quais propunha o funcionamento homogêneo da discursividade, como já mencionamos, impele Pêcheux (1997) a centrar o primado do outro nos estudos discursivos. Esse deslocamento teórico reconhece a heterogeneidade e a contradição como próprias ao âmago do discurso, o que determina a permeabilidade e a instabilidade da FD. A materialidade discursiva, para tal, se constitui das oscilações históricas e da fragmentação da memória. A emergência desses efeitos da exterioridade na formação discursiva indica a sobreposição do interdiscurso ao discurso, a partir do atravessamento de formas linguísticas de discursos-outros e de pontos de deriva conformados pelo interdiscurso e que desestabilizam o controle do sujeito sobre o que enuncia.

Os trajetos de sentidos são, portanto, determinados pelo resgate da historicidade e da memória discursiva. Enquanto o interdiscurso abrange o complexo dominante de todos os ditos, a memória discursiva, por sua vez, corresponde aos sentidos autorizados ou contestados pela forma-sujeito de uma formação discursiva, isto é, ela está subordinada à ordem ideológica. A memória discursiva regula a repetição, o deslize e o apagamento de sentidos em uma formação discursiva, e devido a ela ser relacionada, a memória discursiva contém falhas e lacunas, ressoando no âmbito da FD uma memória social (INDURSKY, 2011). Os saberes deslocados na atualização de uma memória indicam a descontinuidade e a movência dos dizeres inscritos em uma formação discursiva, efeito, conforme Courtine (1999), do esquecimento como vestígio do desaparecimento de sentidos da memória histórica, e assim, considera que o esquecimento é necessário para haver repetição. A memória discursiva aciona, por um movimento de retorno, pré-construídos que fundamentam o dizer, de modo que, para Schwaab e Zamin (2014, p. 56) esses “sentidos construídos historicamente são convocados nas novas formulações e têm um efeito sobre o discurso que está sendo construído no agora”. É este retorno que instaura a relação do interdiscurso, isto é, da memória saturada do dizer, de um Outro; com as atualizações que o sujeito inscreve no fio do discurso, o intradiscurso.

O discurso se constitui em um liame de subjetivação e do pré-construído ancorado à memória discursiva, noções as quais Pêcheux (1995) compreende estabelecer a tessitura do conjunto de ditos já formulados e que retornam como base de um dizer. Trata-se de sentidos anteriores, construídos historicamente, que são acionados em novos enunciados, causando a evidência de que o efeito de sentido sempre esteve já-dado na discursivização. O já-dito é retomado como possibilidade de dizer a partir dos processos metafóricos (substituição de um dizer, paráfrase, sinonímia, etc.). É a partir desse processo de reformulação empreendido pelo sujeito que o sentido nunca é literal, mas passível de deslizos e rupturas (ORLANDI, 2007a). O pré-construído corresponde, assim, a uma ação do interdiscurso no dizer, um elemento precedente e exterior que inscreve sentidos no enunciado, de modo que isso resulta, conforme Pêcheux (1995), na ilusão de que os sentidos estão sob controle do sujeito, causando-o o efeito de sempre já constituído na posição em que se filia para enunciar. Junto ao pré-construído, o discurso transversal mobiliza a retomada de sentidos no domínio da memória, configurando uma rede de remissões entre uma formação discursiva e outra. Essas relações instituídas entre as FDs indicam não somente os seus atravessamentos constantes, mas especialmente a inscrição de sentidos-outros nas formulações e a consequente ressignificação de seus dizeres. Tanto o pré-construído como o discurso transversal são dados no intradiscurso, marcados pelo funcionamento do interdiscurso no interior do próprio discurso de modo a efetivar a continuidade do fio do discurso.

A repetição e o retorno atuam, de acordo com Mittmann (2010), na margem do discurso, no encontro de uma formação discursiva com outra. Essas zonas fronteiriças são determinantes para a constituição heterogênea do discurso, pois são passíveis de atravessamento de saberes e da divergência introduzida pelo interdiscurso. Do mesmo modo, a autora identifica nas marcas de já-ditos e não-ditos o jogo de sentidos parafrásticos e polissêmicos que remetem a determinadas condições de produção. Assim, é na relação entre o mesmo e o diferente que o pré-construído é alicerce da heterogeneidade constitutiva, afinal, são essas movências que atualizam o discurso. A paráfrase se constitui no gesto de (re)afirmação do sentido, de reformulação análoga em uma tentativa de indicar a estabilidade e solidez dos enunciados, de modo a conformar um espaço no dizer que mantém sentidos anteriormente formulados. Os processos parafrásticos são intrínsecos, indica Orlandi (2007a), ao funcionamento da polissemia, que corresponde ao deslocamento, o deslize enunciativo e uma ruptura com os sentidos instituídos. Para a autora,

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo o discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiações dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e sentidos se movimentam fazendo seus percursos, (se) significam (ORLANDI, 2007a, p. 36).

A relação entre a paráfrase e a polissemia traduz a incompletude do discurso, sujeito às constantes alterações de sentidos, um processo inacabado. A tensão entre o mesmo e o diferente, mencionada pela autora, agita a filiação de sentidos de um discurso, sempre passível de falhas e de rompimento com ditos anteriormente estabelecidos, de modo que a formação discursiva jamais possa ser tomada como completa, finalizada ou estável. O funcionamento destes conceitos descritos – paráfrase, pré-construído, discurso transversal e interdiscurso – detalham as distintas expressões do trabalho da memória e suas fissuras passíveis à desestabilização. Estas dinâmicas materializam a memória no dizer a partir da repetição, resgate e regularização de sentidos, mecanismos que cristalizam a estrutura do discurso.

Como versávamos, a inscrição do jornalismo em redes interdiscursivas remete, além da dimensão da memória, ao acontecimento discursivo. Esse ato de instauração de formas singulares de enunciação, conforme Guilhaumou (2009), interfere nos limites internos do discurso, provocando deslocamento de sentidos. Para isso, o interior da dispersão arquivística de enunciados heterogêneos se constitui de um enredamento de trajetos temático-discursivos que abrangem a regularidade enunciativa de um enunciado em sua passagem a outro. Esses trajetos saturados de redes de enunciados são configurados pela intriga e determinam, por intermédio dos julgamentos dos sujeitos e espectadores, o espaço público. Partindo dessas considerações, interessa-nos compreender que as relações desta trama de enunciados configuram uma sucessão do acontecimento, que, a partir da ruptura, inaugura sentidos, instituindo-se como lugar da equivocidade.

Esse ato, deste modo, implica em um movimento de constituição e destituição dos sentidos, possibilitando que haja interpretações equívocas e uma relação dialética de dissenso. O acontecimento discursivo desponta na singularidade do surgimento do sujeito de enunciação, que, ao inscrever-se em um espaço inédito no discurso e na história, testemunha essas significações. Tal como o acontecimento é a origem do sentido, o sujeito de enunciação não está constituído antes da emergência do ato, ele é espectador no início da ação. Para Guilhaumou (2009, p. 129), “o espectador participa do acabamento narrativo do acontecimento discursivo”, assim, este sujeito, ao apreender a cena discursiva do acontecimento julga-o, estabelece a compreensão do ato a outros sujeitos, fazendo parte de

seu fechamento. Nesse encerramento, tomamos o jornalista com espectador-juiz possível do acontecimento, pois conforme Mariani (1999), nas leituras de mundo que promove, o jornalismo produz interpretações dos acontecimentos, ordena as suas narrativas e desambigua os sentidos conflitantes. Embora designe seu texto como expressão da verdade e da totalidade do acontecido, o discurso jornalístico produz construções de sentido específicas e restritivas das rupturas e dos deslocamentos que os acontecimentos instituem. Dessa maneira, o jornalismo se versa nas margens do discurso, no atravessamento de outros dizeres e, em consequência, na deriva provocada pelo acontecimento discursivo, o que possibilita a ordem do devir.

O jornalismo tece redes de significações sobre o acontecido, cristalizando-o ou apagando-o na formação social, e assim, testemunha o movimento histórico-social, conforme Berger (1996), dada a credibilidade do campo jornalístico. Essa legitimidade confere ao texto jornalístico um efeito de verdade a partir de estratégias probatórias (testemunhas, argumento de autoridades, etc.). Deste modo, o testemunho do outro é basilar ao testemunho do jornalismo. O dizer jornalístico materializa os sentidos que enuncia ao reportar-se a outros discursos, de modo que, esse trabalho de remissão ocorre tanto pelo funcionamento da memória como por implicações do acontecimento, nas quais o jornalista relata o inédito que o sujeito de enunciação dispõe na cena discursiva. Nesse movimento, o jornalismo convoca uma coletânea de vozes, dizeres alheios, que testemunham e formam seu dizer.

O resgate de elementos da interdiscursividade no dizer congrega a captura do discursos-outros e indica um encadeamento entre a memória e a atualidade. Nesse espaço, o jornalismo se constitui enquanto prática social e discursiva, gerando efeitos de sentido e sendo afetado por dizeres dissonantes – fragmentos da alteridade – que cruzam o contexto de enunciação.

Sendo uma prática discursiva, o jornalismo atribui a si modos de dizer, dispondo, enquanto um estado de ação sobre o mundo, de condições institucionais e históricas que caracterizam essa modalidade discursiva. A sua atividade é singular, inscreve os seus textos no arquivo da historicidade, se constituindo no liame da estrutura e do acontecimento e, portanto, nas fronteiras da discursividade, sendo permeado pelo outro, atravessado por vozes que o tornam heterogêneo.

O discurso jornalístico, para além da remissão da historicidade e da produção de sentidos específicos, pode ser caracterizado enquanto um discurso dialógico, “ opaco, efeito e produtor de sentidos, elaborado segundo regras e rotinas particulares” (BENETTI, 2007, p. 37). Sua dialogicidade advém do discurso relatado e outras vozes que se inscrevem em seu

dizer. A opacidade esconde a transparência que o discurso jornalístico prospecta, de modo que essa dissimulação ocorre pois o relato jornalístico se constitui pela linguagem. Sobre essa base, o jornalismo produz sentidos, além de valores do estatuto e rotinas particulares.

#### 4.2 O SUJEITO NO DISCURSO

A constituição do discurso é heterogênea pela presença de um *outro* no *um*, que o atravessa, como pontua Authier-Revuz (2004), sinalizando a existência de um jogo de forças que desloca os sentidos. A heterogeneidade, afirma Mittmann (2010), não é da ordem da intertextualidade linguística, dos vestígios de vozes tramados no fio do discurso, mas está fundada na relação do interdiscurso com as atualizações que desestabilizam os sentidos postos no intradiscurso. Assim, versar sobre a heterogeneidade é apontar para as margens do discurso, onde as formações discursivas atuam, expondo a fronteira de contato do interdiscurso com uma série de formulações que “impõem novos sentidos e novas posições-sujeito” (MITTMANN, 2010, p. 90), e, dessa maneira, indicam a divergência e a contradição da ordem ideológica que tecem o jogo de estabilidade e desestabilização dos sentidos que irrompem na materialidade discursiva.

A presença do outro no discurso perpassa a interpelação do sujeito e a sua conseqüente tomada de posição no discurso. Nessa dinâmica, as complexidades e os deslocamentos do discurso são determinados pelas formas de inscrição dos sujeitos e na constituição topológica de lugares. O percurso teórico dos estudos discursivos ampara-se em uma teoria da subjetividade de matriz psicanalítica, de modo que, essa correspondência inscreve, junto às leituras althusserianas, um lugar particular ao conceito de sujeito do discurso no quadro teórico da proposta de Pêcheux (1995). Trata-se de uma ruptura com a concepção soberana e individual do sujeito, compreendendo-o como determinado tanto pela ideologia como pelo inconsciente, no liame de uma relação com a exterioridade social e a interioridade psíquica.

A aproximação e a revisão da noção do sujeito em uma visada psicanalítica e marxista, determina a recusa à concepção cartesiana de sujeito, fundada no ser consciente. O que se busca apreender é a existência do sujeito a partir do inconsciente, manifestado pelos lapsos e atos falhos, isto é, para Pêcheux (1995), o rompimento com a ilusão de um sujeito passível de plena identificação ideológica. Ilusão essa que o institui como origem de suas vontades de enunciação, e dada como efeito da linguagem, materialidade na qual o sujeito é inscrito no discurso. O deslocamento dos estudos discursivos, em uma aproximação aos escritos lacanianos, apreende o sujeito como ser em falta, descentrado, não-intencional, constituído

pela linguagem. Ao tomar a falta como fundante do sujeito, compreendemos a subjetivação como processo movido pelo outro. Nesse sentido, essa concepção de sujeito no qual intervém a ideologia e o inconsciente, se institui, quando tratamos do discurso jornalístico, em uma relação tensa, afinal, é um sujeito “aberto”, com autoridade institucional para enunciar e que tende a regularizar os sentidos, mas também é ser em falta, sendo o outro condição de constituição de seus sentidos. Nas margens de seu discurso, o jornalismo tece redes interdiscursivas, linearizando no intradiscurso distintas vozes.

Examinando o descentramento da unidade do sujeito, Pêcheux (1995) contesta-o enquanto instância fundante da consciência, ou seja, a evidência do sujeito ser origem de si e de seu dizer. O processo discursivo é, portanto, marcado pela dispersão do sujeito e do sentido. A oscilação do sujeito em sua identificação com a forma-sujeito de uma FD é marcada pelo deslize de saberes e pela falha na interpelação, tal como indica o autor em sua retificação. A partir desse deslocamento teórico, a forma-sujeito de um discurso se desdobra em posições-sujeito fragmentárias, assinala Indursky (2008), e impõe a plurivocidade de interpretações e o questionamento de saberes de uma formação discursiva, tornando-a aberta a contradição. O sujeito do discurso é, assim, condicionado às modalidades de subjetivação díspares. O trabalho de captura no ritual de interpelação pela forma-sujeito é incompleto, sujeito aos deslizes que modificam os saberes de uma FD. Isso ocorre pelo trabalho de ajuste e desajuste constante nas relações de produção que afetam a forma-sujeito (ZANDWAIS, 2005).

Por se constituir na/pela linguagem, o sujeito apaga a base exterior da posição em que está inscrito, se apropriando de dizeres dispersos do interdiscurso, tendo a ilusão de autoria dos sentidos que enuncia. Assim, o sujeito esquece que seu dizer faz remissão a diversos outros dizeres, anteriormente mencionados por outros sujeitos. Nesse primeiro esquecimento, determinado pela instância da inconsciência, o sujeito não nota a interpelação ideológica da formação discursiva que o domina, acreditando que os sentidos que produz tenham sempre origem em seu próprio dizer.

O esquecimento dois indica que o sujeito acredita na unicidade de seu dizer e da interpretação específica de outros sujeitos acerca de suas formulações. Nessa ilusão inconsciente, ao enunciar determinados sentidos, o sujeito ignora diversas outras formas que poderia ter dito. A escolha do sujeito remete a uma forma ideal de “enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada” (PÊCHEUX, 1995, p. 173). Esse esquecimento implica considerar, conforme Orlandi (2007a), que o dizer sempre pode deslizar, produzindo outros

sentidos, ou seja, esse enunciado é sempre passível de ser interpretado de outra maneira em relação ao que é dito.

O funcionamento dessas formas de esquecimento no discurso nos permite compreender que o sujeito não detém os sentidos que enuncia, tampouco exerce controle sobre o modo que eles se originam. Nessa dinâmica, há uma opacidade sobre a constituição dos sentidos, ilusoriamente atribuída ao sujeito, desconsiderando que os sentidos se materializam no discurso pela inscrição do sujeito na língua e na história. O esquecimento, assim, causa a ele a evidência de que as suas formulações só poderiam ser estas, e não outras (PÊCHEUX, 1995). Nos aproximando do sujeito do discurso jornalístico, observamos que a ilusão de autoria dos sentidos compreende um efeito de espelhamento da realidade, quando, de fato, lhe escapam elementos do real. Esquece-se que ao recorrer aos pré-construídos, o jornalista o faz inscrito em uma posição ideológica de determinada formação discursiva, silenciando outros sentidos.

Os deslocamentos do discurso são, portanto, sustentados pelo trabalho simbólico do sujeito do discurso, pois esse se constitui nos enlaces da materialidade linguística e histórica, e se sustenta no jogo tenso dessas forças complementares que atualizam o discurso (FERREIRA, 2003). Para Indursky (2008, p. 5-6), “o sujeito da AD é um sujeito dividido e, em decorrência disso, a FD que o abriga passa a ser um domínio onde há espaço para a diferença e a divergência, tornando-se igualmente heterogênea, não idêntica a si mesma”. Em síntese, as múltiplas posições do sujeito no discurso resultam da incompletude da interpelação e do equívoco no imbricamento de língua e história.

Detendo-se nas falhas do ritual, Indursky (2007) destaca que a forma-sujeito e a FD são desestabilizadas devido ao sujeito se instaurar no entremeio do materialismo linguístico e histórico. Para a autora, as brechas na interpelação tornam instáveis as condições de produção do discurso, que se abre a novos domínios de saber. Resulta daí um trabalho de reconfiguração da FD, que segmenta a forma-sujeito e, em consequência, introduz saberes anteriormente interditados, tensionando os sentidos até então estabilizados.

Essas imagens projetam uma série de questionamentos que o sujeito estabelece na posição de locutor (quem sou para lhe falar assim?), na posição interlocutor (quem é ele para me falar assim?), e do objeto do discurso (do que ele me fala?). Essas projeções indicam, assim, um movimento de antecipação ao ato discursivo, no qual o sujeito coloca-se, imaginariamente, no lugar que seu interlocutor está inscrito, e ajusta sua posição e seu dizer no discurso. Trata-se de um mecanismo de apreensão das relações de poder instituídas pelos

sujeitos, a qual Pêcheux (1995) nomeia de formações imaginárias, que se constituem como projeções que um sujeito tem sobre o outro no ato enunciativo.

As formações imaginárias regem a inscrição do sujeito em um lugar discursivo, nos permitindo observar essas filiações em nosso objeto de estudo, o discurso jornalístico. Esse movimento de antecipação confere autoridade ao dizer jornalístico, a partir da institucionalização do seu lugar discursivo ideal, e o faz ser reconhecido como tal pelo leitor. Essas relações entre o jornalismo e o público indicam que “o jornalismo ao se apresentar como objetivo e neutro posiciona-se como uma instituição que estaria autorizada a retratar a realidade” (BENETTI, 2007, p. 39) inculcando em seus modos de dizer um valor simbólico que o legitima nas instâncias da sociedade. Além disso, as formações imaginárias remetem a um importante movimento do sujeito, neste caso, o jornalista, em uma antecipação do que seu público deseja ser informado. Esse sujeito do discurso jornalístico é, portanto, um mediador que estabelece sentidos a partir das relações que institui com outros sujeitos do discurso e, assim, detém um saber e possui legitimidade para difundi-lo a outros sujeitos, um poder-dizer interligado a credibilidade que possui (BERGER, 1996).

## 5 METODOLOGIA

No percurso de pesquisa, o expediente metodológico consiste em uma abertura às múltiplas abordagens analíticas, voltadas para norteá-la e esmiuçá-la. Nos estudos discursivos, em específico, seus procedimentos não seguem padrões idênticos, rígidos, sempre mesmos. Pelo contrário, demandam a constituição de arcações específicos em conformidade com os objetivos de pesquisa. Isso porque o discurso é sempre processo, e não uma unidade cristalizada.

O gesto de leitura deste estudo é orientado pelo seguinte objetivo geral: analisar como o outro atua na constituição do discurso jornalístico sobre sustentabilidade no projeto editorial Ecoa e na seção Plural. Para vislumbrá-lo, definimos como objetivos específicos: descrever o os sentidos regularizados pelo Ecoa ao tematizar a sustentabilidade; identificar como o discurso da seção Plural incide nos sentidos de Ecoa; e evidenciar as marcas de relações com outros discursos que se estabelecem no discurso jornalístico sobre a sustentabilidade no Ecoa e Plural.

Para que o percurso analítico seja capaz de atingir esses objetivos, e examinar a cobertura jornalística sobre a sustentabilidade no projeto editorial Ecoa e na seção Plural, catalogamos o material empírico em dois grupos. Deste modo, reunimos notícias e reportagens sobre questões ambientais publicadas no site do Ecoa e Plural e, posteriormente, separamos as produções originadas da parceria com coletivos jornalísticos colaboradores (textos de Plural) daquelas assinadas exclusivamente pela redação (textos do Ecoa). Apesar dessa distinção operacional, vale ressaltar que Plural é uma seção do Ecoa, e ambos devem ser compreendidos como elementos de um mesmo produto editorial do UOL.

Durante o período de julho a dezembro de 2020, selecionamos 393 títulos relacionados ao meio ambiente entre as publicações do Ecoa, incluindo notícias, colunas, entrevistas, quizzes, stories e reportagens. Em seguida, excluimos os materiais que não se enquadrassem na categoria de notícias ou reportagens. No mesmo intervalo, coletamos 30 notícias e reportagens em Plural, desconsiderando outros formatos jornalísticos, como episódios de podcasts.

Após a compilação de textos jornalísticos noticiosos que abordam questões ambientais, buscamos recortar inicialmente apenas as publicações que mencionam sustentabilidade, considerando o termo como critério subsequente de seleção do material empírico. Desse modo, selecionamos 57 notícias e reportagens que mencionaram as palavras-chave “sustentável” e/ou “sustentabilidade” no Ecoa. No entanto, essa proposta não

foi viável nos textos de Plural, porque o termo está disperso, embora tematicamente presente em sua cobertura jornalística. O apagamento da sustentabilidade nas notícias e reportagens de Plural sugere a adoção de uma estratégia editorial que revela uma mudança de foco temático em detrimento do conceito de sustentabilidade. Nesse sentido, a não utilização do termo sugere a presença de outros sentidos que superam o conceito, associados a outras perspectivas sobre as questões ambientais abordadas em Plural.

Do conjunto inicial de 30 textos jornalísticos de Plural, quatro matérias foram descartadas por não possuírem o selo e também não serem textos colaborativos. Essas notícias apenas constavam, erroneamente, no rol da seção<sup>35</sup>. Entre os títulos restantes, 16 apresentam uma mudança de foco temático, diminuindo a ênfase ambiental e destacando o interesse editorial em grupos subalternos. Essa transição ocorre em setembro, o que coincide com o interím que antecede as eleições municipais de 2020. O período eleitoral provocou uma alteração na agenda do Plural, resultando em maior visibilidade para questões consideradas "urgentes" e com enfoques imediatos, baseados nas demandas das minorias em relação aos candidatos aos cargos representativos. Dessa forma, 10 notícias, reportagens e entrevistas do Plural aprofundaram a dimensão ambiental no segundo semestre de 2020, formando o material empírico de análise.

Assim, o material empírico do Ecoa é composto por textos que tratam da sustentabilidade, enquanto no material empírico de Plural figuram publicações que versam sobre questões ambientais (Anexo A). Ainda que haja essa assimetria temática, a análise das estratégias editoriais e do discurso pode indicar perspectivas ideológicas subjacentes que ressoam na cobertura jornalística sobre meio ambiente. Assim, a comparação entre o projeto editorial Ecoa e a seção Plural nos parece produtiva para compreender a estruturação de diferentes discursos em relação à agenda ambiental no jornalismo brasileiro.

Dessa seleção, há duas exceções na coleta de publicações em Plural, considerando a produtividade para o movimento de análise. Primeiro, dois textos informativos que configuram entrevistas não foram desclassificados, porque tratam de perspectivas ligadas ao tema de pesquisa. No entanto, não analisamos as entrevistas, somente empregamos recortes

---

<sup>35</sup> São elas: “Psol veta candidato saído de curso de renovação política, como o de Tabata”, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/08/21/psol-veta-candidato-saído-de-curso-de-renovacao-politica-como-o-de-tabata.htm>; “Candidata negra foi rejeitada em cota de concurso por ser "bonita", diz TJ”, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/02/tjdf-preconceito-concurso-sistema-cotas-negros-bonita-beleza-estetica.htm>; “Projeto que capacita jovens de baixa renda tem inscrições abertas em SP”, disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/10/21/projeto-que-capacita-jovens-de-baixa-renda-tem-inscricoes-abertas-em-sp.htm> e “Apesar de maioria, candidaturas negras recebem só 18% das verbas de fundo”, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/11/04/candidaturas-negras-repasses-fundo-eleitoral.htm>. Acesso em: 30 de dez. de 2022.

do dizer do jornalista. Por fim, incluímos na análise uma notícia com o selo Plural publicada no projeto editorial Universa, também do UOL, porque discute a questão ambiental do saneamento básico, o que acreditamos ser pertinente ao estudo.

Na análise desse material empírico sob a perspectiva discursiva, o funcionamento do discurso jornalístico é observado pela constituição do *corpus* discursivo, um domínio de alcance das correspondências que os sentidos mantêm no interdiscurso, a partir das intervenções da memória, dos determinantes históricos e as condições de produção do discurso. Essa última noção remete, conforme Pêcheux e Fuchs (1997, p. 182), “seja as determinações que caracterizam um processo discursivo, seja como as características múltiplas de uma ‘situação concreta’ que conduz à ‘produção’” de um discurso. A definição de condição de produção é reexaminada por Courtine (2009), que evidencia sua natureza empírica, heterogênea e instável, porque remete a um contexto histórico e social determinado.

As condições de produção, portanto, delimitam analiticamente as materialidades inscritas em um campo discursivo, a partir de um conjunto de extrações do material coletado e consequentes restrições que homogêizam esse campo de modo a compor o *corpus* discursivo. A constituição de um *corpus* necessariamente deve ser dialética com a teoria e os objetivos de pesquisa, atendendo aos critérios de exaustividade, que compreende que fatos discursivos não devem ser ignorados; representatividade, que indica que fatos isolados não devem ser generalizados; e homogeneidade, esse último critério, que possui aplicação complexa, está associado a coerência discursiva do *corpus*, e não a um bloco uniforme (COURTINE, 2009).

A estrutura do *corpus*, a partir desses critérios, abrange um conjunto de sequências discursivas (SDs), definidas por Courtine (2009, p. 55) como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”. Por sua variabilidade, as SDs possibilitam que distintas formas do *corpus* sejam constituídas, entre as quais o *corpus* de arquivos, formado por materiais pré-existentes, como textos jornalísticos, a partir do qual estruturamos esta pesquisa.

No movimento de análise, cabe ao pesquisador compreender a abertura da questão do sentido, isto é, a pluralidade e a divergência dos modos de significação, o que indica que há deslocamentos e ausências dissimuladas na linguagem. Para Orlandi (2007b, p. 13), essa abertura do simbólico é determinante para a multidirecionalidade do texto, o que o compreende não em sua linearidade, mas nos distintos trajetos de significação, “onde a alteridade ameaça a estabilidade dos sentidos, onde a história trabalha seus equívocos, onde o discurso deriva para outros discursos possíveis”. Essa possibilidade de falhas e dispersões, regidas pela exterioridade, indica não somente a divergência de interpretações de um objeto

discursivo, enquanto produto, mas apreende que a descontinuidade o estabelece como processo.

O discurso, tomado aqui como processo, compreende que todo enunciado é dotado de pontos de deriva possíveis, o que consolida o lugar de interpretação e, conseqüentemente, possibilita que a análise de discurso constitua gestos de leitura (PÊCHEUX, 2008). Essa deriva impede que uma série de dizeres cristalizem um encadeamento finalizado e integral. A relação que o discurso estabelece com a língua, conforme Orlandi (2007b), determina um funcionamento sem interrupção, instituído por efeitos metafóricos, isto é, um fenômeno semântico de deslize de sentidos, e pelo equívoco, na inscrição do sujeito na historicidade. Ao conceber a metáfora, a deriva e o equívoco na ordem da língua, o analista desloca sua posição para apreender os movimentos de sentido produzidos pelo sujeito. Desta maneira, a captura de um sentido verdadeiro, já-dado e transparente representa uma ficcionalidade, ao analista cabe atravessar a superfície da linguagem, observando nesse espaço opaco as relações da história, ideologia e inconsciente. Ainda, o gesto de leitura do analista não é neutro, mas inscrito em uma posição específica que o possibilita contemplar o movimento de sentidos no *corpus*. Nesse sentido,

A análise do discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando 'o' sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (PÊCHEUX, 2011, p. 291).

Para observar a rede de sentidos constituída na materialidade discursiva, importa para a análise, nas palavras de Orlandi (2007a), um movimento de exaustividade vertical, no qual interessa a profundidade do objeto e das contribuições teóricas potenciais. Deste modo, os estudos discursivos conformam uma perspectiva qualitativa, intentando uma imersão nos meandros da discursividade. Esse direcionamento metodológico confere ao *corpus* uma singularidade, pois sua constituição é determinada pelas particularidades do objeto discursivo e da subjetividade do analista.

Em síntese, o mapeamento de seqüências discursivas constitui um movimento de identificação das regularidades e contradições inscritas na materialidade discursiva. Essa (des)continuidade compreende que os discursos não são logicamente estabilizados, mas que mantém relações de concorrência e complementaridade entre si. O *corpus* deste estudo se constitui de 200 seqüências discursivas dos 57 textos do Ecoa (Anexo B), assim como 44 SDs

recortados dos 10 textos de Plural, coletados entre julho e dezembro de 2020<sup>36</sup> (Anexo C). Para simplificar a leitura e o manuseio do *corpus*, as sequências discursivas do Ecoa foram registradas pelo código SD-E e os excertos de Plural foram designados pela cifra SD-P, ambos com numeração própria.

Os sentidos produzidos no Ecoa e Plural remetem, em uma leitura inicial, à filiações ideológicas distintas o que, conseqüentemente, torna necessário segmentar o material empírico em dois *corpora* na primeira etapa da análise. Cabe recordar que essa multiplicidade é pretendida pela organização jornalística, pois serve ao intuito de ressaltar a diversidade do seu dizer institucional. Essa opção metodológica se justifica porque o UOL mantém parcerias com coletivos jornalísticos colaboradores na seção Plural, o que é relevante para observar como o discurso da sustentabilidade é constituído em relação a outros discursos. Ainda que essa escolha represente um risco de desmembrar partes que compõem o complexo funcionamento discursivo do UOL, o investimento metodológico possibilita examinar esses dizeres, para posteriormente realizar um movimento comparativo.

No Ecoa, o discurso da sustentabilidade se constitui predominantemente pela formação discursiva capitalismo reformado, regularizando dizeres jornalísticos em torno da transição sustentável do modelo de desenvolvimento. A sustentabilidade é o mote transversal pelo qual os sentidos são construídos, mobilizando o debate a partir de soluções instrumentais de mercado e as atitudes individuais. Utilizamos a definição de capitalismo reformado com base no estudo de Belmonte (2015), que identifica a incorporação do discurso jornalístico a partir de uma perspectiva empresarial ambientalizada, na qual a crítica à revisão verde é silenciada. A reforma do capitalismo, nessa perspectiva, implica em uma nova etapa do desenvolvimento convencional, sem romper, contudo, com as lógicas de exploração sustentável.

O discurso construído na seção Plural por notícias e reportagens que abordam a temática ambiental se cristaliza nas margens na formação discursiva Ecosocial. A sustentabilidade, apesar de mobilizada, não atua como conceito motriz tal como no Ecoa: ela se dispersa na rede de sentidos. Nos servimos das considerações partilhadas por Caporal e Costabeber (2000)<sup>37</sup> que compreendem na perspectiva ecosocial uma associação dos

---

<sup>36</sup> A escolha do período foi determinada pelo lançamento de Plural em meados de junho de 2020. Optamos por analisar o semestre porque acreditamos que o volume de notícias e reportagens possibilita a observação de regularidades discursivas no *corpus*.

<sup>37</sup> Os autores discutem as perspectivas da extensão rural e concluem que há duas correntes: a ecotecnocrática e a ecosocial. Posteriormente, outras pesquisas utilizaram suas conclusões para nomear formações discursivas. Segundo Caporal e Costabeber (2000), a corrente ecotecnocrática propõe o crescimento econômico contínuo baseado no otimismo em relação às soluções tecnológicas e aos mecanismos de mercado. Apesar de haver similaridades com o que nomeamos de FD capitalismo reformado neste estudo, optamos por não utilizar esse termo, uma vez que o discurso do Ecoa não enfatiza a tecnologia como solução principal para os problemas

discursos ecossocialista e culturalista, enquanto corrente que reivindica um desenvolvimento baseado na solidariedade e a descontinuidade da acumulação de capital. O discurso de Plural mobiliza o debate de questões contemporâneas a partir da perspectiva de lugares marginalizados. Nesta formação discursiva, as vozes manifestam uma posição crítica ao agronegócio e ao capitalismo, ressaltando a auto-organização dos povos, a ancestralidade e o bem-viver como referências na construção da sociedade.

Os procedimentos analíticos implicam, em um primeiro momento, na categorização dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODSs) em cada notícia e reportagem do Ecoa (Apêndice A). Essa catalogação<sup>38</sup> permite averiguar quais ODSs foram acionados, considerando que o UOL afirma que a prática do projeto editorial está alinhada às metas das Nações Unidas (ONU). Para isso, consideramos os momentos em que um ou mais ODSs foram tematizados, mesmo que indiretamente, apenas mobilizando o conteúdo referente a meta. Também analisamos os temas recorrentes em Plural, mas não aplicamos a categorização dos ODSs, por considerar que essa seção não busca, institucionalmente tal como o Ecoa, remeter aos objetivos da ONU. Buscamos, nesse primeiro movimento, observar se os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram tratados pelo Ecoa. Na sequência, analisamos os sentidos, mapeando as redes de paráfrases nos *corpora* do Ecoa e de Plural, que nos permitem observar as regularidades e a cristalização de formações discursivas no dizer jornalístico. Ao fim, realizamos algumas considerações sobre o percurso, realizando comparações entre os distintos modos de enunciar a sustentabilidade, e as relações com discursos-outros no Ecoa e em Plural.

## 5.1 OS TEMAS NO ECOA E PLURAL

No capítulo de contextualização, referimos à sustentabilidade como princípio editorial do Ecoa. Isso porque o projeto editorial vale-se dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável para balizar a sua agenda. Por isso, buscamos explorar, aqui, como esse tema permeia o dizer do projeto editorial. Após a leitura das 57 notícias e reportagens do Ecoa, atribuímos a cada texto um (ou mais) ODS(s) equivalente(s), considerando passagens em que,

---

ambientais. Por sua vez, consideramos que a corrente ecossocial é produtiva para a reflexão do funcionamento discursivo de Plural.

<sup>38</sup>Em nosso procedimento metodológico, optamos por mapear apenas o tema principal de cada notícia. Além disso, categorizamos um ou mais ODSs por notícias, quando verificado que suas metas foram abordadas nos textos. Vale ressaltar que não foi suficiente que o assunto do ODS fosse mencionado, era necessário que a notícia efetivamente discutisse a questão. É importante destacar que não empregamos sequências discursivas para classificar ODSs ou temas.

mesmo indiretamente, os objetivos foram aludidos. Para isso, nos orientamos pelas metas específicas que respaldam cada um dos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável. O quadro seguinte sintetiza a correlação entre os temas em destaque e os ODSs<sup>39</sup> referenciados.

**Quadro 1** - Temas e ODSs nos textos jornalísticos do Ecoa

Temas recorrentes	ODSs correspondentes
agroecologia, RPPN	2, 8, 12
energia solar	7, 9, 10, 11, 13
cidade sustentável, habitação sustentável	11, 12
universidades	17
produção de orgânicos, agroflorestas em SP e na Amazônia, neutralidade em carbono, amazônia 4.0, gerações futuras	2,7,8,11,12,13,15
resíduo, consumo sustentável, moda sustentável, plásticos, coleta seletiva, bicicleta verde, emissão de carbono, resíduo industrial de celulose para transformação em embalagem biodegradável, emissão de GE por pizzaria	3, 9, 11, 12, 17
produção sustentável, marcas/empresas de produtos sustentáveis, ONGs, ESG, povos da amazônia, biojoias de comunidades rurais e quilombolas [Michelin], chocolate, financiamento misto, escolas inovadoras, inovação na amazônia	4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17
projetos sociais de doação de refeição na pandemia, projetos sociais com indígenas	8, 12
educação ambiental na favela, gerações futuras, mobilizações de comunidades/da ciência/ONGs/do Ecoa para planos de governo de prefeitos	8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17

<sup>39</sup> São eles: 1 - Erradicação da pobreza, 2 - Fome zero e agricultura sustentável, 3 - Saúde e bem-estar, 4 - Educação de qualidade, 5 - Igualdade de gênero, 6 - Água potável e saneamento, 7 - Energia limpa e acessível, 8 - Trabalho decente e crescimento econômico, 9 - Indústria, inovação e infraestrutura, 10 - Redução das desigualdades, 11 - Cidades e comunidades sustentáveis, 12 - Consumo e produção responsáveis, 13 - Ação contra a mudança global do clima, 14 - Vida na água, 15 - Vida terrestre, 16 - Paz, justiça e instituições eficazes e 17 - Parcerias e meios de implementação. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 de set. de 2022.

estilo de vida verde, série de tv/filmes sobre estilo de vida verde, evento virada sustentável, tecnologias entre produtor-consumidor, turismo sustentável, estudo sobre percepções do consumidor, campanha de plantio de árvores, empregos verdes	8, 9, 12
desmatamento, garimpo, povos da floresta, amazônia	11, 15, 16
proteção da vida marinha, biodiversidade aquática amazônica	12, 14, 15

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

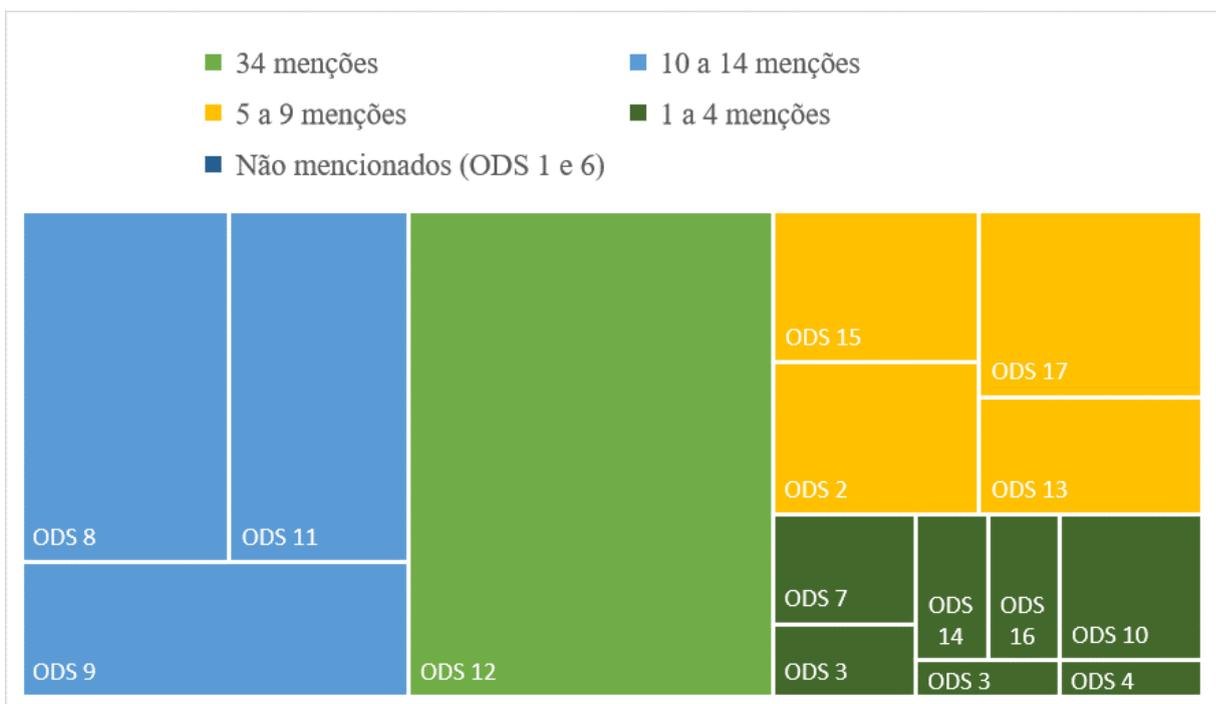
Essa compilação evidencia que ao enunciar a sustentabilidade, o Ecoa ressoa distintos temas, mas se concentra em uma parcela que dispõe de papel de destaque na agenda do projeto editorial. As notícias, com maior frequência, polarizam três agrupamentos temáticos: resíduos e consumo sustentável, produção e empresas/marcas sustentáveis, e estilo de vida verde, todos condensados no âmbito do ODS 12 - consumo e produção responsável. Além do destaque para o ODS 12, convergem aos principais temas os ODS 8 - trabalho decente e crescimento econômico, 9 - indústria, inovação e infraestrutura e 11 - cidades e comunidades sustentáveis. Esses quatro Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável destacam-se na agenda do Ecoa. Em notícias que esses três temas foram predominantes, o Ecoa mobilizou uma quantidade maior de ODSs e, por consequência, valeu-se de ângulos complementares em sua cobertura jornalística, enquanto outros temas se mantiveram restritos a um menor número de pontos de vista, como por exemplo, nas notícias acerca de agroecologia, energia solar, cidades e habitação sustentável, universidades, projetos sociais, etc.

Os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável apontados pelo quadro 1 contribuem para evidenciar os enfoques delegados a cada tema. Em resíduos e consumo sustentável, por exemplo, interconexões foram mobilizadas, com ênfase no papel de corporações e indivíduos: o ODS 3 é tematizado pelos riscos que plásticos causam à saúde, o ODS 9 pela destinação de resíduos industriais e o ODS 11 pelo impacto do consumo na geração de lixo urbano. O uso sustentável de bens comuns é a tônica do ODS 12, enquanto o ODS 17 é aludido pela adoção de tecnologias do norte global para a gestão dos resíduos. A abordagem contrasta com notícias que tematizam, a título de exemplo, projetos sociais, restritas ao ODS 8, reportado pelo acesso à renda por pessoas contempladas, e o ODS 12, indicado pela doação de refeições vegetarianas e o estímulo à alimentação sustentável.

Isso significa que há uma limitação temática na abordagem da sustentabilidade, tendo o Ecoa priorizado enfoques empresarial e individual nas notícias. A manutenção dessas visões predominantemente econômicas esvazia a abordagem do papel da sociedade e do governo frente a crise ambiental, simplificando a sustentabilidade enquanto objeto do debate público. Tal foco restrito vai ao encontro dos estudos de jornalismo sobre coberturas ambientais que privilegiam uma abordagem economicista. Para Belmonte (2015, p. 125), o jornalismo falha “quando não consegue conceder a palavra para quem pensa de outra forma, [...], abrindo pouco espaço para os que não comungam da visão empresarial ambientalizada”. Em consonância, Girardi *et al.* (2012) considera que incorporar a questão ambiental nas editorias de política e economia, entre outras, ainda é um desafio.

Dentre as 57 notícias, identificamos que 34 aludem ao ODS 12 (o que equivale a 59,6% dos textos), como aponta a figura 3. O predomínio é expressivo se comparado a infreqüência de alusões aos demais ODSs. Segundo colocado, o ODS 8 é mencionado em 14 notícias, menos da metade do primeiro. A excepcional ênfase no ODS 12 sugere uma repetição temática, plasmada nas pautas de iniciativas de consumo sustentável, estilos de vida verde, e na gestão sustentável de recursos, a partir da agroecologia e a redução de produção de resíduos, o que acentua a regularidade da agenda do Ecoa.

**Figura 3** - Distribuição de ODSs por textos jornalísticos do Ecoa



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Os textos que mobilizaram o ODS 12 trataram de negócios sustentáveis e atitudes individuais de consumo, seguidamente mencionando fontes empresariais que preconizam as relações comerciais entre essas organizações e as comunidades originárias e tradicionais para a produção de bens de consumo. Essas notícias atribuem ao consumidor a responsabilidade de mudar o padrão de consumo (SD-E61, SD-E89) e às empresas o papel de viabilizar modelos econômicos que permitem explorar a natureza sem destruí-la (SD-E111). Nessa lógica, há lacunas no mercado que oportunizam geração de renda, mas que requerem maior engajamento do consumidor. O desafio, nesse sentido, é de estabelecer ferramentas rentáveis que assegurem a sustentabilidade econômica do ciclo produtivo (SD-E61).

O problema é que todo mundo precisa pagar para que o lixo seja destinado corretamente. **"O que falta é assegurar sustentabilidade econômica"**, afirma. E quem legisla para a opinião pública não vai nem querer ouvir falar de como se faz isso: "com instituição de taxa ou tarifa para a coleta. **O cidadão precisa ter clareza de que tem um custo"**. (SD-E61)

"O desafio é conscientizar o consumidor, como gastar o dinheiro tem poder enorme. **O setor não vai mudar** com a velocidade que precisa **se o consumidor não mudar as suas escolhas**. [...]", disse Weege. (SD-E89)

"A gente acredita que a preservação da Amazônia está intrinsecamente ligada a uma produção sustentável aqui no Brasil. E sabemos que **uma maior atuação do setor empresarial nessa agenda é indispensável**", diz Carlo Pereira, diretor- executivo do Pacto Global. (SD-E111)

Esse enfoque econômico circunscrito em notícias que aludem ao ODS 12 é ratificado pelos ODSs 8, 9 e 11, que se correlacionam ao primeiro. Em comum, as notícias que reportam a esses três ODSs se concentram nos feitos da iniciativa privada - como a capacidade de geração de emprego, inovação tecnológica e impactos nas comunidades de atuação de empresas.

O ODS 8 - trabalho decente e crescimento econômico foi aludido em 14 notícias que abordam a sustentabilidade como oportunidade de desenvolver a economia, ressaltando as práticas de empresas (SD-E109), muitas dessas multinacionais, que exploram os bens comuns sob o pretexto da sustentabilidade. A responsabilidade do poder público, em detrimento, é minimizada. Além disso, essas notícias discutem investimentos em iniciativas sustentáveis (SD-E178), princípios de governança ambiental, social e corporativa (ESG), e meios de estímulo da retomada econômica pós-pandemia de Covid-19. Em textos consonantes com o ODS 12, evidencia a produção sustentável como uma oportunidade de conciliar geração de emprego e preservação ambiental.

Como o setor privado pode contribuir de fato para uma Amazônia sustentável?  
(SD-E109)

Esse modelo [financiamento misto] é estrategicamente usado para **estimular o aporte financeiro** em projetos que contribuem **para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável** (ODSs), estabelecidos pela ONU. A grande sacada é que fundações e institutos entram na conta como "investidores âncora" para dar escala à operação e atrair o capital de investidores. Diretoria, conselho e departamento jurídico são separados para evitar conflitos de interesse. (D-E111)

O ODS 11 - cidades e comunidades sustentáveis, reportado em 12 notícias, evidencia os benefícios promovidos por empresas nas comunidades em que atuam. Trata-se especialmente de multinacionais que desenvolvem produtos a partir da biodiversidade amazônica. Nesses textos, o Ecoa alinha-se ao discurso empresarial, ressaltando essa bioeconomia. No entanto, esse enfoque econômico sofre um deslize de sentido em textos que pautam alternativas aos problemas urbanos, como acesso ao saneamento básico, autonomia energética, descarte do lixo, habitações verdes, etc. Essas notícias respaldam a perspectiva de fontes científicas, que cobram soluções do poder público (SD-E187), e fontes locais, que expõem iniciativas de mitigação tomadas por comunidades na ausência desse.

Nesse sentido, Jorge Abrahão, coordenador-geral do Instituto Cidades Sustentáveis (ICS) destaca que **é importante incluir os ODS nos planos de governo municipais** porque "a esfera local é onde as pessoas vivem, é onde acontece a vida das pessoas". (SD-E187)

Nas 10 notícias que mencionam o ODS 9 - indústria, inovação e infraestrutura, a economia é apresentada como questão transversal ao mote da sustentabilidade. A transição para a economia verde (SD-E44), no dizer do Ecoa, aciona um sentido de solução, amparado em práticas sustentáveis de corporações, no otimismo com tecnologias e no interesse em investimentos ESG. É mobilizado em conjunto com o ODS 12 em matérias sobre moda sustentável e modernização dos processos industriais.

Ávila já tinha sido finalista em outro programa, o Global Innovation Lab for Climate Finance, que reúne **projetos com potencial de transformação** como instrumentos **para uma economia verde**. (SD-E44)

O ODS 17 - parcerias e meios de implementação é o enfoque de notícias acerca de cenários futuros, em discussões sobre implementação de políticas para o desenvolvimento sustentável (SD-E185), buscando essencialmente replicar experiências internacionais ao contexto brasileiro. Nas oito notícias em que esse ODS é mobilizado, discute-se alternativas aos problemas sociais e ambientais, tendendo a citar nominalmente os Objetivos para o

Desenvolvimento Sustentável da ONU como referência. Também por essa razão, o ODS 17 não está alinhado com outros ODSs apenas em uma matéria.

Educação, saúde, trabalho, igualdade de gênero, consumo consciente, crescimento econômico e investimentos sustentáveis são alguns dos pontos que integram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos pela ONU (Organização das Nações Unidas) para auxiliar líderes, empresas e população a trabalhar por um futuro mais igualitário e sustentável, e deveriam estar no radar de governantes de todo o mundo. Pensando nisso, **Ecoa analisou os planos de 10 candidatos** que disputam o segundo turno nas cinco capitais brasileiras com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — Maceió, Rio Branco, Porto Velho, Manaus e Belém — **para entender se as futuras prefeitas e prefeitos estão comprometidas com esses objetivos.** (SD-E185)

Referenciado em seis notícias, o ODS 2 perpassa os temas de geração de emprego e desenvolvimento econômico a partir do consumo sustentável. Portanto, em convergência com os ODSs 8 e 12. Os textos evidenciam as relações comerciais de corporações que adotaram práticas ESG com comunidades tradicionais. As fontes locais ouvidas pelo Ecoa possibilitam um deslocamento no discurso, assimilado de um lugar de saberes ancestrais, de pertencimento ao território, holístico. Apesar desses deslizes de sentido em relação ao discurso capitalista, as notícias também destacam a rentabilidade da produção sustentável.

O ODS 15 - vida terrestre apresenta alinhamento com os ODSs 2 e 12, especialmente em notícias que tematizam a Amazônia, evidenciando que o trabalho dos povos locais, além de gerar renda, ajuda a evitar o desmatamento da floresta. Reportado em seis notícias, o ODS 15 está relacionado com a contraposição à monocultura, ressaltando a bioeconomia como modelo de produção sustentável que se beneficia dos saberes de povos amazônicos (SD-E10).

Como convencer uma empresa com 6 milhões de vendedores, milhares de produtos e lojas, de que a não derrubada de uma árvore na Amazônia é importante para manter todo o negócio de pé? Essa é uma das tarefas da Natura &Co, gigante do setor de cosméticos, com receita líquida de R\$ 14 bilhões no ano passado, para **vencer a contradição entre extrair matéria-prima do meio ambiente e preservá-lo ao mesmo tempo.** (SD-E10)

O ODS 13 - ação contra a mudança global do clima aparece relacionado a mobilização de pais, cientistas, comunidades, ONGs e do próprio Ecoa contra emissões de carbono e mudanças climáticas, com realce para as gerações futuras (SD-E134). Termos como “cobrança” e “processo judicial” são comumente citados em relação ao poder público, o que não ocorre com corporações e o mercado em nenhuma das cinco notícias que aludem ao ODS 13. As ações de empresas foram mostradas, enquanto os governos foram criticados pela inação diante da crise climática.

O governo de São Paulo é alvo de uma ação de um grupo formado por pais e filhos que **acusam o estado de estimular a poluição** atmosférica e financiar o aquecimento global. Segundo o grupo, o acesso a um meio ambiente saudável também configura como **direito garantido das crianças e adolescentes**. (SD-E134)

O ODS 10 - redução de desigualdades é aludido em quatro notícias que discutem a necessidade de inclusão social e econômica de comunidades minorizadas, tais como moradores de periferias, seringueiros e mulheres indígenas. Por essa razão, o ODS converge especialmente com o ODS 11 - cidades e comunidades sustentáveis.

O ODS 7 - energia limpa e acessível é apontado em três notícias que tematizam a energia solar e a redução do uso de combustíveis fósseis na matriz energética brasileira. É referenciado com otimismo tecnológico (SD-E47), retratando as energias limpas com termos como “inovação” e “oportunidade”.

"Eu aprendi com a minha família a importância da questão social, da sustentabilidade e de sentir que a gente está fazendo alguma coisa de impacto positivo para o mundo. Nós precisamos de inovações que estejam conectadas com melhorias para a sociedade. Ao estudar esse assunto [energia solar], a gente vê que é possível fazer diferente. **Precisamos usar os avanços na tecnologia para a construção de um mundo desejável**", considera [Eduardo Ávila, economista]. (SD-E47)

O ODS 3 - saúde e bem estar é apontado em duas notícias, relacionado aos efeitos nocivos à saúde do plástico e da poluição do ar. Em ambas, aparece em conjunto com o ODS 12, servindo complementarmente para problematizar a geração de resíduos e práticas empresariais pouco sustentáveis. O ODS 14 - vida na água aparece em duas matérias, que tematizam a conservação da biodiversidade aquática e marinha, abordando o uso sustentável de seus recursos (SDE-159). O ODS 16 - paz, justiça e instituições eficazes é mobilizado em duas notícias que tratam da justiça climática e a demanda de grupos sociais, especialmente jovens e pais, pela preservação do planeta para as gerações futuras.

O Pristine Seas é **um dos projetos** dentro do programa "Last Wild Places", da National Geographic, **para proteger 30% das terras e dos oceanos do globo até 2030**, data que a ONU (Organização das Nações Unidas) estabeleceu como limite no plano de ação de atingir 169 metas dentro dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS). (SD-E159)

Citado em apenas uma notícia, o ODS 4 - educação de qualidade é mencionado em um projeto global para disseminar escolas inovadoras (SD-E191), buscando responder diretamente a esse objetivo. Também referenciado somente em uma matéria, o ODS 5 -

igualdade de gênero é reportado ao empoderamento de mulheres em comunidades ribeirinhas e indígenas da Amazônia. Está correlacionado com o ODS 8, realçando a oportunidade de trabalho como ferramenta para eliminar a discriminação e violência contra mulheres, e o ODS 10, quanto a redução de desigualdades.

A iniciativa, que tem o nome de Escolas 2030, é orientada pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 da Organização das Nações Unidas, que consiste basicamente em **assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade**, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. O ODS 4 é um entre 17 objetivos fixados pela ONU para erradicar a pobreza e promover o desenvolvimento dentro dos limites do planeta até 2030. (SD-E191)

Os ODS 1 - erradicação da pobreza e ODS 6 - água potável e saneamento não foram aludidos nas matérias coletadas no período do segundo semestre de 2020.

Retomemos seu dizer institucional. O Ecoa autodefine os 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável como temas vetoriais que orientam sua cobertura jornalística, com o propósito de “trazer soluções, educar, instruir e engajar a audiência” (UOL..., 2019) para um mundo melhor. Em paralelo, o quadro 1 evidencia que a sustentabilidade é mobilizada a partir de uma variedade de temáticas, representativas desse interesse editorial do Ecoa. Apesar disso, nota-se que as inter-relações entre os ODSs são limitadas, condensadas em temas dominantes que prevalecem no discurso da sustentabilidade em questão. Na sequência, apresentamos os temas explorados nos textos jornalísticos da seção Plural.

\*\*\*

Atrelado ao Ecoa, Plural atua em colaboração com coletivos jornalísticos independentes, abordando temáticas contemporâneas, tal como a sustentabilidade, a partir de lugares periféricos e marginalizados. De 3 de julho até 31 de agosto prevalece em Plural uma agenda aglutinada em torno de questões ambientais, que aborda, no contexto da pandemia da Covid-19, o agravamento da situação enfrentada, em especial por mulheres negras de periferias em relação à fome (conceituado como nutricional) e por povos tradicionais no que se refere às mortes de anciões; relata as vivências de comunidades periféricas no âmbito de uma economia solidária, com inspiração nas ancestralidades negras e indígenas, nas memórias das pessoas mais velhas, no aproveitamento dos saberes locais e das tecnologias sociais; evidencia a resistência das comunidades dos manguezais, a conexão e dependência desses indivíduos com esse ecossistema; defende a aproximação da sociedade a um modelo de

convívio harmonioso com a natureza e o tempo, a partir dos saberes dos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos; cita as mobilizações de coletivos femininos pela igualdade de gênero. O meio ambiente é um eixo mobilizador do ativismo desses coletivos, a partir do debate da precarização do saneamento básico e dos impactos do agronegócio em detrimento aos modelos agroecológicos. Esse padrão temático é interrompido a partir do período eleitoral, com exceção de uma publicação de 11 de outubro, sobre a mobilização social pelo direito à água.

As publicações de Plural tiveram como temas predominantes a auto-organização de mulheres negras periféricas de São Paulo e Rio de Janeiro (locais de atuação dos coletivos jornalísticos), as práticas e saberes de comunidades indígenas e quilombolas referidas como alternativas para a sociedade e as reivindicações de acesso à água, alimento e território por esses grupos sociais. A abordagem das notícias ressalta ora ausência, ora negligência do Estado no atendimento a esses direitos básicos e constitucionais.

Apesar de vinculado ao Ecoa, Plural diverge significativamente quanto aos temas preponderantes sobre o meio ambiente. Vale lembrar que, em seu dizer institucional, o UOL... (2020, online) define Plural como iniciativa que busca “ampliar o espaço para pontos de vista, perspectivas, inquietações de partes muito amplas da sociedade que historicamente participam muito pouco do fazer jornalístico”. Desse modo, enquanto Ecoa constitui temáticas com base nos ODSs, Plural pretende evocar temas a partir de ângulos pouco retratados, uma prática que considera capaz de aprimorar o jornalismo, tornando-o mais diverso. A vontade de abranger outros olhares incide na construção de um retrato do enfrentamento da pandemia pelas comunidades, e especialmente da preocupação com a intensificação da desigualdade social e a negligência com os direitos básicos de populações vulneráveis.

O distanciamento editorial entre Plural e o Ecoa é acentuado no tratamento de fontes e mesmo de temas equivalentes. Como discutido previamente, as notícias do Ecoa sobre comunidades tradicionais, em geral inscritas no ODS 11, ressaltaram o desenvolvimento social e econômico viabilizado pelas relações comerciais com empresas multinacionais nesses locais. Na construção desse tema prevalecem as fontes empresariais, que atuam como porta-vozes das organizações; fontes científicas, que respaldam esses modelos de desenvolvimento; e, por vezes, fontes locais, mobilizadas para fazer coro aos impactos positivos dessas corporações. Assim, essas fontes se restringem a poucas, ou até mesmo a uma voz. Em Plural, todavia, as comunidades são retratadas pelo viés da auto-organização perante a inação do Estado, da reivindicação de direitos e do alerta para o enfraquecimento

desses grupos tradicionais. As fontes são atores sociais demandantes de maior participação na governança política, que atuam no resgate da ancestralidade e na defesa da autodeterminação de povos originários. O Estado, quase ausente em notícias do Ecoa que tematizam comunidades, torna-se central em Plural.

Apesar do exemplo se tratar do mesmo tema, os sentidos acionados pertencem a lugares discursivos distintos, o que indica que os modos de dizer a sustentabilidade são diferentes no Ecoa, amparado no desenvolvimento sustentável e nas soluções da economia verde, do que em Plural<sup>40</sup>, sustentado no resgate de modos de vida ancestrais e ecológicos. Na sequência, passaremos a apresentar os resultados desta análise, que conduzirá, no momento próximo, à caracterização do funcionamento do discurso jornalístico do Ecoa sobre a sustentabilidade.

## 5.2 OS SENTIDOS DA SUSTENTABILIDADE NO ECOA

No discurso reformista do Ecoa, identificamos paráfrases que estabilizam o interdiscurso no interior de um dizer. Trata-se de expressões semelhantes que inscrevem um mesmo sentido no dizer. Esses sentidos, sabemos, não são estanques. O seguinte quadro apresenta a sustentabilidade como uma exploração vantajosa, uma oportunidade de negócios, uma competência das empresas, uma solução tecnológica, uma atitude de consumo, uma consciência sustentável, uma expectativa otimista, um dever de todos, uma tendência mundial, uma revisão do modelo econômico atual e um desafio crítico.

**Quadro 2** - Redes parafrásticas do projeto editorial Ecoa

Efeitos de sentido	Paráfrases
Explorar para preservar	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Exploração consciente dos recursos (SD-E22)</li> <li>. Explorar o meio ambiente de maneira sustentável (SD-E94)</li> <li>. Em vez do corte, passaram a ganhar mais para manter as árvores de pé (SD-E12)</li> <li>. A floresta em pé que garante a produção (SD-E112)</li> <li>. Produtos de maior sucesso e mais icônicos (SD-E103)</li> <li>. Empresas podem [...] ajudar a manter a floresta preservada (SD-E104)</li> </ul>

<sup>40</sup> Em razão disso, entendemos que os ODSs não são métricas compatíveis para analisar os temas em Plural, tal como realizamos no Ecoa. Ainda assim, observamos fortes aproximações temáticas com os ODS 11 - cidades e comunidades sustentáveis e ODS 10 - redução de desigualdades.

Oportunidade de negócios	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Alto potencial de geração de trabalho e renda (SD-E115)</li> <li>. Capaz de gerar desenvolvimento social e econômico (SD-E162)</li> <li>. "Estamos [...] buscando bons negócios para investir" (SD-E179)</li> <li>. A ideia é dobrar os R\$ 30 milhões já investidos</li> <li>. O novo modelo de economia sustentável (SD-E196)</li> <li>. A preservação do meio ambiente dá dinheiro, diminui o desemprego [...] (SD-E196)</li> <li>. "Sustentabilidade [...] tem que ser central na estratégia dos negócios" (SD-E140)</li> <li>. Sustentabilidade e crescimento econômico são complementares (SD-E86)</li> <li>. Estimular o aporte financeiro (SD-E178)</li> </ul>
Competência empresarial	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Um misto entre uma maior conscientização das empresas com um maior questionamento da sociedade civil (SD-E52)</li> <li>. "Uma maior atuação do setor empresarial nessa agenda é indispensável" (SD-E111)</li> <li>. "[Tem de fazer] discussão internamente de como se conecta as ODSs ao negócio" (SD-E88)</li> <li>. Unir lideranças corporativas [...] em torno de questões como a sustentabilidade (SD-E137)</li> <li>. A extração sustentável, de mãos dadas com empresas e novos mercados [...] (SD-E107)</li> <li>. Uma corporação com uma preocupação genuína (SD-E157)</li> <li>. Atores importantes na construção de um país mais igualitário (SD-E136)</li> <li>. Empresas [...] procuram vender a ideia de que são responsáveis (SD-E53)</li> <li>. Cabe às empresas trazerem mais conhecimento sobre o problema. (SD-E139)</li> </ul>
Solução tecnológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Usar os avanços na tecnologia para a construção de um mundo desejável (SD-E47)</li> <li>. Adoção de tecnologias de produção sustentáveis (SD-E36)</li> <li>. Práticas sustentáveis que unem o conhecimento dos povos ancestrais com o uso de tecnologias atuais (SD-E91)</li> </ul>
Atitudes de consumo	<ul style="list-style-type: none"> <li>. O consumidor dela vai pagar [...] segundo seus hábitos de consumo (SD-E65)</li> <li>. "Precisamos repensar nosso consumo (SD-E7)</li> <li>. Podem gerar impacto pelo simples exemplo (SD-E125)</li> <li>. Há um movimento dos consumidores buscando e demandando sustentabilidade (SD-E141)</li> <li>. Os consumidores estão mais atentos a empresas que pratiquem a responsabilidade</li> </ul>

	socioambiental (SD-E173)
Consciência ambiental	<ul style="list-style-type: none"> <li>. A mudança [...] envolve modos de produção e também de olhar para o mundo. (SD-E39)</li> <li>. "Novo nível de consciência do que se entende como sustentável" (SD-E127)</li> <li>. Ajudar os consumidores a adotar estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis é uma enorme oportunidade para as marcas (SD-E174)</li> <li>. Uma mudança drástica no modo de vida (SD-E25)</li> <li>. "Nós acreditamos no despertar coletivo" (SD-E8)</li> </ul>
Expectativa otimista	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Uma agenda socioambiental consistente é o passaporte do Brasil para o futuro (SD-E147)</li> <li>. Podemos ser destaque em energia solar e sustentabilidade (SD-E50)</li> <li>. Implementar esse tipo de manejo na Amazônia, [...], pode mudar a relação do homem com a terra (SD-E97)</li> <li>. A vida [...] melhorou (SD-E101)</li> <li>. Potencial de transformação [...] para uma economia verde (SD-E44)</li> <li>. Potencial ainda inexplorado (SD-E48)</li> <li>. Perspectiva imensa para o futuro (SD-E96)</li> <li>. Estamos muito longe de chegar a uma pecuária neutra de carbono, mas é totalmente factível (SD-E32)</li> </ul>
Dever de todos	<ul style="list-style-type: none"> <li>. O cidadão precisa ter clareza de que tem um custo (SD-E61)</li> <li>. Não é só dos fabricantes e do poder público essa responsabilidade, afinal (SD-E70)</li> <li>. O setor não vai mudar com a velocidade que precisa se o consumidor não mudar as suas escolhas (SD-E89)</li> <li>. As decisões tomadas em relação ao meio ambiente deveriam possuir uma maior participação social (SD-E78)</li> <li>. Os ODS "são como uma lista de tarefas a serem cumpridas pelos governos, a sociedade civil, o setor privado e todos cidadãos (SD-E186)</li> </ul>
Eficiência estrangeira	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Mesmo o mundo desenvolvido indo em direção contrária, o Brasil segue estacionado (SD-E38)</li> <li>. Países europeus, em geral, gastam zero com reciclagem (SD-E66)</li> <li>. É uma tendência mundial", avalia. (SD-E67)</li> </ul>
Revisão do modelo econômico atual	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Um grande estrago não só em qualidade de vida, mas na economia (SD-E28)</li> <li>. A grande indústria [...] busca conciliar o tema</li> </ul>

	<p>da sustentabilidade ou do politicamente correto como uma opção para quem tem dinheiro (SD-E128)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Foi equivocada a estratégia de desenvolvimento econômico (SD-E161)</li> <li>. É absurdo o sistema de produção que nós mesmos criamos (SD-E154)</li> <li>. A discussão sobre sustentabilidade passa essencialmente por alternativas economicamente viáveis (SD-E31)</li> <li>. Ecoa mostrará alternativas para a exploração sustentável (SD-E108)</li> </ul>
Crítico	<ul style="list-style-type: none"> <li>. impossibilita a reciclagem (SD-E20)</li> <li>. financeiramente inviáveis (SD-E60)</li> <li>. ainda não é suficiente (SD-E102)</li> <li>. escancarou ainda mais as dificuldades estruturais, sociais e ambientais (SD-E3)</li> <li>. ainda não conseguiu, uma década depois, impactar [...] a adoção de hábitos de consumo mais sustentáveis (SD-E63)</li> <li>. As propostas são tímidas e não sinalizam metas a serem cumpridas. (SD-E188)</li> </ul>

Fonte: Elaboração do autor, 2023.

A formação discursiva, sabemos, comporta múltiplos lugares ocupados pelo sujeito ao enunciar. E por esse motivo, seus efeitos de sentido remetem a diferentes significações, certo desencaixe pelo qual o discurso-outro transpõe a FD. No discurso jornalístico do Ecoa, essa assimetria é enfatizada por um sentido dominante, que compreende a sustentabilidade como oportunidade de crescimento econômico, à medida que exige responsabilidade de todos os atores sociais. O cumprimento da Agenda 2030 perpassa, no entendimento do projeto editorial, uma mudança no modelo econômico atual. Em paralelo, há efeitos de sentidos dispersos que indicam as dificuldades dessa transição econômica sustentável, com viés pessimista, além de outros sentidos silenciados. A SD-E32 que discute a implementação de uma economia neutra de carbono, contempla essa contradição entre os desafios e a potencialidade representada pela transição ecológica no discurso do Ecoa.

"[...] **Estamos muito longe de chegar a uma pecuária neutra de carbono, mas é totalmente factível**, não custa caro, além de aumentar a fertilidade do solo e diminuir os extremos climáticos", analisa Nobre. (SD-E32)

A importância atribuída às soluções do mercado para a sustentabilidade demonstra a prioridade da visão econômica sobre o tema. Significa, sobretudo, que os sentidos dominantes estão centrados nas expectativas dos avanços da iniciativa privada, na transição para uma

economia verde, na mercantilização da natureza, implementação de práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) em organizações, além de inovações empresariais. Mais que isso, compreendem que essas ações financeiras são capazes, por si só, de responder as demandas climáticas e ambientais.

As empresas e o mercado são elogiados por liderarem a transição para uma economia sustentável. Ao mesmo tempo, a sustentabilidade é considerada uma tendência de mercado e, portanto, inevitável às empresas que queiram se manter competitivas. O poder público, em comparação, teve suas ações pouco abordadas, recorrentemente sendo criticado por outros atores pela inércia e pelos empecilhos à iniciativa privada. Aos indivíduos, tratados ora como consumidores, ora cidadãos é transferida a responsabilidade por um estilo de vida sustentável e a redução do consumo.

Ilustrando a captura do debate ambiental pela linguagem econômica neoliberal, Moreno (2016) relata um processo de despolitização, limitação de alternativas aos manejos e tecnologias, apagamento dos conflitos de interesse, predileção aos saberes científicos e ênfase nos dados objetivos. Esses traços se manifestam, em alguma medida, no dizer do Ecoa, fornecendo pistas de um atravessamento de saberes empresariais na FD capitalismo reformado. Ainda assim, o jornalismo regula esses sentidos, demarcando sua autoria, especialmente ao enfatizar as fontes locais impactadas pelas ações empresariais, que, no entanto, ressoam as mesmas vozes. Sujeitos que propõem redução no crescimento econômico, por sua vez, tem seus sentidos interditados.

O discurso do Ecoa sobre desenvolvimento sustentável assume a exploração responsável da natureza como meio capaz de garantir a sua preservação. Em seu entendimento, usando os recursos de forma correta, minimiza-se os impactos ambientais e a vulnerabilidade da floresta às ações intensivamente degradantes, tais como o garimpo e a pecuária. Tais sentidos, é oportuno pontuar, estão tematicamente vinculados às iniciativas empresariais desenvolvidas na Amazônia. No exemplo, conforme a SD-E12, a organização multinacional de cosméticos adquire as sementes por um valor acima do mercado como estratégia para evitar a derrubada da espécie nativa. O projeto editorial apresenta a ação como um modelo de sucesso, pois garante a preservação da floresta aliada à geração de renda da comunidade.

Para evitar que árvores de ucuúba fossem derrubadas para a produção de vassouras, vendidas no comércio local, o grupo resolveu pagar o dobro do valor que a comunidade amazônica recebia pelo trabalho. **Em vez do corte, passaram a ganhar mais para manter as árvores de pé** e extrair apenas as sementes, que têm

propriedades hidratantes para a produção de cremes - a Natura tem uma linha de produtos com a semente desde 2015. (SD-E12)

Nesse recorte, o Ecoa retoma o pré-construído do discurso empresarial institucional, de modo que relata o pagamento adicional como ato de distinção de Natura. Explorar os bens amazônicos, sob essa perspectiva, é fundamental para preservar o ecossistema. O sentido de desenvolvimento construído em seu dizer implica em beneficiar-se dos recursos com a garantia da conservação da biodiversidade e fortalecimento econômico das comunidades. Igualmente, a SD-E94 reconhece a necessidade do crescimento econômico aliado ao otimismo com tecnologias e manejos sustentáveis. Belmonte (1997) pondera que as organizações exercem influências nas práticas jornalísticas, desmembrando o prisma ecológico à aspectos uniformes do debate ambiental, reduzindo-o a um quadro econômico e corporativista, o que prejudica a autonomia jornalística.

Mais do que harmonia, as agroflorestas, ou sistemas agrofloretais (SAFs), têm provado que o desenvolvimento da Amazônia e do Brasil não precisa estar atrelado à perda da floresta e que **é possível, sim, explorar o meio ambiente de maneira sustentável**, uma vez que o sistema promove uma melhora na qualidade da água e do solo, aumenta a biodiversidade e ainda contribui para o sequestro de carbono, reduzindo os efeitos da crise climática. (SD-E94)

Ao acionar esse discurso – de que a exploração sustentável de recursos naturais concilia necessidades econômicas e de preservação ambiental, o Ecoa interdita sentidos que associam desenvolvimento ao crescimento ilimitado, indiferente aos impactos ambientais. Pelo contrário, materializa tal sentido como oportunidade de produção sustentável, a partir de iniciativas descritas como solução para problemas ecológicos.

Esse sentido de oportunidade cristalizado no discurso deriva de uma expectativa dessas lógicas de mercado conciliarem rentabilidade com impacto social e ambiental positivos. Apesar de existirem desafios, há otimismo com os benefícios econômicos que a exploração dos recursos naturais pode proporcionar. A SD-E35 indica interesse do mercado em comercializar produtos de origem amazônica sem desmatar a floresta. Por sua vez, a posição ocupada por fontes científicas nesses dizeres ratifica as ações empresariais.

O projeto Amazônia 4.0, em desenvolvimento, vai exatamente nessa direção: **mostrar a viabilidade de desenvolver a bioeconomia de floresta em pé na Amazônia**, e, se possível, industrializar mais de 500 produtos da floresta – como andiroba, cacau, açaí - especialmente através de sistemas agrofloretais, mantendo a floresta em pé. [Carlos Nobre, climatologista]. (SD-E35)

A visão de financeirização da natureza fica evidente nos recortes que descrevem a Amazônia como um ativo financeiro, capaz não somente de gerar lucros com o desenvolvimento de cadeias produtivas e o fomento ao mercado de carbono, mas também de agregar valor a partir de conhecimentos ancestrais de povos originários e tradicionais. A SD-E104 explicita esse interesse utilitário pelos saberes indígenas, sendo a existência da floresta e desses povos um resultado complementar das ações empresariais. O discurso da bioeconomia, argumentam Fante, Paim e Moraes (2022, p. 106), é externado como alternativa à economia de exploração ilimitada a partir de “receitas prontas de desenvolvimento, ou seja, sem a menção sobre a construção em conjunto com os respectivos povos do bioma Amazônia, através das atividades econômico-produtivas descritas dependentes de alta tecnologia e grandes investimentos”, que buscam preservar o bioma com finalidade estratégica de organizações.

Sim, é possível ter uma relação sustentável com as florestas, afirma o coordenador do ISA (Instituto Socioambiental), Jeferson Straattmann. "Os indígenas fazem isso há milhares de anos". Também está mais do que comprovado que **empresas podem se beneficiar das formas tradicionais de manejo, e por tabela ainda ajudar a manter a floresta** preservada e fortalecer as comunidades que vivem nela." (SD-E104)

Tal como evidencia o recorte, a sustentabilidade é qualificada como oportunidade de negócios no discurso do Ecoa. As sequências discursivas que circunscrevem esse sentido se contrapõem ao desenvolvimento como apropriação irrestrita de bens comuns. A adoção de práticas sustentáveis é tomada como uma demanda de mercado, alçada pelo interesse dos consumidores e o “alto potencial de geração de trabalho e renda”. Remontando ao ODS 8 – trabalho decente e crescimento econômico, a SD-E115 e a SD-E196 defendem a transição do sistema de produção tradicional para uma economia sustentável, atrelado ao bem-estar, inclusão social, redução de desemprego e, sobretudo, capaz de ser um modelo lucrativo.

Ao contrário de modelos tradicionais do agronegócio — como a soja e a criação de gado —, os sistemas agroflorestais têm a maior parte dos custos ligados à mão-de-obra. Isso é sinônimo de **um alto potencial de geração de trabalho e renda**, o que pode ter papel inclusivo especialmente para mulheres e jovens da floresta. (SD-E115)

Segundo a ONU, os chamados "empregos verdes" serão fundamentais para construir o novo modelo de economia sustentável. **A preservação do meio ambiente dá dinheiro, diminui o desemprego e é essencial para garantir bem-estar** no presente e no futuro. Mais que o bem-estar ela é fundamental para garantir nossa existência neste planetinha azul. (SD-E196)

Apresentado pelo Ecoa como um misto de solução e oportunidade, esse “novo modelo de economia sustentável” busca trazer uma perspectiva atualizada para “modelos tradicionais” e “práticas conservadoras”. A atualização da cultura empresarial como condição para o reposicionamento no mercado, sentido que evoca os princípios ESG, mobiliza uma controvérsia entre o capitalismo “tradicional” e capitalismo reformado, que, no entanto, não se estabelece pelos meios do discurso polêmico, apenas contrapõe o modelo tradicional a uma prática vista como “solução”. A reforma do capitalismo, com ênfase no interesse das corporações na sustentabilidade e na visão “inovadora” de executivos, é materializada no discurso por paráfrases como “experimentar mudanças” (SD-E140), “encampar a bandeira” (SD-E14) e “trunfo empresarial” (SD-E158). O sentido de sustentabilidade, nessa perspectiva, se restringe às estratégias organizacionais e às demandas dos consumidores. A liderança de empresários no tema é enaltecida, consolidando efeitos de sentido que atribuem à iniciativa privada a prerrogativa de direcionar o debate ambiental. Do mesmo modo, esses sentidos acionam uma memória discursiva neoliberal sobre empreendedores visionários, capazes de identificar potencialidades em negócios inovadores.

**Mudar práticas mais conservadoras enraizadas na cultura corporativa é parte da solução.** Para quem pretende experimentar mudanças, Marques dá uma dica. "Sustentabilidade não pode ser uma área isolada dentro da empresa, ela tem que ser central na estratégia dos negócios [...]" (SD-E140)

Nos últimos anos, **executivos engravatados encampam a bandeira da inclusão** como boas e rentáveis práticas de negócios. Para o CEO, a diversidade no quadro de colaboradores também tem a ver com redução do impacto ambiental. (SD-E14)

**O trunfo do empresário** foi perceber bem antes de seus pares o movimento em prol da sustentabilidade que ganharia o mundo no século 21 - um levantamento recente realizado pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) concluiu que esse é o tema mais importante para a juventude. Só um dado para ilustrar a popularidade da marca nesse quesito: em agosto de 2019, 9.000 jovens concorreram a 16 vagas de estágio na companhia. (SD-E158)

A atuação das corporações é mobilizada por um duplo sentido: primeiro, acionando a responsabilidade desses atores sociais na construção de uma sociedade sustentável, e por fim, por uma questão de aptidão, conforme o Ecoa. Recordando o dizer institucional do projeto editorial, em que UOL o intitula jornalismo propositivo, podemos observar que as soluções apresentadas pelo discurso da sustentabilidade são predominantemente empresariais, tomadas por um verniz de “boas ações”. Apesar de se proporem a apresentar soluções, essas são simplificadas a apontamentos, baseados nas demandas de mercado e na convicção de executivos. Há um viés positivo ao abordar a competência empresarial, calcado na convicção de que as organizações estão fazendo sua parte.

É importante ressaltar que, ao constituir sentidos sobre a exploração da biodiversidade, o Ecoa reconhece a necessidade de limites, cuidados, responsabilidades e ao tempo de regeneração do ecossistema. Essas demarcações discursivas indicam que uma cultura de exploração consciente é plausível, o que reforça a preservação ambiental como complemento à economia.

**A cultura de exploração da rica biodiversidade do Brasil sem cuidados** para sua preservação nos levou a consumir desenfreadamente, gerar cada vez mais lixo e basear toda nossa indústria (do arroz e feijão ao combustível do ônibus) em um sistema insustentável de emissão dos gases do efeito estufa, intensificando as mudanças climáticas. (SD-E27)

Os sentidos que evidenciam soluções de mercado para a sustentabilidade demonstram a necessidade de estabelecer formas rentáveis que estimulem a produção responsável, o que recai como dever conjunto da indústria e dos consumidores. A SD-E65, que justifica as vantagens da logística reversa como um instrumento de avanço das atitudes de consumo, exemplifica um processo no qual as responsabilidades ambientais são atribuídas aos indivíduos. O consumidor é constituído no discurso do Ecoa de forma ambivalente: ressalta o sentido de que sustentabilidade é uma tendência, afinal, só há oportunidade de negócios devido a um movimento de indivíduos repensando seu consumo, que ocorre, conforme Portilho (2010, p. 76), pois na Sociedade do Consumo fazemos nossas escolhas pensando nas “formas através dos quais nós vemos o mundo e nossa posição dentro dele, medindo o progresso da nossa trajetória de vida”. Nessa perspectiva, o consumo se configura como uma responsabilidade privatizada e politizada (SD-E7), que se contrapõe a uma sociedade ainda insustentável. De outro ângulo, o consumidor é um ator social a quem compete a responsabilidade de fazer melhores escolhas de consumo e de auxiliar, no caso da questão de resíduos, na repartição dos custos com a indústria. Entendemos, portanto, que essa instabilidade nos efeitos de sentido sobre o consumo é determinada por saberes distintos que atravessam o discurso jornalístico. De um lado, os saberes do discurso empresarial, como evidencia a SD-E141, que estabelece uma correlação entre a consciência ambiental e a estratégia das empresas. De outro, os saberes de movimentos sociais, como exemplifica o discurso do veganismo.

"A embalagem desse produto é enorme, com uma tinta chamativa que dificilmente é reciclável e cerca de 30% do conteúdo dessa caixa, efetivamente, produto, cereal. Só que depois que usufrui disso, o consumidor descarta a caixa vazia - e o custo da destinação dessa embalagem fica nas costas do serviço público, ou seja, o próprio contribuinte acaba sustentando o custo ambiental dessas embalagens", explica.

"Com a logística reversa, isso muda: a indústria recolhe ou paga alguém para recolher esse resíduo dela, o que poderá fazer com que ela diminua o tamanho dessa embalagem, a faça mais sustentável - e **o consumidor dela vai pagar mais ou menos por isso, segundo seus hábitos de consumo**. Isso é fundamental, essa logística, ou sempre teremos ações de manejo paliativas, sem mexer em padrões de consumo que os façam mais sustentáveis", avaliou. (SD-E65)

"Principalmente as gerações mais novas têm muito mais consciência disso, e suas escolhas hoje são por empresas que se preocupam com embalagem, ingredientes, trabalho com comunidades". Para Marques, **há um movimento dos consumidores buscando e demandando sustentabilidade**. (SD-E141)

As criadoras do projeto também querem viabilizar que a entrega de quentinhas seja feita em carro elétrico o mais breve possível. "Queremos construir uma cadeia sustentável de causas e seguimos em busca de novos parceiros", conta Christiane, para quem o veganismo é uma maneira de conscientizar as pessoas, pois comer com saúde tem impacto ambiental direto. "Precisamos repensar nosso consumo; **é o momento dos pequenos se unirem** e criarem uma cadeia de compartilhamento e sustentabilidade", ela defende. (SD-E7)

Os sentidos sobre a consciência são enunciados de lugares discursivos heterogêneos, mas que compreendem a necessidade de novos comportamentos na sociedade. Conforme Leff (2012), a consciência ambiental se constitui em um processo de interpelação política e ideológica do movimento ambientalista que orienta a formação de uma nova racionalidade social e produtiva. No Ecoa, há uma aproximação entre os sentidos de consciência e otimismo, apresentando-a como o advento de novos modos de olhar o mundo. A consciência ambiental, de acordo com Portilho (2010), abrange uma orientação para “produzir melhor” e “consumir melhor”, ambas entrelaçadas no dizer do Ecoa sobre estilo de vida, e nos entrecruzamentos com sentidos de competência empresarial e dever de todos. Essa rede de paráfrases em torno da consciência apresenta dois direcionamentos, o primeiro traz um sentido otimista com modelos de produção e consumo sustentáveis (SD-E96), como uma expectativa com as oportunidades, mas especialmente pela mudança no modo que o homem se relaciona com o mundo.

A consciência, no entanto, tende a ser individualizada, atribuída à sujeitos que adotaram hábitos de consumo sustentáveis e modos de vida simples, como exemplifica a SD-E127. Esses consumidores “verdes”, na perspectiva de Portilho (2010, p. 114), consolidam um mercado voltado à indivíduos que estão “preferindo produtos que não agriam, ou são percebidos como não agredindo o meio ambiente”. Além disso, o Ecoa atribui a esse sujeito ambientalista um sentido de exemplaridade ao leitor.

Ainda em São Paulo, antes da mudança para Santa Catarina, Alexandra começou a mudança de hábitos. Deixou a dieta carnívora e iniciou a transição para se tornar vegetariana. O "**novo nível de consciência do que se entende como sustentável**", como ela define, extravasou a alimentação mais natural e se estendeu para o uso de

coletores menstruais, roupas, móveis reutilizáveis, xampus e produtos de limpeza menos poluidores. (SD-E127)

"Meu sentimento particular é o de que tivemos um avanço muito grande em modelos sustentáveis na região nesses últimos anos. Eu tive a oportunidade de vivenciar isso; a consciência muda. A biodiversidade da floresta é imensa e ainda muito desconhecida, ainda temos muito o que fazer em termos de bioeconomia, mas isso é algo com uma **perspectiva imensa para o futuro.**" (SD-E96)

Além de trazer indivíduos que exemplificam um “mundo melhor”, o Ecoa busca orientar e inspirar o leitor, mobilizando um discurso pedagógico e lúdico, estabelecido por dicas, conselhos, uso de verbos imperativos e linguagem didática. Para Reginato (2011, p. 38), “esses rituais organizam um modo discursivo pedagógico, sob a égide da informação jornalística, tomado por uma questão ordenativa e performativa”, e que estabelecem ao leitor um modo de ler o mundo. As expressões “inspirar você” (SD-E200) e “incentivar” (SD-E189), nos recortes seguintes, indicam uma estratégia jornalística em interpelar o leitor, a partir do funcionamento das formações imaginárias, a se posicionar no discurso.

Para aproveitar os dias de folga e celebrar o movimento #PlantarEcoa, lançado pela campanha Pare de Falar. Comece a Plantar, selecionamos com ajuda de Frances Andrade, da Engajamundo, uma série de filmes que vão **inspirar você a plantar mais árvores** e entrar de vez na luta por um mundo mais verde. (SD-E200)

Ecoa lançou a campanha Pare de Falar. Comece a Plantar, em parceria com a Plant-for-the-Planet com o objetivo é incentivar o plantio de árvores a ajudar a garantir um futuro sustentável. Mas, afinal, **você sabe quais são os benefícios das árvores?** Conheça doze deles abaixo! (SD-E189)

O desenvolvimento sustentável se popularizou, a partir do Relatório Brundtland, ao sugerir a incapacidade de manter padrões de consumo irrestritos. Como resultado, o mercado apreende o meio ambiente em suas métricas financeiras, acentuando um afastamento de demandas sociais da economia (REDCLIFT, 2002). A sustentabilidade, tema em disputa discursiva, torna-se âncora de uma revisão do modelo de desenvolvimento tradicional. Sob essa visão crítica, o modelo sustentável se assenta como uma alternativa para a desconstrução de um modelo produtivista que busca explorar desmedidamente os bens comuns. Em oposição, o sentido de cuidado e harmonia com a natureza proposto pela SD-E161 explora a interligação da sustentabilidade da pesca artesanal enquanto retorno ao natural. No Ecoa, a necessidade de mudança no modelo econômico apresenta alianças com o sentido de oportunidade de negócios, como evidenciado pela SD-E131, indicando que a crítica ao capitalismo busca salientar um modelo dentro das lógicas financeiras. Esses sentidos indicam “um processo político que mobiliza a transformação de ideologias [...] e valores culturais de

uma sociedade” (LEFF, 2012, p. 143), uma revisão que, no caso do projeto editorial, se restringe a uma reforma.

Os questionamentos ao modelo econômico no discurso do Ecoa são manifestos individualizados, sem mobilizar uma posição crítica sobre a sustentabilidade, que não permite assimilar o conceito além de uma extensão do capitalismo. Há, no entanto, o irrompimento pontual de uma postura ativista no dizer do Ecoa, uma ruptura aos sentidos normalmente interditados, seja por esquecimento ou silenciamento. O discurso da sustentabilidade no Ecoa, portanto, propõe um ajuste instrumental ao modelo de desenvolvimento tradicional, sem suprimir as modalidades de acumulação de capital financeiro (Gudynas, 2016).

**"É absurdo o sistema de produção que nós mesmos criamos:** consumimos 1,8 vezes mais rápido os recursos que o planeta é capaz de produzir por ano. Pensava: 'Não é possível que não exista um formato de negócio, de produção, que seja sustentável, impacte positivamente a todos da cadeia produtiva e não seja às custas de ninguém'", conta o sócio-fundador e CEO da startup de gastronomia duLocal, Felipe Gasko, sobre a força motriz que o guiou a criar uma empresa "em que todos ganham". (SD-E154)

Por isso, a discussão sobre sustentabilidade passa essencialmente por **alternativas economicamente viáveis** para fazer frente ao desmatamento. (SD-E31)

Ele acredita que **foi equivocada a estratégia de desenvolvimento econômico.** "Agora se pode dimensionar o impacto dessa indústria. Temos que voltar com a pesca artesanal e aproveitar o potencial turístico dessa região de bosques, montanhas e rios de corredeiras. É muito mais valiosa a Patagônia preservada. Cuidar é mais barato que destruir e reconstruir", afirma. (SD-E161)

O efeito de sentido crítico no discurso do Ecoa indica um juízo sobre dificuldades econômicas e desafios sociais, especialmente questionando ações de setores da sociedade. Esses sentidos sugerem um deslocamento da posição do sujeito no discurso que desatende a posição engajada dominante no projeto editorial. Os sentidos críticos advertem para a inação do poder público, apesar de também discutirem outras atribuições, como mostra a SD-E20. Nessa rede de dizeres, configura-se um tensionamento, em que sujeitos mobilizam discursos-transversos, que são apropriados para a crítica no interior do discurso. Também evidenciam a própria função jornalística em apontar as contradições da sociedade, ajudando a cobrar medidas governamentais.

A ideia expressada em lei no dia 2 de agosto de 2010 **até que era promissora**, mas o fato é que o Plano Nacional de Resíduos sancionado pelo governo federal **ainda não conseguiu**, uma década depois, impactar de forma significativa um elemento considerado essencial ao volume de resíduo produzido no país e à forma como ele é descartado: a adoção de hábitos de consumo mais sustentáveis por parte do cidadão. (SD-E63)

Indústria, agricultura sustentável, cidades sustentáveis, água potável e saneamento, redução das desigualdades e energia limpa: Em relação a esses ODS, quase todos os

planos fazem alguma sinalização. No entanto, **as propostas são tímidas e não sinalizam metas a serem cumpridas.** (SD-E188)

E é essa viabilidade econômica, segundo Falopa, que ainda impossibilita a reciclagem em larga escala de máscaras. Ela conta que, por enquanto, apenas utilizam os resíduos gerados do corte da confecção das mesmas. Para as máscaras, em si, há a barreira do custo operacional. "**Quem pagaria por isso?** O processo teria um custo elevado", diz ela. "Os geradores dos resíduos não querem ter custos com a reciclagem. E para os recicladores, **esse custo não compensa** o valor do produto final, que é muito baixo." (SD-E20)

Os saberes da FD capitalismo reformado não são questionados somente nos efeitos de sentido críticos à sustentabilidade. Na SD-E37, enuncia um sujeito contra-identificado com a reforma, que reproduz o discurso do agronegócio em um sentido conservador sobre a sustentabilidade, ou seja, que nega a necessidade de revisar o modelo de desenvolvimento. O Ecoa se limita apenas a relatar a declaração da fonte de informação, sem apresentar outras perspectivas. Apesar de buscar a unidade do seu dizer, o jornalismo não possui domínio sobre o fechamento dos sentidos. Trata-se somente de um efeito de autoria oriundo do processo de edição dos textos. O dizer dos interlocutores, como evidencia o recorte, permite o deslize e a movência dos sentidos.

Ele também **negou que o** fato de o Brasil ser um dos maiores usuários e liberadores do **uso de agrotóxicos no mundo prejudique** a meta por um desenvolvimento sustentável. "É preciso usar insumos para aumentar a produtividade da área que é usada, ou seria necessário abrir outras áreas", defende. (SD-E37)

No Ecoa, o discurso da sustentabilidade compreende que a reforma do capitalismo é paralelamente oportunidade, solução e dever. Os sentidos construídos sobre o tema evidenciam marcadores de eficiência do mercado, ausência de conflitos, relativa despolitização, ênfase em tecnologias e manejos, indícios esses de um atravessamento de saberes empresariais na materialidade discursiva do projeto editorial. Apesar do apagamento de conflitos, os sentidos travam uma disputa entre a estabilização parafrástica do dizer econômico e tecnológico e pela ruptura polissêmica de dizeres que remetem a diversos outros dizeres - como aos críticos, que apontam falhas do modelo proposto, e conservadores, que negam problemas no modelo econômico atual. Orlandi (2007a) considera que essa relação entre o mesmo e o diferente é constitutiva de todo o dizer. O que o movimento de sentidos do Ecoa indica, afinal, é um intenso processo de estabilização, de apagamento da diferença e na restrição do discurso a uma FD, o que sugere um discurso autoritário. Cabe lembrar que as formações discursivas nunca são fechadas em seus sentidos, ou até mesmo "blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são

heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas” (ORLANDI, 2007a, p. 44). Elas constituem sentidos diversos, que apontam para os deslocamentos próprios das posições do sujeito, tal como evidenciamos. Na sequência, passaremos a discutir os sentidos na materialidade textual de Plural.

### 5.3 OS SENTIDOS DA SUSTENTABILIDADE EM PLURAL

Os sentidos são constituídos no dizer de Plural a partir da relação de forças consoante de sujeitos críticos ao capitalismo e propositores de uma via de auto-organização dos povos, que são basilares do resgate de vozes pretendido pela seção editorial, e do gesto de edição jornalística, que tende a regularizar os sentidos a partir da estabilização parafrástica. No quadro seguinte realizamos uma síntese dos efeitos de sentido identificados na análise. As paráfrases extraídas indicam, no âmbito da temática ambiental, para desafios, a economia solidária, a resiliência comunitária, a desigualdade social e racial, a rejeição ao capitalismo, as alternativas para o futuro, as organizações femininas, a ancestralidade e o desamparo governamental.

**Quadro 3** - Redes parafrásticas da seção Plural

Efeitos de sentido	Paráfrases
Crítico-pessimista	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Quantos fins de mundo são necessários? (SD-P1)</li> <li>. O futuro seguirá desigual (SD-P1)</li> <li>. As comunidades sofrem (SD-P32)</li> </ul>
Economia solidária	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Uma economia pensada territorialmente (SD-P14)</li> <li>. A economia solidária é uma alternativa viável (SD-P14)</li> <li>. Economia do cuidado (SD-P10)</li> <li>. Alternativa para a independência econômica (SD-P40)</li> </ul>
Resiliência comunitária	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Mobilização comunitária como marca (SD-P44)</li> <li>. Histórias de lutas (SD-P44)</li> <li>. Essas ações foram feitas [...] pela própria comunidade (SD-P12)</li> </ul>
Desigualdade social e racial	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Pessoas negras e pobres morrem também pela alimentação (SD-P2)</li> <li>. A luta socioambiental é uma luta das pessoas mais pobres (SD-P5)</li> </ul>

	. Os problemas ambientais impactam a sociedade de maneira desigual (SD-P36)
Anticapitalismo	. "Não existe luta ambiental no capitalismo" (SD-P30) . "É importante diferenciar 'interesses econômicos' de 'economia'" (SD-P8) . Os olhares para o dinheiro são sempre os mesmos (SD-P9)
Alternativa	. Um outro futuro é possível (SD-P3) . O processo de redefinição do futuro (SD-P24) . Caminhos possíveis (SD-P29) . Momento de estruturar um projeto de Brasil, um projeto de Estado (SD-P26) . Alternativas [...] para que a harmonia no planeta se fortaleça (SD-P33) . Um caminho para a continuidade da vida humana (SD-P35)
Organização feminina	. Mulheres negras, trabalhadoras rurais e mulheres indígenas estão no fronte (SD-P25) . Mulheres fortes e organizadas (SD-P41)
Ancestralidade	. Resgate de uma cultura, uma ancestralidade (SD-P6) . Cuidar da natureza também é cuidar [...] do modo de vida (SD-P18) . Conexão com a força ancestral (SD-P28) . A continuidade do modo sagrado de vida indígena (SD-P39)
Desamparo governamental	. A cidade adota uma postura de desamparo (SD-P20) . O Estado está muito longe (SD-P43) . A cidade desperdiça os saberes fundamentais (SD-P23)

Fonte: Elaboração do autor, 2023.

O discurso jornalístico de Plural, como evidencia o quadro de paráfrases, se constitui de um atravessamento de saberes de ordem social, procedentes de distintos lugares discursivos, que contemplam a espiritualidade indígena, a memória e a ancestralidade de comunidades periféricas de centros urbanos, a vulnerabilidade e a resiliência dessas populações. Os sentidos contestam o capitalismo, evidenciando a proposta de economia solidária nesses territórios, e tensionando os sentidos que evidenciam o modelo de desenvolvimento vigente.

Em textos com o selo Plural, produzidos em colaboração com coletivos jornalísticos independentes de periferias e favelas, a constituição dos sentidos é determinada pela

singularidade da inscrição institucional dos sujeitos do discurso. O dizer de Plural, ao ser instituído em relação com o jornalismo não-hegemônico, desloca as lógicas jornalísticas tradicionais para além do intradiscorso. Como indica Zoppi-Fontana (1999), a determinação da eficácia ideológica do discurso não está inscrita na autonomia dos aparelhos e das instituições, mas na interdiscursividade. No caso de Plural, a abertura das práticas do UOL às colaborações tensiona o estatuto do jornalismo, contribuindo para o deslocamento da eficácia ideológica desses modos de dizer, e condensando em Plural o imaginário institucional de um espaço editorial que propõe outros olhares da realidade.

A expressão “pode querer ser pop” extraída da sequência discursiva SD-P4, mobiliza o discurso do agronegócio para demarcar no enunciado o antagonismo a esse sentido convocado pela memória discursiva. No recorte, o jornalismo lineariza um discurso transversal, em um discurso indireto livre, da campanha “Agro: a indústria-riqueza do Brasil”<sup>41</sup> como recurso irônico para compará-lo à produção significativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Plural aciona o discurso político, criticando a paralisação dos projetos de reforma agrária pelo governo. Esses contrastes produzem um tensionamento de sentidos, pela memória discursiva, em favor dos pequenos agricultores e de seus saberes. Na SD-P3, intervém uma série de discursos transversos sobre a ancestralidade e a relação humano-natureza. O retorno de sentidos a partir do ato de recordar da infância recupera saberes agroecológicos como alternativas para um modelo ecológico. Diferente do discurso construído no Ecoa, que pressupõe a agroecologia como uma ferramenta de exploração sustentável, os sentidos em Plural mobilizam a técnica como componente da cultura local.

O agronegócio **pode querer ser pop, mas** 70% da comida que enche a barriga dos brasileiros é produzida em pequenas propriedades por gente como a Ana. O MST, principal movimento brasileiro na luta pela reforma agrária, é, também, o maior produtor de arroz orgânico da América Latina. **Apesar disso, o governo** do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) **paralisou** os projetos de reforma agrária, desde 2019. (SD-P4)

Ana Santos mostra que não precisamos inventar a roda. Ela se recorda do quintal da avó com plantações de milho, árvores frutíferas e plantas medicinais. **"Era um hábito na família, era tão comum, fazia parte da gente** e a gente não se dá conta que esse é o futuro. Podemos trazer o que era passado pro novo. A agroecologia ao mesmo tempo que é uma técnica, é também movimentos de resgate de uma cultura, de uma ancestralidade", diz a agricultora do Complexo da Penha. (SD-P3)

O meio ambiente, no discurso de Plural, perpassa a dinâmica organizacional das comunidades, ilustra as desigualdades e a ausência de políticas públicas em seus territórios. Essa difusão de saberes e discursos de atores sociais marginalizados quanto às questões

---

<sup>41</sup> O pré-construído que intervém no enunciado é o slogan da campanha da emissora de televisão Rede Globo, “agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, publicidade que evidencia ações do agronegócio.

ambientais configura, conforme Svampa (2016, p. 146), uma ambientalização das lutas marcada por “um diálogo de saberes e disciplinas caracterizado pela valorização dos saberes locais e pela elaboração de um saber especialista independente dos discursos dominantes”. Essas interlocuções estabelecidas pelas reivindicações de políticas ambientais por vezes minorizadas constituem, na definição da autora, um saber contraespecialista, como exemplificado pela SD-P3. No discurso jornalístico de Plural, cabe lembrar, esses saberes intervêm por seu contato contínuo com a interdiscursividade, interação que estabelece a diferença no âmbito do discurso. Como apontam os estudos do jornalismo ambiental, ao tematizar o meio ambiente as notícias se restringem aos saberes de especialistas como detentores de autoridade, apagando os saberes ligados a outros modos de vida (BUENO, 2007; GIRARDI, *et al.*, 2012).

Do mesmo modo, acreditamos que esse saber contraespecialista permeia não somente o dizer de fontes retratadas nos textos jornalísticos, bem como, em alguma medida, o dizer de Plural. O atravessamento desse saber decorre do pertencimento desses coletivos jornalísticos independentes, com os quais o UOL promove as colaborações, com a perspectiva desses territórios marginalizados. A SD-P18 indica esse vínculo do jornalismo com o lugar descrito: ele próprio se assume sujeito demandante de direitos, politizado, pertencente a esse local. A sequência discursiva aponta, ainda, a contraposição à mercantilização da natureza, ao elitismo “verde”, e articula o cuidado como retorno à ancestralidade. O jornalismo, a partir desse deslocamento, perturba a ordem da objetividade e neutralidade, se inserindo como mediador partícipe do relato.

Ao olharmos para a situação ambiental do Complexo da Maré, **somos atravessados** por questões que vão além da sobrevivência das árvores de mangue. Percebemos que **quando falamos de ecologia falamos também de justiça social**. O acesso a um meio ambiente saudável e que promova qualidade de vida para as populações adjacentes, não pode ser na prática, um direito apenas dos mais ricos. Meio ambiente não é mercadoria. Dialogar com comunidades tradicionais ou faveladas de forma acessível e participativa é um dos desafios das ciências ambientais. É preciso que ambientalismo e saúde pública deixem de ser pautas chatas ou elitizadas e que os debates ganhem força nos territórios mais desprovidos de direitos. **Cuidar da natureza também é cuidar da cultura e do modo de vida dos nossos avós.** (SD-P18)

Na materialidade discursiva de Plural, o discurso capitalista é marcadamente contestado. Esses dizeres que constituem a formação discursiva ecossocial, tais como da SD-P30, abrangem sentidos de resistência, politização e ativismo social. A demarcação de aspas no discurso jornalístico, indica uma tentativa de controlar o atravessamento do dizer do

outro e, muitas vezes, promover um distanciamento do discurso citado. Nesse gesto de confrontar o discurso capitalista e o discurso ambiental, reconhece-se que o efeito de sentido “existe luta ambiental no capitalismo” é interditado na materialidade discursiva de Plural, o que não ocorre no Ecoa. Deste modo, compreendemos que Plural cristaliza um conhecimento singular produzido na prática jornalística, que orienta os relatos da realidade. Para isso, o jornalismo é dependente de outras formas de conhecimento que legitimam seu dizer (MEDITSCH, 1998), e que o atravessam, afetando sua discursividade.

Para isso, Nádia Nádila ratifica que "**não existe luta ambiental no capitalismo**" e questiona a priorização do agronegócio que, embora leve a fama de alimentar as famílias brasileiras, está diretamente conectado à exploração desenfreada da natureza e das pessoas. (SD-P30)

Os sentidos sobre a economia solidária são também engajados e politizados, efeito do reconhecimento do ecológico como discurso crítico, que se contrapõe ao capitalismo e as suas estruturas de desenvolvimento. A formação discursiva ecossocial reconhece no desenvolvimento sustentável uma nova etapa do desenvolvimento convencional, e que, portanto, reproduz suas limitações. Entendemos, conforme a distinção proposta por Gudynas (2016, p. 181-182), que “alternativas ao desenvolvimento”, isto é, que “pretendem romper o cerco estabelecido pela racionalidade do desenvolvimento”, são predominantes nos sentidos de Plural. No entanto, o seu discurso também aborda ajustes instrumentais ao desenvolvimento característico dos “desenvolvimentos alternativos”, especialmente pelo Auxílio Emergencial como ferramenta de redução de desigualdades na pandemia do coronavírus (SD-P11). A SD-P14 evidencia a proposta de alternativas ao desenvolvimento, destacando a emancipação pela territorialidade e as atividades comunitárias.

Articulando diferentes áreas, os trabalhos de Sirlene, Valquíria e Bárbara são exemplos pequenos, mas potentes, que propõem uma economia pensada territorialmente, de forma coletiva e com atenção a cada indivíduo envolvido — formato que não antagoniza com a manutenção da saúde pública. "Precisamos urgentemente incentivar **outra maneira de gerar trabalho e renda**, e a economia solidária é uma alternativa viável", acredita o cientista social Diego Veiga. (SD-P14)

Um exemplo de contenção de danos na pandemia é o auxílio emergencial destinado a trabalhadores autônomos, informais ou que recebem o Bolsa Família. "Uma renda básica estimula o consumo e o trabalho de maneira a se retroalimentarem constantemente. E tudo isso gera impostos que retornam aos cofres públicos, além de reduzir a desigualdade", explica ele, [...]. (SD-P11)

A ancestralidade e a espiritualidade indígena constituem, no dizer de Plural, propostas para um “futuro”. Nesses sentidos, o jornalismo apresenta olhares nem sempre contemplados em sua prática tradicional. Portanto, esses sentidos representam um deslize na discursividade

do UOL. Os saberes indígenas são materializados a partir de marcas explícitas no interior do dizer, esforço de delimitação das vozes ao leitor. A alteridade discursiva se manifesta no recorte da SD-P28 a partir do pré-construído acionado no interior do discurso citado, que mobiliza o cuidado com os bens comuns e os outros seres. Desse modo, a ancestralidade expressada no dizer jornalístico é um resgate da memória discursiva, que alicerça o enunciado. Acreditamos que os dizeres que tratam dessas perspectivas pouco notadas no fazer tradicional nos aproximam dos preceitos do jornalismo ambiental. Imaginar outras visões de mundo, afirma Krenak (2019), é que nos permite o reconhecimento do outro.

A escritora indígena Shirley Krenak, na live "Diálogos Ecumênicos e Inter-religiosos" da Coordenadoria Ecumênica de Serviço, explicou que entender a espiritualidade é ter uma visão mais longe, do futuro. **"Quando os parentes estão falando, 'não destrói os rios, não mata bicho, não polui o ar, não arrebenta com a terra', eles estão falando da espiritualidade. Falar de espiritualidade é querer o bem do outro, é curar o outro. É através dessa conexão com a nossa espiritualidade que nós, povos indígenas, estamos defendendo o mundo hoje, para que vocês bebam água boa, para que você e seus filhos vivam bem."** (SD-P28)

Nos textos de Plural que aprofundam a dimensão ambiental, o discurso sinaliza um antagonismo às lógicas instrumentais capitalistas, ressaltando o legado de desigualdade perpetrado por seu modelo de desenvolvimento. Em oposição, propõe nos saberes e memórias de indivíduos marginalizados uma saída possível para os problemas ecológicos e sociais. Os sentidos de desenvolvimento rompem com a base ideológica e conceitual de desenvolvimento sustentável, tal como visto no discurso do Ecoa. O dizer de Plural é politizado, crítico, e busca oferecer soluções a partir das propostas de comunidades marginalizadas. Essas marcas perpassam o interesse institucional em promover relações com coletivos jornalísticos independentes e indicam as potencialidades de (re)arranjos jornalísticos. Na próxima seção, discutiremos o funcionamento discursivo do Ecoa e Plural, buscando evidenciar encadeamentos entre seus fazeres.

#### 5.4 O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO NO ECOA E PLURAL

Nesta seção recuperamos aspectos do objeto empírico e propomos avançar observando aproximações e contrastes entre o Ecoa e Plural. As significações apreendidas em uma cena discursiva se constituem de desdobramentos e contradições. Nesse movimento instável de sentidos, o jornalismo busca estabilizar modos de ler o mundo. Os recortes analíticos dessa cena nos permitem observar, a partir de marcas de regularidades e deslizes no *corpus*, o funcionamento discursivo, compreendendo que, nesses rastros de movência, o discurso

jornalístico atua sob as diversas formas de intervenção do interdiscurso. O jornalismo, bem mencionam Schwaab; Zamin (2014), atua nas bordas permeáveis da formação discursiva, sempre em contato com discursos-outros. Nesse enredamento, entendemos que o jornalismo constitui os sentidos e atribui lugares para o outro e para si.

As cenas discursivas em que atuam o Ecoa e Plural demonstram distintas formas de tematizar a sustentabilidade. Os sentidos construídos em cada cena materializam bases ideológicas divergentes. O próprio conceito de sustentabilidade é mostra desse tensionamento, sendo apagado no dizer de Plural, deslocado por alternativas ao atual modelo de desenvolvimento. Retomando os sentidos cristalizados, percebemos que o Ecoa regulariza um sentido econômico-reformista, enquanto o sentido que prevalece em Plural está filiado à perspectivas ecológica e solidária.

Esses sentidos, apesar de serem dominantes, não são homogêneos no discurso jornalístico. Buscaremos desenredar alguns fatores na sequência, a começar porque o sujeito do discurso jornalístico é dependente de interlocuções para constituir o relato da realidade, afinal, o dizer de fontes de informação contribui para consolidar a legitimidade jornalística na relação imaginária com o leitor. Apesar de pretender um efeito de unicidade do sentido em seu dizer, o jornalismo é continuamente atravessado pelas vozes de seus interlocutores, que são determinantes para a inscrição de posições-sujeito que questionam a formação discursiva, o que eventualmente abre espaço para a contradição dos sentidos. O dizer dos interlocutores, vale ressaltar, exerce uma função imaginária, porque o jornalismo executa sobre esse dizer um trabalho de recorte, edição e encaixe. Em resumo, no *corpus* do Ecoa, os sujeitos do discurso predominantemente identificam-se com a forma-sujeito da FD capitalismo reformado, embora também haja contra-identificações de um sujeito crítico à reforma e de um sujeito conservador. No *corpus* recortado de Plural, os sujeitos alinham-se majoritariamente com a forma-sujeito da FD ecossocial.

O sujeito do discurso é atravessado por distintos saberes, decorrentes das vozes que os interlocutores inscrevem na discursividade, mas também do interdiscurso, irrompendo sob a forma de pré-construídos. Tratam-se de discursos-outros que intervêm significações nos sentidos materializados pelo jornalismo. Tomando o Ecoa como exemplo, diríamos que o atravessamento do discurso empresarial ressoa na filiação do dizer jornalístico à FD capitalismo reformado. Essa reverberação ocorre pela incompletude das formações discursivas, que, sabemos, são heterogêneas e moventes (ORLANDI, 2007a). Por esse funcionamento, o discurso empresarial, o discurso do agronegócio, o discurso da bioeconomia, o discurso de povos originários, o discurso de comunidades periféricas, entre

diversos outros discursos interligados ao dizer do Ecoa e de Plural, estabelecem lapsos, a partir de pré-construídos, no qual intervém seus saberes no interior do discurso jornalístico.

Esses outros discursos são linearizados no discurso jornalístico como parte do esforço do sujeito jornalista em retomar do interdiscurso os elementos que acredita, inconscientemente, serem relevantes ao relato jornalístico. O jornalismo, nesse movimento, recupera os saberes da memória discursiva e regulariza-os em seu dizer, buscando dar um efeito de unidade e controle sobre seu dizer.

As relações com outros discursos são estabelecidas no Ecoa e Plural a partir de um trabalho de estabilização dos sentidos, ou dito de outra maneira, um esforço do jornalismo em delimitar o espaço do outro no interior do seu dizer. Ainda que continuamente esses saberes estejam demarcados no intradiscurso, há atravessamentos constitutivos que podem ser identificados no dizer de Plural. Para ilustrar esse funcionamento, tomamos um excerto (Cuidar da natureza também é cuidar da cultura e do modo de vida dos nossos avós, SD-P18), recorte de uma reportagem sobre o mangue no Complexo de favelas da Maré, Rio de Janeiro, assinado em colaboração com *data\_labe*, um laboratório jornalístico composto por jovens desse território. Na sequência discursiva, o enredamento do saber ecológico e o saber da ancestralidade produz não apenas um deslocamento desse primeiro saber, questionando a cisão de natureza e cultura, mas também indica um reconhecimento do sujeito do discurso, a partir da expressão “nossos avós”, com as gerações passadas que compunham a Maré. O jornalista, na SD, não fala apenas *da* comunidade, mas *pela* comunidade. Com isso, o sujeito jornalista desloca-se de sua posição de narrador objetivo dos fatos. A regularização do discurso-outro é mais instável em Plural porque aí intervém, além do UOL (um meio jornalístico *mainstream*), o discurso dos coletivos jornalísticos colaboradores, que possuem princípios do jornalismo contra-hegemônico e que buscam retratar vozes por vezes negligenciadas no fazer tradicional.

Nos estudos do jornalismo, a pluralidade do relato jornalístico, de acordo com Reginato (2016), torna o público mais esclarecido da diversidade do mundo. Já para Bueno (2007), a pluralidade de vozes impede a hegemonia do saber especialista no dizer jornalístico, que incide nas outras vozes, apaga a situacionalidade, restringe o ambiental à esfera científica, distanciando o leitor do ecológico. As vozes no Ecoa irrompem, predominantemente, da perspectiva empresarial e científica, reproduzindo justamente um saber especialista. As vozes de Plural, por outro lado, ressaltam o saber ancestral, comunitário, indígena e contraespecialista.

Os estudos discursivos compreendem que esses atravessamentos são indissociáveis ao funcionamento discursivo, mas apagado pelo processo de edição jornalística que busca se afirmar detentor dos sentidos. No entanto, tal como ocorre em Plural, há fissuras pelo que esse atravessamento se torna evidente, indicando uma “contaminação” do jornalismo por esse saber.

A demarcação de Plural como prática dedicada a corroborar vozes normalmente marginalizadas indica um distanciamento do UOL, um esforço de delimitar um espaço de diversidade em seu dizer. Ambos, Plural e Ecoa, possuem lógicas discursivas distintas, derivadas das FDs em que se inscrevem e dos discursos com os quais se vinculam. No entanto, apresentam relação de complementação na ordem discursiva do UOL, enfatizando a diversidade jornalística da organização. No Ecoa, há atravessamento de sentidos da FD ecossocial, contudo reorganizados pela FD capitalismo reformado. Trata-se de um jogo tenso de deslize e ordenação, em que Ecoa assume a necessidade de ir além da concepção da sustentabilidade, mas sem buscar romper com a reforma capitalista: o Ecoa mobiliza marcas do pensamento complexo, que, no entanto, são apropriadas pelas organizações, apresentadas como oportunidade de instrumentalizar os saberes tradicionais. O projeto editorial produz um efeito de fechamento mais regularizado que a seção Plural, reduzindo os sentidos dissonantes.

Plural consiste em uma das seções geridas pelo Ecoa, o que é significativo, pois seus dizeres representam um desencaixe no fechamento discursivo do UOL. Explicamos: embora em nosso trajeto analítico segmentamos o objeto empírico em dois *corpora*, Ecoa e Plural cumprem as lógicas jornalísticas de uma mesma redação, e conseqüentemente, são determinados ideologicamente por essa organização. Esse desencaixe do qual falamos, portanto, sugere que Plural possibilita a circulação de sentidos elipsados na prática discursiva do Ecoa. Do ponto de vista da estratégia institucional (UOL PARA MARCAS..., 2019), já mencionamos, esse deslocamento de sentidos é pretendido pela organização jornalística. Seu intuito é contemplar nas notícias a pluralidade presente em lugares marginalizados. As relações colaborativas instituídas entre UOL e coletivos jornalísticos não-hegemônicos são indicativas da singularidade do dizer em Plural. Além disso, os sentidos sobre a sustentabilidade possuem marcas de politização, mobilizam saberes não-hegemônicos e resgatam a memória discursiva de comunidades marginalizadas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza lacunar da sustentabilidade impossibilita a definição de um sentido acabado, único e estanque em si. Pensar o termo requer encarar um mosaico feito em retalhos, ou melhor, compreendê-lo como expressão da abertura do sentido, produzido em relação permanente entre os discursos. Indica, levando o entendimento aos limites, que por si só o termo não possui significação: ele é necessariamente instaurado ao ser apropriado, disputado e questionado. Enfatizando o atravessamento de outros discursos, buscamos examinar neste estudo a constituição da sustentabilidade no dizer jornalístico. Na resolução do problema de pesquisa, o projeto editorial Ecoa e a seção Plural instituíram a sustentabilidade em seus dizeres a partir da complementaridade de discursos divergentes. Isso significa que o UOL inscreve seu dizer em formações discursivas distintas, cristalizando o imaginário de que, por esse motivo, possui competência para apresentar múltiplos aspectos da realidade.

No dizer do Ecoa sobre a sustentabilidade, os sentidos se filiam à FD capitalismo reformado, baseada na racionalidade econômica e na crença da continuidade do crescimento, desde que medidas corretivas sejam tomadas, especialmente por meio das inovações tecnológicas empresariais e das atitudes individuais de consumo, corroborando com um enfoque econômico da sustentabilidade. A reforma do capitalismo representa simultaneamente oportunidade, solução e dever. O discurso do projeto editorial, no entanto, se configura como espaço instável, contraditório, tomado por fissuras. Nesses lapsos, o dizer de Plural é regularizado na FD ecossocial, antagônica aos mecanismos de mercado, e proponente de alternativas ancoradas na economia solidária, na resiliência comunitária e no resgate de saberes ancestrais. A base conceitual de sustentabilidade é apagada nos sentidos dessa formação discursiva.

A interdição desse sentido mostra que a sustentabilidade é não apenas um termo disputado por diversos setores da sociedade e esvaziado pelo uso impreciso das corporações, mas um objeto discursivo instável, que materializa as contradições presentes no complexo de discursos, o que incide no dizer jornalístico. Ao apagar o sentido de sustentabilidade, a FD ecossocial contesta o termo, propondo outros modos de relação com o meio ambiente, como por exemplo, o bem-viver. Nesse deslocamento, a formação discursiva compreende que os mecanismos de uma economia do mercado financeiro são insuficientes para deter a crise ambiental, e devem dar lugar a uma economia social e solidária, inspirada nos modos de vida das comunidades, como propõem Gudynas (2016), Krenak (2019) e Svampa (2016).

Tendo em consideração que o Ecoa reconhece na sustentabilidade um eixo transversal ao seu dizer, essa interdição sugere um certo desencaixe. Isso significa que Plural possui uma autonomia: ainda que submetido ao funcionamento discursivo do projeto editorial, o seu dizer é produzido em outro lugar, por um sujeito desidentificado, que silencia o conceito de sustentabilidade ao falar do meio ambiente.

Deste modo, convém retomar a hipótese, proposta no capítulo introdutório, de que as colaborações em Plural resultam em efeitos de sentido distintos do Ecoa, sugerindo um deslocamento do arranjo discursivo do UOL. O percurso analítico confirmou que os sentidos enunciados por Plural são de ordem distinta daqueles produzidos pelo Ecoa. No entanto, apesar de identificadas marcas de intervenção dos coletivos jornalísticos colaboradores, não é possível determinar se esse deslocamento no discurso é causado totalmente pelas colaborações, afinal, examinamos o funcionamento discursivo de um produto jornalístico, já sob intensa revisão dos sentidos. O jornalista, a partir do jogo das formações imaginárias, se institui ilusoriamente como origem dos sentidos, atribuindo regularidade ao seu dizer. A investigação, todavia, buscou evidenciar que o discurso de Plural, ao se relacionar com o discurso jornalístico dos coletivos, oscila tal estabilidade no dizer do UOL. Essa oscilação esbarra na edição jornalística, que torna opaca a montagem de uma notícia, dada ao leitor como finalizada e literal. Acreditamos na pertinência de estudos futuros analisarem o processo de produção noticiosa, acompanhando, durante a escrita do relato jornalístico, como o sujeito jornalista é atravessado por outros discursos.

Ao instituir relações com coletivos jornalísticos colaboradores, o UOL constitui o dizer de Plural no enredamento do discurso jornalístico *mainstream* e o discurso jornalístico não-hegemônico. Essa relação é alicerçada por uma estratégia discursiva que, de um lado, apresenta vozes que estão interditas no discurso do UOL, e de outro, delimita a circulação dos sentidos dissonantes ao espaço de Plural, resguardando a autoralidade de sua prática discursiva, o que se trata, é claro, de uma ilusão discursiva.

De fato, não há discurso que não se constitua em relação a outros. Por isso, buscamos observar como esses discursos-outros afetam o dizer jornalístico sobre a sustentabilidade. No Ecoa, predomina o atravessamento do discurso empresarial, que condiciona a inscrição do discurso jornalístico na FD capitalismo reformado. No âmbito da FD ecossocial, Plural recupera os discursos de comunidades marginalizadas e de povos originários, além de ressoar as vozes desses sujeitos. Desse modo, o discurso jornalístico da sustentabilidade é constituído a partir de um trabalho de apropriação de outros discursos, e posterior encaixe em seu dizer.

Como contribuição deste estudo, ensaiamos alguns movimentos para pensar a inter-relação do outro na prática discursiva do jornalismo, compreendendo que ao enunciar a sustentabilidade o jornalismo reproduz outras vozes e discursos, que atestam o seu relato da realidade. O que buscamos sustentar é que o outro atravessa todo dizer do jornalismo, materializado ao povoar os narrates de dizeres não-legitimados e ao se apropriar do interdiscurso por meio de pré-construídos. Ainda que a prática seja limitada pela estrutura organizacional e as rotinas de produção, o jornalismo, como exemplifica Plural, pode produzir outros sentidos e apresentar aspectos da realidade outrora apagados.

Uma prática jornalística mais diversa, tal como propõe o jornalismo ambiental, exige não apenas contemplar distintas vozes em seu dizer, mas romper com uma posição de mediador pretensamente neutro e adotar uma postura partícipe e convicta da necessidade de apresentar soluções aos problemas ambientais. O exercício dialógico partindo de um *ethos* ecológico recusa as formas de racionalidade, objetividade ou verdades científicas totalizantes, priorizando o encontro entre múltiplas visões de mundo. Face a isso, as práticas jornalísticas ainda se mantêm ancoradas a esses valores impetrados pela modernidade que impedem a seleção de enfoques condizentes com a necessária escuta de perspectivas não-hegemônicas. Ao limitar o relato à uniformidade, à fragmentação e à linearidade, o jornalismo enrijece as potencialidades do seu fazer, e assim, desestrutura o gesto de alteridade (GIRARDI, *et al.*, 2012).

A pluralidade de saberes é fundamental para uma proposição ecológica da prática jornalística. A ciência, ao ser tomada como único saber válido, estabelece um processo de fragmentação e especialização de conhecimentos, que, entretanto, não dialogam entre si. Essa restrição disciplinar impossibilita observar a multidimensionalidade da realidade, afinal a prioridade aos saberes de especialistas interdita saberes não-científicos, julgados menos relevantes (MORIN, 2011). É importante ouvir especialistas que possuem perspectivas diversas para se obter uma visão complexa do assunto. No jornalismo, as fontes de informação com *expertise* são frequentemente consideradas como evidências da legitimidade do relato jornalístico. No entanto, a especialização pode não abranger toda a complexidade do assunto, pois tende a assimilar a realidade de forma compartimentalizada. Portanto, as práticas jornalísticas devem incorporar múltiplos saberes a fim de estabelecer uma visão polifônica e complexa de seu dizer.

A seção Plural do projeto editorial Ecoa se configura como uma prática jornalística mais dialógica e participativa, a partir de uma estratégia discursiva colaborativa com o jornalismo não-hegemônico, de modo que o lugar discursivo do UOL é rearranjado. O

direcionamento do projeto editorial como uma prática rente ao jornalismo de soluções e o jornalismo construtivo parece-nos determinante para apresentar distintos aspectos da realidade, tornando a notícia mais complexa.

As fronteiras do jornalismo se movimentam no encontro com o outro, havendo transformações e deslocamentos nos discursos devido às ressignificações das disputas de sentido materializadas no texto jornalístico. Portanto, o outro atravessa os sentidos do jornalismo, enquanto o último restringe o discurso do primeiro. As afetações são mútuas, porém, desproporcionais, pois o discurso jornalístico é produzido em um esforço de consenso, como força mediadora, que determina a produção de sentidos, mesmo que estes não estejam inteiramente sob controle do jornalista. É sob esse jogo que buscamos evidenciar o discurso da sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BELMONTE, Roberto Villar. Jornalismo Ambiental: evolução e perspectivas. **Agir Azul**, 1997. Campo Grande, MT: UFMT. Disponível em:

<http://www.agirazul.com.br/artigos/joriental.htm>. Acesso em 29 de abr. de 2021.

\_\_\_\_\_. **A construção do discurso da economia verde na revista Página 22**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. **LÍBERO**, n. 20, p. 37-46, 2007. Disponível em:

<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632/600>. Acesso: 06 de abr. de 2021.

\_\_\_\_\_. Jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

BERGER, Christa. **Campos em confronto**: jornalismo e movimentos sociais – as relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BORGES, Cecília Almeida. **Em busca das boas notícias**: uma análise dos conteúdos de viés positivo e do jornalismo de soluções dentro da plataforma Ecoa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação e Jornalismo Ambiental**: teoria e pesquisa. São Paulo: Majoara, 2007.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. Emater/RS, **Revista Extensão Rural**, v.1, n.1, jan./mar.2000.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**: Rio Grande do Sul. Editora Sagra Luzzatto, 1999, p. 15-22.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: Edufscar, 2009.

ECOА, nova rede do UOL amplifica ações de quem transforma o mundo. **UOL para marcas**, 2019. Disponível em:

<https://blog.publicidade.uol.com.br/branding/ecoа-nova-rede-do-uol-amplifica-acoес-de-quem-transforma-o-mundo/>. Acesso em: 12 de jul. de 2021.

FANTE, Eliege Maria; PAIM, Elisangela; MORAES, Cláudia Herte de. Bioeconomia como referência para a reativação do Fundo Clima: análise discursiva a partir da audiência do STF. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 60, p. 96-115, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/80049>. Acesso em: 26 de out. de 2022.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua no discurso. **Organon**, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30023/0>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

FREITAS, Camila. **Alteridade e jornalismo**: a outridade na editoria mundo da Folha de S. Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FREITAS, Irene de Lima. **A construção discursiva do sistema de cotas na revista “Caros Amigos”**. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

GAVIRATI, Pablo. Mediatizar el ambiente; ambientalizar los médios: tensiones en torno al discurso periodístico sobre el cambio climático. In: FERNANDEZ, Rogelio; MANCINAS-CHÁVEZ, Rosalba (Orgs.). **Medios de comunicación y cambio climático**. Sevilla: Fénix, 2013. p. 217-232.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho, *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, p. 131-152, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas. Novos rumos da cobertura ambiental brasileira: um estudo a partir do Jornal Nacional. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**, n. 7, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25965/trahs.2054>. Acesso em: 05 de jan. de 2023.

GOMES, Luís Eduardo Tebaldi. **O outro na narrativa de perfil**: como o perfilado se sente representado no texto jornalístico. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

GUDYNAS, Eduardo. Transições ao pós-extrativismo: sentidos, opções e âmbitos. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre o pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p. 174-212.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e história**: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ainda é possível trabalhar com esta noção? Por quê?. **Anais...** 2005. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>. Acesso em: 22 de abr. de 2021.

\_\_\_\_\_. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 75-88.

\_\_\_\_\_. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e identitárias**: Sujeito & Língua. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda *et al.* **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p.67-89.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism**: what newspapers should know and the public should expect. v. 3. New York: Three Rivers, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis, Vozes, 1979.

LATOUR, Bruno. Agency at the time of the Anthropocene. **New Literary History**, v. 45, p. 1-18, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24542578>. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **INTERIN**, Curitiba, v. 22, n. 2, p. 154-172, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169150>. Acesso em: 17 de jun. de 2021.

\_\_\_\_\_. Antes do desastre: notas a respeito do Jornalismo, da comunicação de riscos, da prevenção e do envolvimento cidadão. **Mediaciones Sociales**, v. 17, p. 209-222, jan./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/MESO/article/view/60464>. Acesso em: 5 de jun. de 2021.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.

MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Os múltiplos**

**territórios da Análise do Discurso:** Rio Grande do Sul. Editora Sagra Luzzatto, 1999, p. 102-121.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Orgs.). **Ecoss do planeta:** estudos sobre informação e jornalismo ambiental. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 1998.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010.

MORAES, Claudia Herte de. **Entre o clima e a economia:** enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas *Veja*, *Isto É*, *Época* e *Carta Capital*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

\_\_\_\_\_; FANTE, Eliege Maria. Sustentabilidade: do que estamos falando? Entender os paradigmas para complexificar a pauta. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho *et al.* (Orgs.). **Jornalismo ambiental:** teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

MORENO, Camila. As roupas verdes do rei: economia verde, uma nova forma de acumulação primitiva. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs.). **Descolonizar o imaginário:** debates sobre o pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p. 256-293.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLIVEIRA, Fabrício César de. **Da saúde à qualidade de vida:** por um humanismo bakhtiniano. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007b.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Orgs.). **A era glacial do jornalismo:** teorias da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 51-70. (v. 2).

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-318.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. In: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

\_\_\_\_\_; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PRUINELLI, Andréia Maria. Formação discursiva. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Glossário de termos do discurso – edição ampliada**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

REDCLIFT, Michael. Pós-sustentabilidade e os novos discursos de sustentabilidade. Trad. Lemuel Guerra. **Raízes**, Campina Grande, v. 21, n. 1, p. 124-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/186> Acesso em: 20 de abr. de 2022.

REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade**: o consumo no discurso jornalístico da Revista Vida Simples. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

\_\_\_\_\_. **As finalidades do jornalismo**: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1993.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Trad. José Lins Albuquerque Filho. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Luciano Marcos do. **O processo de construção do ethos do jornal Diário Popular do Paraguai, a imagem de si e do outro no discurso**: uma análise do Jopará nas páginas policiais. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

SCHWAAB, Reges Toni. **Uma ecologia do jornalismo**: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_; ZAMIN, Ângela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e diálogo**, Itajaí, SC, v. 13, n. 1, p. 49-62, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/5387>. Acesso em: 27 de jul. de 2021.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 197-212, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143012785011.pdf>. Acesso em: 04 de ago. de 2021.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2005.

SOUZA, Mariana Göelzer de. **Jornalismo de soluções**: um caminho possível. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SVAMPA, Maristella. Extrativismo neodesenvolvimentista e movimentos sociais: um giro ecoterritorial rumo a novas alternativas? In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs.). **Descolonizar o imaginário**: debates sobre o pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p. 140-171.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O Jornalismo especializado e a mediação de um *ethos* na sociedade contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6134713>. Acesso em: 16 de dez. de 2020.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa, Veja, 1993. p.167-176.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. (v. 1).

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa internacional. Florianópolis: Insular, 2005b. (v. 2).

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999. p. 74-90.

UOL lança o TAB, novo projeto editorial interativo. **UOL**, 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2014/10/13/uol-lanca-o-tab-novo-projeto-editorial-interativo.htm>. Acesso em: 28 de jul. de 2022.

UOL lança Ecoa e foca em pessoas e iniciativas que buscam mundo melhor. **UOL**, 2019. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/10/01/uol-lanca-eco-e-foca-em-pessoas-e-iniciativas-que-buscam-mundo-melhor.htm>. Acesso em: 13 de jul. de 2021.

UOL lança selo Plural para parcerias com coletivos produtores de conteúdo. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/04/uol-lanca-selo-plural-para-parcerias-com-coletivos-produtores-de-conteudo.htm>. Acesso em: 13 de jul. de 2021.

UOL. **UOL**, c2021. Central de jornalismo. Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/central-de-jornalismo/>. Acesso em: 11 de jul. de 2021.

VASCONCELOS, Alex Donizete. **A Minustah e a Alteridade**: representações e identidade haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2010.

VEIGA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VENTURA, Mauro de Souza; ITO, Liliane de Lucena. Inovação no webjornalismo: dinâmica empresarial, arranjos produtivos e novos formatos. **Contemporânea**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 81-100, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21410>. Acesso em: 13 de jul. de 2022.

WENZEL, Andrea; GERSON, Daniela; MORENO, Evelyn. Engaging Communities Through Solutions Journalism. **Columbia Journalism Review**, 2016. Disponível em: [https://www.cjr.org/tow\\_center\\_reports/engaging\\_communities\\_through\\_solutions\\_journalism.php](https://www.cjr.org/tow_center_reports/engaging_communities_through_solutions_journalism.php). Acesso em: 08 de jan. de 2023.

ZANDWAIS, Ana. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.) **Michel Pêcheux e a Análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2005, p. 143-156.

ZOPPI-FONTANA, Monica. Lugares de enunciação e discurso. **LEITURA**, Maceió, AL, n. 23, p. 15-24, jan./jun. 1999.

## APÊNDICE A – ODSs MOBILIZADOS PELO ECOA

Data		Título	ODSs identificados
2020 Jul	4	Rankings internacionais colocam USP no top 20 mundial da sustentabilidade	17
	8	Ecoa transmite ciclo de debates sobre reestruturação das cidades	11
	8	Plataforma movimenta R\$ 90 mi por ano com produtos que iriam para o lixo	12
	10	Marmita vegana Chefs doam refeições para população vulnerável em SP	12
	13	Com investimento bilionário, Natura quer zerar desmatamento na Amazônia	8, 9, 12, 15 e 17
	14	Reconstruir cidades mais sustentáveis pós-pandemia é tema de debate em Ecoa	11
	15	Descarte de máscaras pode virar problema ambiental	12
	17	Queimadas estão prejudicando até a nossa água, diz agricultora familiar	2, 8 e 12
	20	Floresta em pé reduz impacto de crise climática e rombo econômico	2, 7, 8, 12, 13 e 15
	20	Jovem brasileiro concorre a prêmio da ONU por levar energia solar a favelas	7 e 9
	22	Campanha gera renda e leva alimentos para indígenas no litoral de SP	12
27	Rio tem potencial para ser protagonista mundial em energia solar	7, 10 e 11	
31	Não é só discurso: como responsabilidade social e ambiental viram prática	8	
31	Brinquedos plásticos impactam saúde das crianças e do meio ambiente	3 e 12	
2020 Ago	2	Plano de resíduos aumentou coleta seletiva, mas não mudou padrão de consumo	9, 12 e 17
	4	Jovens lideranças cobram compromisso de pré-candidatos com crise climática	11 e 13
	6	Mudança climática é um assunto de todos e para todos	10, 11, 12, 13 e 16
	9	Caixinhas de suco viram bicicletas verdes que serão doadas para ONGs	12
	12	Evento online gratuito vai debater empreendedorismo e inovação na Amazônia	9

	13	Sustentabilidade é um imperativo do negócio, diz presidente da Microsoft	9 e 12
	23	Arquiteto ensina a construir casa sustentável e de impacto social positivo	11 e 12
	28	Curta Essa com Zac Efron é uma divertida jornada por uma vida mais verde	12
2020 Set	1	Agroflorestas garantem qualidade de solo, ar e água para as próximas gerações	2, 11, 12 e 15
	3	Marca de cerveja cria rótulo que muda de preço conforme o desmatamento	12
	3	Negócios da floresta: empresas e povos da floresta mostram como fazer negócios sustentáveis	8, 9, 10, 11 e 12
	4	Amazônia: Guardiões da floresta lutam pela sobrevivência de sua cultura e futuro do planeta	15
	5	Como o setor privado pode contribuir de fato para uma Amazônia sustentável	8, 9 e 12
	10	Especialistas cobram protagonismo do Brasil na luta contra crise climática	8 e 13
	12	Agroflorestas unem produção à natureza e superam renda da soja na Amazônia	2 e 8
	16	Aumento no preço do arroz faz crescer em 30% procura por alimento do MST	2
	16	Virada Sustentável terá palestras gratuitas com gurus da economia circular	12
	23	Plataforma colaborativa conecta produtores rurais, feiras e público em SP	12
	25	O que significa ESG e o que esperar das empresas que se definem assim	8
	28	Consumidores mudam hábitos para reduzir lixo e emissão de carbono	12
	29	Famílias processam governo de SP por financiar aquecimento global	13, 16 e 17
30	CEO da Natura Remuneração de líderes precisa de elo com sustentabilidade	12, 15 e 17	
2020 Out	3	Mapeamento de ações de agroecologia quer chegar à agenda de novos prefeitos	2, 12
	5	Pesquisador do Ipam Contra ciência, não há retórica política que resista	15 e 17
	5	Conservação na Amazônia deve priorizar biodiversidade aquática, diz estudo	14

	15	Saiba quais são as tendências de sustentabilidade pós-Covid nas empresas	12
	19	Cozinheiras de Paraisópolis fazem marmitas veganas em parceria com startup	12
	21	Empresa campeã da Terra critica consumismo e deixa executivos sem bônus	12
	24	Reservas querem proteger o mar da destruição causada por gaiolas de salmão	12 e 14
	28	Prêmio fortalece caminhos inovadores para o turismo pós-pandemia	8
	29	Mulher da floresta tem muito a aprender, mas também a ensinar, diz artesã	5, 8 e 10
	30	Reciclagem: logística reversa dá vida nova a 2 milhões de itens	12
	30	Consumidor busca empresas com responsabilidade socioambiental, diz estudo	12
	31	Artesãs de comunidades rurais e quilombolas criam coleção de biojoias	11 e 12
2020 Nov	3	Financiamento misto ajuda negócios de impacto socioambiental positivo	8
	4	Indígenas apostam em chocolate de luxo para lutar contra invasão e mortes	8 e 11
	17	Resíduos da indústria são utilizados para fabricar alternativas ao plástico	9 e 12
	26	Qual a importância do desenvolvimento sustentável para futuros prefeitos	11 e 17
	30	Você sabia que árvores reduzem a poluição sonora Veja mais benefícios	12
2020 Dez	10	Sem regulamentação, pizzarias a lenha geram toneladas de poluentes por ano	3, 9, 11 e 12
	11	Projeto global quer transformar educação com escolas inovadoras até 2030	4 e 17
	15	O que são empregos verdes Economia ambiental pode gerar milhões de vagas	8
	19	Guia #PlantarEcoa Filmes para inspirar a luta por um mundo mais verde	12

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

## ANEXO A – MATERIAL EMPÍRICO

Data		Categoria	Título	Link de acesso
2020 Jul	3	Plural	É possível novo normal com alimentação acessível para todos?	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/como-construir-novo-normal-em-que-alimentacao-saudavel-seja-acessivel/">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/como-construir-novo-normal-em-que-alimentacao-saudavel-seja-acessivel/</a>
	4	Ecoa	Rankings internacionais colocam USP no top 20 mundial da sustentabilidade	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/04/rankings-internacionais-colocam-usp-no-top-20-mundial-da-sustentabilidade.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/04/rankings-internacionais-colocam-usp-no-top-20-mundial-da-sustentabilidade.htm</a>
	8	Ecoa	Ecoa transmite ciclo de debates sobre reestruturação das cidades	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/08/ecoa-transmite-ciclo-sobre-reestruturacao-das-cidades-pos-pandemia.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/08/ecoa-transmite-ciclo-sobre-reestruturacao-das-cidades-pos-pandemia.htm</a>
	8	Ecoa	Plataforma movimenta R\$ 90 mi por ano com produtos que iriam para o lixo	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/08/plataforma-movimenta-r-90-mi-por-ano-com-produtos-que-iriam-para-o-lixo.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/08/plataforma-movimenta-r-90-mi-por-ano-com-produtos-que-iriam-para-o-lixo.htm</a>
	10	Ecoa	Marmita vegana Chefs doam refeições para população vulnerável em SP	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/10/marmita-vegana-chefs-doam-refeicoes-para-populacao-vulneravel-em-sp.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/10/marmita-vegana-chefs-doam-refeicoes-para-populacao-vulneravel-em-sp.htm</a>
	13	Ecoa	Com investimento bilionário, Natura quer zerar desmatamento na Amazônia	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/13/com-investimento-bilionario-natura-quer-zerar-desmatamento-na-amazonia.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/13/com-investimento-bilionario-natura-quer-zerar-desmatamento-na-amazonia.htm</a>
	14	Ecoa	Reconstruir cidades mais sustentáveis pós-pandemia é tema de debate em Ecoa	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/14/reconstruir-cidades-mais-sustentaveis-pos-pandemia-e-tema-de-debate-em-ecoa.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/14/reconstruir-cidades-mais-sustentaveis-pos-pandemia-e-tema-de-debate-em-ecoa.htm</a>
	15	Ecoa	Descarte de máscaras pode virar problema ambiental	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/15/descarte-de-milhoes-de-mascaras-na-pandemia-pode- virar-problema-ambiental.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/15/descarte-de-milhoes-de-mascaras-na-pandemia-pode- virar-problema-ambiental.htm</a>
	16	Plural	Para filósofo do axé, economia poderia aprender com orixás e comunidades	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/16/filosofo-do-axe-cultura-ioruba-e-comunitaria-podem-guiar-futuro-economico.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/16/filosofo-do-axe-cultura-ioruba-e-comunitaria-podem-guiar-futuro-economico.htm</a>
	17	Ecoa	Queimadas estão prejudicando até a nossa água, diz agricultora familiar	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/17/queimadas-estao-prejudicando-ate-a-nossa-agua-diz-agricultora-familiar.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/17/queimadas-estao-prejudicando-ate-a-nossa-agua-diz-agricultora-familiar.htm</a>
	20	Ecoa	Floresta em pé reduz impacto de crise climática e rombo econômico	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/floresta-em-pe-reduz-impacto-de-crise-climatica-e-rombo-economico/">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/floresta-em-pe-reduz-impacto-de-crise-climatica-e-rombo-economico/</a>
	20	Ecoa	Jovem brasileiro concorre a prêmio da ONU por levar energia solar a favelas	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/20/jovem-brasileiro-concorre-a-premioda-onu-por-levar-energia-solar-a-favelas.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/20/jovem-brasileiro-concorre-a-premioda-onu-por-levar-energia-solar-a-favelas.htm</a>
22	Ecoa	Campanha gera renda e leva alimentos para indígenas no litoral de SP	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/22/campanha-gera-renda-e-leva-alimentos-para-indigenas-no-litoral-de-sp.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/22/campanha-gera-renda-e-leva-alimentos-para-indigenas-no-litoral-de-sp.htm</a>	

	27	Ecoa	Rio tem potencial para ser protagonista mundial em energia solar	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/27/rio-tem-potencial-para-ser-protagonista-mundial-em-energia-solar.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/27/rio-tem-potencial-para-ser-protagonista-mundial-em-energia-solar.htm</a>
	31	Ecoa	Não é só discurso: como responsabilidade social e ambiental viram prática	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/31/como-empresas-tem-atuado-para-discurso-inclusivo-e-sustentavel-ser-pratica.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/31/como-empresas-tem-atuado-para-discurso-inclusivo-e-sustentavel-ser-pratica.htm</a>
	31	Ecoa	Brinquedos plásticos impactam saúde das crianças e do meio ambiente	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/brinquedos-plasticos-impactam-saude-das-criancas-e-do-meio-ambiente/#cover">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/brinquedos-plasticos-impactam-saude-das-criancas-e-do-meio-ambiente/#cover</a>
2020 Ago	2	Ecoa	Plano de resíduos aumentou coleta seletiva, mas não mudou padrão de consumo	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/02/plano-de-residuos-aumentou-coleta-seletiva-mas-nao-mudou-padrao-de-consumo.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/02/plano-de-residuos-aumentou-coleta-seletiva-mas-nao-mudou-padrao-de-consumo.htm</a>
	3	Plural	Ação regenerativa das periferias questiona paradoxo entre saúde e economia	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/03/a-gente-e-especialista-phd-em-se-regenerar-diz-empreededora-periferica.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/03/a-gente-e-especialista-phd-em-se-regenerar-diz-empreededora-periferica.htm</a>
	4	Ecoa	Jovens lideranças cobram compromisso de pré-candidatos com crise climática	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/04/jovens-liderancas-propoe-pacto-pelo-clima-e-tem-apoio-de-tulio-gadella.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/04/jovens-liderancas-propoe-pacto-pelo-clima-e-tem-apoio-de-tulio-gadella.htm</a>
	4	Plural	Resistência do mangue na Maré simboliza a história da favela no Rio	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/04/resistencia-do-mangue-na-mare-simboliza-a-historia-da-favela-no-rio.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/04/resistencia-do-mangue-na-mare-simboliza-a-historia-da-favela-no-rio.htm</a>
	6	Ecoa	Mudança climática é um assunto de todos e para todos	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/mudanca-climatica-e-um-assunto-de-todos-e-para-todos/#cover">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/mudanca-climatica-e-um-assunto-de-todos-e-para-todos/#cover</a>
	9	Ecoa	Caixinhas de suco viram bicicletas verdes que serão doadas para ONGs	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/09/caixinhas-de-suco-vm-bicicletas-verdes-que-serao-doadas-para-ongs.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/09/caixinhas-de-suco-vm-bicicletas-verdes-que-serao-doadas-para-ongs.htm</a>
	11	Plural	"É a sociedade que tem que se integrar aos indígenas", diz Márcia Kambeba	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/11/e-a-sociedade-que-tem-que-se-integrar-aos-indigenas-diz-marcia-kambeba.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/11/e-a-sociedade-que-tem-que-se-integrar-aos-indigenas-diz-marcia-kambeba.htm</a>
	12	Ecoa	Evento online gratuito vai debater empreendedorismo e inovação na Amazônia	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/12/evento-online-gratuito-vai-debater-empreendedorismo-e-inovacao-na-amazonia.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/12/evento-online-gratuito-vai-debater-empreendedorismo-e-inovacao-na-amazonia.htm</a>
	13	Ecoa	Sustentabilidade é um imperativo do negócio, diz presidente da Microsoft	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/13/sustentabilidade-e-um-imperativo-do-negocio-diz-ceo-da-microsoft.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/13/sustentabilidade-e-um-imperativo-do-negocio-diz-ceo-da-microsoft.htm</a>
	13	Plural	Como as mulheres negras, indígenas e rurais salvam o futuro hoje	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/13/como-as-mulheres-negras-indigenas-e-rurais-salvam-o-futuro- hoje.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/13/como-as-mulheres-negras-indigenas-e-rurais-salvam-o-futuro- hoje.htm</a>
	17	Plural	"Não é o agronegócio quem põe comida na mesa", diz advogada	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/17/nao-e-o-agronegocio-quem-poe-comida-na-mesa-diz-advogada.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/17/nao-e-o-agronegocio-quem-poe-comida-na-mesa-diz-advogada.htm</a>
	19	Plural	Comunidades de tradição oral vivem desafio adicional com mortes por Covid	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/19/comunidades-de-tradicao-oral-vivem-desafio-adicional-com-mortes-por-covid.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/19/comunidades-de-tradicao-oral-vivem-desafio-adicional-com-mortes-por-covid.htm</a>

	23	Ecoa	Arquiteto ensina a construir casa sustentável e de impacto social positivo	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/23/arquiteto-ensina-a-construir-casa-sustentavel-e-de-impacto-social-positivo.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/23/arquiteto-ensina-a-construir-casa-sustentavel-e-de-impacto-social-positivo.htm</a>
	28	Ecoa	Curta Essa com Zac Efron é uma divertida jornada por uma vida mais verde	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/28/curta-essa-com-zac-efron-e-uma-divertida-jornada-por-uma-vida-mais-verde.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/28/curta-essa-com-zac-efron-e-uma-divertida-jornada-por-uma-vida-mais-verde.htm</a>
	31	Plural	Para cientista, modo de vida de povos tradicionais é um caminho para futuro	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/31/para-cientista-modo-de-vida-de-povos-tradicionais-e-um-caminho-para-futuro.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/31/para-cientista-modo-de-vida-de-povos-tradicionais-e-um-caminho-para-futuro.htm</a>
2020 Set	1	Ecoa	Agroflorestas garantem qualidade de solo, ar e água para as próximas gerações	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/semana-da-amazonia-agroflorestas-garantem-qualidade-de-solo-ar-e-agua-as-proximas-geracoes/">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/semana-da-amazonia-agroflorestas-garantem-qualidade-de-solo-ar-e-agua-as-proximas-geracoes/</a>
	3	Ecoa	Marca de cerveja cria rótulo que muda de preço conforme o desmatamento	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/03/marca-de-cerveja-cria-rotulo-que-muda-de-preco-conforme-o-desmatamento.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/03/marca-de-cerveja-cria-rotulo-que-muda-de-preco-conforme-o-desmatamento.htm</a>
	3	Ecoa	Negócios da floresta: empresas e povos da floresta mostram como fazer negócios sustentáveis	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/semana-da-amazonia-empresas-e-povos-da-floresta-mostram-como-fazer-negocios-sustentaveis/">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/semana-da-amazonia-empresas-e-povos-da-floresta-mostram-como-fazer-negocios-sustentaveis/</a>
	4	Ecoa	Amazônia: Guardiões da floresta lutam pela sobrevivência de sua cultura e futuro do planeta	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/semana-da-amazonia-guardioes-da-floresta-lutam-pela-sobrevivencia-de-sua-cultura-e-futuro-do-planeta/">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/semana-da-amazonia-guardioes-da-floresta-lutam-pela-sobrevivencia-de-sua-cultura-e-futuro-do-planeta/</a>
	5	Ecoa	Como o setor privado pode contribuir de fato para uma Amazônia sustentável	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/05/como-o-setor-privado-pode-contribuir-de-fato-para-uma-amazonia-sustentavel.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/05/como-o-setor-privado-pode-contribuir-de-fato-para-uma-amazonia-sustentavel.htm</a>
	10	Ecoa	Especialistas cobram protagonismo do Brasil na luta contra crise climática	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/10/especialistas-cobram-protagonismo-do-brasil-na-luta-contracrise-climatica.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/10/especialistas-cobram-protagonismo-do-brasil-na-luta-contracrise-climatica.htm</a>
	12	Ecoa	Agroflorestas unem produção à natureza e superam renda da soja na Amazônia	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/12/agroflorestas-unem-producao-a-natureza-e-superam-renda-da-soja-na-amazonia.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/12/agroflorestas-unem-producao-a-natureza-e-superam-renda-da-soja-na-amazonia.htm</a>
	16	Ecoa	Aumento no preço do arroz faz crescer em 30% procura por alimento do MST	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/16/aumento-no-preco-do-arroz-faz-crescer-em-30-procura-por-alimento-do-mst.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/16/aumento-no-preco-do-arroz-faz-crescer-em-30-procura-por-alimento-do-mst.htm</a>
	16	Ecoa	Virada Sustentável terá palestras gratuitas com gurus da economia circular	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/16/virada-sustentavel-tera-palestras-gratuitas-com-gurus-da-economia-circular.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/16/virada-sustentavel-tera-palestras-gratuitas-com-gurus-da-economia-circular.htm</a>
	23	Ecoa	Plataforma colaborativa conecta produtores rurais, feiras e público em SP	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/23/plataforma-colaborativa-conecta-produtores-rurais-feiras-e-publico-em-sp.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/23/plataforma-colaborativa-conecta-produtores-rurais-feiras-e-publico-em-sp.htm</a>
25	Ecoa	O que significa ESG e o que esperar das empresas que se definem assim	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/25/o-que-significa-esg-e-o-que-esperar-das-empresas-que-se-definem-assim.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/25/o-que-significa-esg-e-o-que-esperar-das-empresas-que-se-definem-assim.htm</a>	

	28	Ecoa	Consumidores mudam hábitos para reduzir lixo e emissão de carbono	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/consumidores-mudam-habitos-para-reduzir-lixo-e-emissao-de-carbono/">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/consumidores-mudam-habitos-para-reduzir-lixo-e-emissao-de-carbono/</a>
	29	Ecoa	Famílias processam governo de SP por financiar aquecimento global	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/29/criancas-processam-governo-de-sp-por-financiar-aquecimento-global.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/29/criancas-processam-governo-de-sp-por-financiar-aquecimento-global.htm</a>
	30	Ecoa	CEO da Natura Remuneração de líderes precisa de elo com sustentabilidade	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/30/ceo-da-natura-remuneracao-de-lideres-precisa-de-elo-com-sustentabilidade.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/09/30/ceo-da-natura-remuneracao-de-lideres-precisa-de-elo-com-sustentabilidade.htm</a>
2020 Out	3	Ecoa	Mapeamento de ações de agroecologia quer chegar à agenda de novos prefeitos	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/03/mapeamento-de-acoes-de-agroecologia-quer-chegar-a-agenda-de-novos-prefeitos.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/03/mapeamento-de-acoes-de-agroecologia-quer-chegar-a-agenda-de-novos-prefeitos.htm</a>
	5	Ecoa	Pesquisador do Ipam Contra ciência, não há retórica política que resista	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/05/pesquisador-do-ipam-contra-ciencia-nao-ha-retorica-politica-que-resista.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/05/pesquisador-do-ipam-contra-ciencia-nao-ha-retorica-politica-que-resista.htm</a>
	5	Ecoa	Conservação na Amazônia deve priorizar biodiversidade aquática, diz estudo	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/05/conservacao-na-amazonia-deve-priorizar-biodiversidade-aquatica-diz-estudo.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/05/conservacao-na-amazonia-deve-priorizar-biodiversidade-aquatica-diz-estudo.htm</a>
	11	Plural	Como o direito à água foi conquistado pela força das mulheres da Maré	<a href="https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/11/como-o-direito-a-agua-foi-conquistado-pela-forca-das-mulheres-da-mare.htm">https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/11/como-o-direito-a-agua-foi-conquistado-pela-forca-das-mulheres-da-mare.htm</a>
	15	Ecoa	Saiba quais são as tendências de sustentabilidade pós-Covid nas empresas	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/15/saiba-quais-sao-as-tendencias-de-sustentabilidade-pos-covid-nas-empresas.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/15/saiba-quais-sao-as-tendencias-de-sustentabilidade-pos-covid-nas-empresas.htm</a>
	19	Ecoa	Cozinheiras de Paraisópolis fazem marmitas veganas em parceria com startup	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/19/cozinheiras-de-paraisopolis-fazem-marmitas-vegan-em-parceria-com-startup.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/19/cozinheiras-de-paraisopolis-fazem-marmitas-vegan-em-parceria-com-startup.htm</a>
	21	Ecoa	Empresa campeã da Terra critica consumismo e deixa executivos sem bônus	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/21/empresa-campea-da-terra-critica-consumismo-e-deixa-executivos-sem-bonus.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/21/empresa-campea-da-terra-critica-consumismo-e-deixa-executivos-sem-bonus.htm</a>
	24	Ecoa	Reservas querem proteger o mar da destruição causada por gaiolas de salmão	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/24/reservas-querem-protetger-o-mar-da-destruicao-causada-por-gaiolas-de-salmao.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/24/reservas-querem-protetger-o-mar-da-destruicao-causada-por-gaiolas-de-salmao.htm</a>
	28	Ecoa	Prêmio fortalece caminhos inovadores para o turismo pós-pandemia	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/28/premio-fortalece-caminhos-inovadores-para-o-turismo-pos-pandemia.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/28/premio-fortalece-caminhos-inovadores-para-o-turismo-pos-pandemia.htm</a>
	29	Ecoa	Mulher da floresta tem muito a aprender, mas também a ensinar, diz artesã	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/29/mulher-da-floresta-tem-muito-a-aprender-mas-tambem-a-ensinar-diz-artesa.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/29/mulher-da-floresta-tem-muito-a-aprender-mas-tambem-a-ensinar-diz-artesa.htm</a>
	30	Ecoa	Reciclagem: logística reversa dá vida nova a 2 milhões de itens	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/30/logistica-reversa-permite-que-faber-castell-recicle-2-milhoes-de-itens.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/30/logistica-reversa-permite-que-faber-castell-recicle-2-milhoes-de-itens.htm</a>
30	Ecoa	Consumidor busca empresas com responsabilidade socioambiental, diz estudo	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/30/consumidor-busca-empresas-com-responsabilidade-socioambiental-diz-estudo.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/30/consumidor-busca-empresas-com-responsabilidade-socioambiental-diz-estudo.htm</a>	

	31	Ecoa	Artesãs de comunidades rurais e quilombolas criam coleção de biojoias	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/31/artesas-de-comunidades-rurais-e-quilombolas-aprendem-a-produzir-biojoias.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/31/artesas-de-comunidades-rurais-e-quilombolas-aprendem-a-produzir-biojoias.htm</a>
2020 Nov	3	Ecoa	Financiamento misto ajuda negócios de impacto socioambiental positivo	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/03/financiamento-misto-ajuda-negocios-de-impacto-socioambiental-positivo.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/03/financiamento-misto-ajuda-negocios-de-impacto-socioambiental-positivo.htm</a>
	4	Ecoa	Indígenas apostam em chocolate de luxo para lutar contra invasão e mortes	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/04/indigenas-apostam-em-chocolate-de-luxo-para-lutar-contrainvasao-e-mortes.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/04/indigenas-apostam-em-chocolate-de-luxo-para-lutar-contrainvasao-e-mortes.htm</a>
	17	Ecoa	Resíduos da indústria são utilizados para fabricar alternativas ao plástico	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/17/residuos-da-industria-sao-utilizados-para-fabricar-alternativas-ao-plastico.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/17/residuos-da-industria-sao-utilizados-para-fabricar-alternativas-ao-plastico.htm</a>
	26	Ecoa	Qual a importância do desenvolvimento sustentável para futuros prefeitos	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/26/qual-a-importancia-do-desenvolvimento-sustentavel-para-futuros-prefeitos.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/26/qual-a-importancia-do-desenvolvimento-sustentavel-para-futuros-prefeitos.htm</a>
	30	Ecoa	Você sabia que árvores reduzem a poluição sonora? Veja mais benefícios	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/30/voce-sabia-que-arvores-sao-essenciais-para-o-meio-ambiente-veja-beneficios.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/30/voce-sabia-que-arvores-sao-essenciais-para-o-meio-ambiente-veja-beneficios.htm</a>
2020 Dez	10	Ecoa	Sem regulamentação, pizzarias a lenha geram toneladas de poluentes por ano	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/10/sem-regulamentacao-pizzarias-a-lenha-geram-toneladas-de-poluentes-por-ano.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/10/sem-regulamentacao-pizzarias-a-lenha-geram-toneladas-de-poluentes-por-ano.htm</a>
	11	Ecoa	Projeto global quer transformar educação com escolas inovadoras até 2030	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/11/projeto-global-quer-transformar-educacao-com-escolas-inovadoras-ate-2030.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/11/projeto-global-quer-transformar-educacao-com-escolas-inovadoras-ate-2030.htm</a>
	15	Ecoa	O que são empregos verdes? Economia ambiental pode gerar milhões de vagas	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/15/o-que-sao-empregos-verdes-economia-ambiental-pode-gerar-milhoes-de-vagas.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/15/o-que-sao-empregos-verdes-economia-ambiental-pode-gerar-milhoes-de-vagas.htm</a>
	19	Ecoa	Guia #PlantarEcoa: Filmes para inspirar a luta por um mundo mais verde	<a href="https://www.uol.com.br/ecoa/listas/guia-plantar-ecoa-filmes-para-inspirar-a-luta-por-um-mundo-mais-verde.htm">https://www.uol.com.br/ecoa/listas/guia-plantar-ecoa-filmes-para-inspirar-a-luta-por-um-mundo-mais-verde.htm</a>

**ANEXO B – CORPUS DO ECOA**

Para criar um planeta mais sustentável, vale até fomentar a concorrência e criar listas para ver quem está mais preocupado com o futuro. E há vários rankings para apontar quem é mais verde entre países, cidades, empresas e ultimamente também entre universidades. Há pelo menos dois ranqueamentos internacionais que testam o comprometimento das academias no tema. (SD-E1)

"É uma oportunidade para as universidades mostrarem como contribuem para uma sociedade mais sustentável e igualitária. Tomando como exemplo a pandemia da Covid-19, a resposta da USP e de outras universidades foi imediata, contribuindo com a pesquisa para o desenvolvimento de tratamentos, remédios, vacinas e equipamentos médicos, além de administrar centros de diagnóstico e leitos hospitalares", disse Vahan Agopyan, atual reitor da USP. (SD-E2)

A pandemia de covid-19 escancarou ainda mais as dificuldades estruturais, sociais e ambientais dos centros urbanos, exigindo medidas novas e urgentes. Afinal, como as cidades deverão se reconfigurar para frear os contágios e evitar futuras pandemias? (SD-E3)

"O ciclo de lives e a criação conjunta da 'carta aos candidatos nas eleições municipais' pelas instituições de arquitetura e urbanismo são uma iniciativa inovadora que, além de demonstrar a maturidade do setor, ampliam a importância do documento e do impacto esperado junto à classe política e à sociedade. Temos expectativa de que a metodologia adotada, reunindo pessoas de diversas áreas de conhecimento ou atuação, garanta a construção de uma carta com visão não apenas técnica, mas socialmente plural e politicamente consistente", diz Guimarães. (SD-E4)

Nascido em caráter de urgência em um maio atípico no qual as mortes no Brasil causadas pelo coronavírus avançaram exponencialmente, o projeto Ativismo no Prato surgiu da inquietação que três mulheres dividiam durante o isolamento: "o caos ainda deve durar um bom tempo, e atingir cada vez mais pessoas", diz Christiane do Nascimento, uma das fundadoras do projeto. (SD-E5)

Como consequência da criação do Ativismo no Prato, surgiu a BeeJuntos, uma plataforma pensada para arrecadar doações para projetos de impacto social e de sustentabilidade. (SD-E6)

As criadoras do projeto também querem viabilizar que a entrega de quentinhas seja feita em carro elétrico o mais breve possível. "Queremos construir uma cadeia sustentável de causas e seguimos em busca de novos parceiros", conta Christiane, para quem o veganismo é uma maneira de conscientizar as pessoas, pois comer com saúde tem impacto ambiental direto. "Precisamos repensar nosso consumo; é o momento dos pequenos se unirem e criarem uma cadeia de compartilhamento e sustentabilidade", ela defende. (SD-E7)

"Nós acreditamos no despertar coletivo, estamos vendo muitos projetos serem tirados do papel, as pessoas se unindo para fazer as coisas acontecerem, entendendo a importância da economia local, do alimento sem agrotóxico", completa Nicole Romboli, também criadora do Ativismo e da BeeJuntos junto com a terceira amiga, Juliana Custódio. (SD-E8)

Como ajudar?

Se você quer fortalecer as ações e projetos retratados nessa reportagem, é possível fazer doações e ajudar para que mais refeições cheguem a quem precisa. (SD-E9)

Como convencer uma empresa com 6 milhões de vendedores, milhares de produtos e lojas, de que a não derrubada de uma árvore na Amazônia é importante para manter todo o negócio de pé? Essa é uma das tarefas da Natura &Co, gigante do setor de cosméticos, com receita líquida de R\$ 14 bilhões no ano passado, para vencer a contradição entre extrair matéria-prima do meio ambiente e preservá-lo ao mesmo tempo. (SD-E10)

Segundo ele, o grupo utiliza 38 ingredientes da natureza e atua com 33 comunidades locais na Amazônia, tendo impacto sobre 22 mil pessoas somente na região. A ideia é dobrar os R\$ 30 milhões já investidos anualmente nessas comunidades. (SD-E11)

Para evitar que árvores de ucuúba fossem derrubadas para a produção de vassouras, vendidas no comércio local, o grupo resolveu pagar o dobro do valor que a comunidade amazônica recebia pelo trabalho. Em vez do corte, passaram a ganhar mais para manter as árvores de pé e extrair apenas as sementes, que têm propriedades hidratantes para a produção de cremes - a Natura tem uma linha de produtos com a semente desde 2015. (SD-E12)

Devido à concentração de dezenas de hectares, produtos, tecnologia e consumidores, a produção do grupo será usada por um instituto de ciência para elaborar protocolos sobre como diminuir o impacto ambiental. Por exemplo, desenvolver uma métrica unificada para a diminuição da degradação de rios com uso reutilizável da água. O método será aplicado às quatro empresas no mundo e servirá como precedente para outras do ramo. (SD-E13)

Nos últimos anos, executivos engravatados encamparam a bandeira da inclusão como boas e rentáveis práticas de negócios. Para o CEO, a diversidade no quadro de colaboradores também tem a ver com redução do impacto ambiental. (SD-E14)

"É uma visão holística que a gente tem de pensar na sustentabilidade, que tem um componente de meio ambiente, mas também um componente social. É muito difícil separar", diz. (SD-E15)

A meta do grupo é ter posições de lideranças com 50% de mulheres, e 30% em diversidade racial, étnica, de identidade de gênero, pobres e pessoas com deficiência no grupo até 2023. (SD-E16)

"Apesar de não discriminar, o vírus tem um impacto maior em populações mais carentes", diz. "A gente pode reconstruir um mundo mais sustentável do ponto de vista ambiental. Aí, também entra um mundo mais justo, com mais inclusão não só do ponto de vista de gênero, mas racial", conclui. (SD-E17)

As respostas para tornar nossos centros urbanos em espaços de promoção de direitos, de redução da desigualdade e mais sustentáveis é tema de uma live com vozes experientes da arquitetura e urbanismo. O papo será transmitido hoje (14), às 18h30, com transmissão em Ecoa e pelas redes sociais do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR). (SD-E18)

Autora do livro "Alinhavos", primeira obra sobre moda sustentável para crianças", a estilista Alessandra Ponce Rocha tem refletido sobre o assunto. "Se não forem descartadas corretamente, [as máscaras] se juntarão à montanha de resíduos têxteis e roupas descartadas de maneira indevida", afirma. (SD-E19)

E é essa viabilidade econômica, segundo Falopa, que ainda impossibilita a reciclagem em larga escala de máscaras. Ela conta que, por enquanto, apenas utilizam os resíduos gerados do corte da confecção das mesmas. Para as máscaras, em si, há a barreira do custo operacional. "Quem pagaria por isso? O processo teria um custo elevado", diz ela. "Os geradores dos resíduos não querem ter custos com a reciclagem. E para os recicladores, esse custo não compensa o valor do produto final, que é muito baixo." (SD-E20)

A agricultura familiar é um conceito em que pequenos agricultores fazem o uso mais sustentável da terra, sem uso de defensivos agrícolas e respeitando o solo e a sazonalidade. No lugar de grandes propriedades, entram grupos familiares com hectares e produções menores, que garantem o sustento próprio, combinando alimentação saudável e renda. Com isso, pode-se diminuir a desigualdade no campo e também conservar e preservar o meio ambiente. (SD-E21)

Ele acrescenta: "A busca por alternativas à exploração ilegal é fundamental para que possamos oferecer às comunidades opções rentáveis, sustentáveis e principalmente legais para a exploração consciente dos recursos naturais." (SD-E22)

"Tem que preservar as árvores. As queimadas estão prejudicando até nossa água, que não é mais a de antigamente. Porque daqui uns anos, não vai prejudicar só nossos filhos, mas também os netos." [Maria Josefa, agricultora] (SD-E23)

Para driblar as estatísticas [queimada/desmatamento], além da agricultura familiar, há quem está revertendo esse número de forma mais direta, e em diferentes biomas pelo país. Conheça, neste dia da Preservação das Florestas, celebrado hoje (17), iniciativas que estão ajudando a conservar e recuperar áreas verdes. (SD-E24)

Em comum, as mulheres não têm apenas a agricultura, mas também uma mudança drástica no modo de vida. Em pequena escala, elas descobriram que não só é possível aliar a lavoura à preservação do meio ambiente, mas também é o único caminho para que filhos e netos continuem na profissão que mantém suas famílias. (SD-E25)

E em larga escala, é possível um desenvolvimento sustentável, ou seja, com combate à concentração de renda, considerando a natureza como parte do sistema econômico e com garantia de direitos sociais e humanos? (SD-E26)

A cultura de exploração da rica biodiversidade do Brasil sem cuidados para sua preservação nos levou a consumir desenfreadamente, gerar cada vez mais lixo e basear toda nossa indústria (do arroz e feijão ao combustível do ônibus) em um sistema insustentável de emissão dos gases do efeito estufa, intensificando as mudanças climáticas. (SD-E27)

O efeito disso é um grande estrago não só em qualidade de vida, mas na economia: só as chuvas intensas do Sudeste nos primeiros meses do ano provocaram um prejuízo de R\$ 203 milhões ao comércio da região, segundo levantamento da CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo). Eventos causados pelo aquecimento global ficarão cada vez mais recorrentes, causando impactos negativos para todos, e principalmente para as nações mais pobres. (SD-E28)

Para não deixar ninguém para trás, é preciso entender o que prejudica o meio ambiente e, como consequência, a vida das pessoas. No Brasil, 25% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) vêm da agropecuária e 21% da produção de energia. Pará, Mato Grosso e São Paulo são os estados que mais poluem. (SD-E29)

"A gente tem nossa rotina baseada numa economia que chamamos de carbono intensivo, em que a maior parte da energia produzida vem de fontes de petróleo. Abastecemos nossos carros com gasolina, os ônibus e caminhões com diesel. A economia de baixo carbono vai na contramão desse uso: com energias renováveis [hidrelétrica, solar e eólica]", detalha Gustavo Pinheiro, coordenador da área de Economia de Baixo Carbono do ICS (Instituto Clima e Sociedade). (SD-E30)

Por isso, a discussão sobre sustentabilidade passa essencialmente por alternativas economicamente viáveis para fazer frente ao desmatamento. (SD-E31)

"É possível fazer uma pecuária neutra de carbono, várias fazendas a praticam, de modo que 8% dos 1,7 bilhões de hectares de pastagens do Brasil têm hoje sistemas integrados de pecuária, lavoura e floresta. Estamos muito longe de chegar a uma pecuária neutra de carbono, mas é totalmente factível, não custa caro, além de aumentar a fertilidade do solo e diminuir os extremos climáticos", analisa Nobre. (SD-E32)

Em Parelheiros, extremo sul da cidade de São Paulo, a mudança na forma de produzir em áreas arrendadas ajudou a recuperar espaços que estavam extremamente prejudicados em função da pecuária extensiva e do desmatamento. (SD-E33)

"Para mim, o orgânico era simplesmente o alimento sem veneno, mas é mais que isso: é o cuidado com a terra em todos os sentidos, desde saber preparar o terreno a fazer a compostagem que a aduba. Não uso mais fertilização animal depois disso." (SD-E34)

O projeto Amazônia 4.0, em desenvolvimento, vai exatamente nessa direção: mostrar a viabilidade de desenvolver a bioeconomia de floresta em pé na Amazônia, e, se possível, industrializar mais de 500 produtos da floresta - como andiroba, cacau, açaí - especialmente através de sistemas agroflorestais, mantendo a floresta em pé. [Carlos Nobre, climatologista] (SD-E35)

Segundo Eduardo Sampaio Marques, assessor especial da ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e ex-secretário de Política Agrícola, entre as medidas de maior ênfase está o Plano ABC - Agricultura de Baixa Emissão de Carbono, que prevê a adoção de tecnologias de produção sustentáveis no período entre 2010 e 2020. (SD-E36)

Ele também negou que o fato de o Brasil ser um dos maiores usuários e liberadores do uso de agrotóxicos no mundo prejudique a meta por um desenvolvimento sustentável. "É preciso usar insumos para aumentar a produtividade da área que é usada, ou seria necessário abrir outras áreas", defende. (SD-E37)

O climatologista crê que os esforços pela eletrificação das frotas de ônibus do transporte público, por exemplo, contribuiriam significativamente para uma atmosfera mais limpa. "O que temos, basicamente, são projetos-piloto em cidades para transformar ônibus a diesel em elétricos, o que aliviaria demais a poluição urbana; no entanto, não vejo esforço político nesse sentido: mesmo o mundo desenvolvido indo em direção contrária, o Brasil segue estacionado na área mais atrasada de redução das emissões", critica. (SD-E38)

A mudança é grande, já que envolve modos de produção e também de olhar para o mundo. Mas as agricultoras Maria do Carmo e Marlene, no miúdo de suas práticas, talvez nos ajudem a entender que vale a pena. (SD-E39)

Levar sustentabilidade e autonomia energética a comunidades do Rio de Janeiro foi o ponto de partida para o projeto RevoluSolar, que equipou casas no Morro da Babilônia e Chapéu Mangueira, no Leme, com placas de energia solar. Agora, quase cinco anos desde que a ideia começou a tomar forma, seu diretor-executivo Eduardo Ávila é um dos finalistas do prêmio Jovens Campeões da Terra, das Nações Unidas. (SD-E40)

A iniciativa oferece energia barata, sustentável e segura a comunidades de baixa renda. Com o projeto, são gerados 15.600 kWh de energia por ano, o que permite uma economia de R\$ 15 mil para a população local. (SD-E41)

"Jovens de todo o mundo estão chamando a atenção para as escolhas erradas que fizemos e para os impactos futuros da destruição ambiental. Estamos comprometidos em garantir à juventude uma voz, uma plataforma e uma oportunidade para triunfar em sua jornada, enquanto inspiramos milhões de outras pessoas a se juntarem a essa luta", disse Inger Andersen, diretora executiva do PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) em comunicado. (SD-E42)

A premiação estimula jovens empreendedores, entre 18 e 30 anos, a criarem iniciativas voltadas à preservação do meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. No total, foram inscritos 875 projetos. Ao fim do processo, sete vencedores serão selecionados por um júri global. (SD-E43)

Ávila já tinha sido finalista em outro programa, o Global Innovation Lab for Climate Finance, que reúne projetos com potencial de transformação como instrumentos para uma economia verde. (SD-E44)

O grupo se propõe a cuidar de todo o trâmite de divulgação, venda, empacotamento e postagem nos correios. "Com o valor das vendas desses artesanatos, entramos em contato com as lideranças para ver o que precisam, compramos e levamos até a entrada da aldeia", diz Ramos. (SD-E45)

Para apoiar as ações do Vivência na Aldeia na Terra Indígena Piaçaguera, em Peruíbe (SP), você pode colaborar com qualquer valor pelo site do projeto: <http://vivenciaaaldeia.org/apoie/> (SD-E46)

"Eu aprendi com a minha família a importância da questão social, da sustentabilidade e de sentir que a gente está fazendo alguma coisa de impacto positivo para o mundo. Nós precisamos de inovações que estejam conectadas com melhorias para a sociedade. Ao estudar esse assunto, a gente vê que é possível fazer diferente. Precisamos usar os avanços na tecnologia para a construção de um mundo desejável", considera. (SD-E47)

"No Rio, a tarifa de energia elétrica mais que dobrou na última década, teve um aumento de 105%. E os custos de energia solar ficaram 85% mais baratos. Então você tem uma energia centralizada cada vez mais cara e a solar cada vez mais barata. Eu vi na ideia proposta pela ONG uma força com potencial ainda inexplorado", relembra. (SD-E48)

"A geração de energia solar fotovoltaica distribuída em comunidades é, entre as energias renováveis, a que mais gera empregos. E são empregos locais e de qualidade, que pagam mais do que a média na economia." (SD-E49)

A visão da cidade [do Rio] como protagonista global tem sido negligenciada nos últimos anos. Podemos ser destaque em energia solar e sustentabilidade, temos todos os recursos naturais, humanos e intelectuais para isso. As oportunidades vêm do território. Eduardo Ávila, economista (SD-E50)

À frente de uma organização cuja missão é mobilizar, sensibilizar e ajudar empresas a gerir os negócios de forma socialmente responsável e sustentável, Magri acumula experiência para dizer que o setor privado ainda se restringe a alguns bons exemplos quando se trata de representar o povo brasileiro em sua pluralidade. (SD-E51)

O que gera esse ímpeto é, segundo ele, um misto entre uma maior conscientização das empresas com um maior questionamento da sociedade civil. "Elas se retroalimentam. Há uma maior exigência da sociedade para que se tenha comportamento ético e, ao mesmo tempo, a percepção das empresas de que um ambiente diverso e inclusivo produz resultados econômicos positivos, conquistas de prêmios e uma maior retenção e captação de talentos". Todavia, há um outro aspecto: o receio de manchar a reputação da marca. (SD-E52)

Empresas que lidam direta e indiretamente com questões de impacto ambiental procuram vender a ideia de que são responsáveis. (SD-E53)

A Natura, também ouvida por Ecoa, diz que nos últimos vinte anos contribuiu para a conservação de 1,8 milhão de hectares em parceria com comunidades fornecedoras, ONGs e setor público. O objetivo é ampliar para 3 milhões de hectares a área preservada na Amazônia até 2030 — e seu CEO explica aqui como isso seria possível. No ano passado, só a Natura vendeu 374,4 milhões de unidades de cosméticos no Brasil, responsáveis por uma receita bruta de R\$ 8,8 bilhões. (SD-E54)

E a questão não é só do acúmulo de lixo sólido por aí. Poucos sabem, mas o plástico também libera toxinas de diversas maneiras em seu uso doméstico - contaminando o ar em brinquedotecas, liberando substância em contato com a pele e boca das crianças, e outros detalhes de que falaremos mais à frente. (SD-E55)

Mas dá para reduzir danos se a gente tiver uma maior compreensão e aprendizado da dinâmica que, no fim das contas, dita nossos comportamentos. E de suas consequência e alternativas. (SD-E56)

A combinação de expertises do instituto, que tem o programa Criança e Consumo, e da pesquisadora, que é também doutora em Educação, foram a base de uma conquista importante: o início de uma construção de conhecimento sobre o complexo e potencialmente fundamental impacto da publicidade infantil na saúde física e mental das crianças - além do meio ambiente -, por meio da formação de hábitos e valores de consumo. (SD-E57)

Todo o tempo que se passou desde a fabricação do primeiro brinquedo de plástico até hoje não chega nem perto do tempo necessário para sua decomposição - alguns plásticos podem demorar até 500 anos. Isso significa que, potencialmente, todos os brinquedos de plástico já fabricados no mundo ainda estão entre nós. (SD-E58)

"Se estamos realmente considerando o bem-estar das nossas crianças e a garantia de um futuro saudável e sustentável para elas, precisamos considerar os impactos ambientais dos estímulos de consumo gerado pelas empresas fabricantes de brinquedos", diz JP Amaral, mobilizador do Instituto Alana. (SD-E59)

Acontece que algumas reciclagens são mais complexas que outras. Algumas são tão complicadas que se tornam financeiramente inviáveis. (SD-E60)

O problema é que todo mundo precisa pagar para que o lixo seja destinado corretamente. "O que falta é assegurar sustentabilidade econômica", afirma. E quem legisla para a opinião pública não vai nem querer ouvir falar de como se faz isso: "com instituição de taxa ou tarifa para a coleta. O cidadão precisa ter clareza de que tem um custo". (SD-E61)

Adaptar os produtos a um mesmo mercado só cria uma nova categoria de brinquedos "verdes" e mais caros. E os mais pobres que se virem com materiais tóxicos, pirataria sem fiscalização, impacto da publicidade infantil e suas consequências. (SD-E62)

A ideia expressada em lei no dia 2 de agosto de 2010 até que era promissora, mas o fato é que o Plano Nacional de Resíduos sancionado pelo governo federal ainda não conseguiu, uma década depois, impactar de forma significativa um elemento considerado essencial ao volume de resíduo produzido no país e à forma como ele é descartado: a adoção de hábitos de consumo mais sustentáveis por parte do cidadão. (SD-E63)

[...] o fato é que o Plano Nacional de Resíduos sancionado pelo governo federal ainda não conseguiu, uma década depois, impactar de forma significativa um elemento considerado essencial ao volume de resíduo produzido no país e à forma como ele é descartado: a adoção de hábitos de consumo mais sustentáveis por parte do cidadão. (SD-E64)

"A embalagem desse produto é enorme, com uma tinta chamativa que dificilmente é reciclável e cerca de 30% do conteúdo dessa caixa, efetivamente, produto, cereal. Só que depois que usufruí disso, o consumidor descarta a caixa vazia - e o custo da destinação dessa embalagem fica nas costas do serviço público, ou seja, o próprio contribuinte acaba sustentando o custo ambiental dessas embalagens", explica. "Com a logística reversa, isso muda: a indústria recolhe ou paga alguém para recolher esse resíduo dela, o que poderá fazer com que ela diminua o tamanho dessa embalagem, a faça mais sustentável - e o consumidor dela vai pagar mais ou menos por isso, segundo seus hábitos de consumo. Isso é fundamental essa logística, ou sempre teremos ações de manejo paliativas, sem mexer em padrões de consumo que os façam mais sustentáveis", avaliou. (SD-E65)

Países europeus, em geral, gastam zero com reciclagem porque ela é paga por quem colocou esse resíduo no mercado; se o consumidor que usar embalagem mais sustentável pagar menos, isso induz ao consumo mais sustentável. [Wladimir Ribeiro, consultor do governo federal] (SD-E66)

"Além disso, o Snis dava que, em 2013, foi atingido um total de 512 prefeituras operando aterros em todo o país; em 2018, eram 388 prefeituras - porque os municípios estão deixando de eles próprios operarem aterros pequenos e indo para a iniciativa privada ou consórcios, em aterros regionalizados, o que é uma tendência mundial", avalia. (SD-E67)

"Nosso trabalho é para que o município fique com o reciclável e o lixo orgânico, este, para compostagem, e mande para o aterro só o que é rejeito: sai mais barato, à medida que, ao pagar para transportar e aterrar lixo orgânico, algo que é caro e pode danificar estradas, grande parte desse volume é água", pondera. Sobre o produto final da compostagem, Kátia observa que ele pode ser usado nas áreas verdes da cidade para melhorar a qualidade do solo. (SD-E68)

Paralelamente, gargalos deixados ainda pela lei, ela pontua, podem ser verificados tanto em relação à responsabilidade compartilhada pelo resíduo - a lei envolve todos os atores envolvidos na cadeia produtiva: de consumidores a fábricas e importadores -, em um país de dimensões continentais como o Brasil, quanto em relação à educação ambiental ao consumidor sobre o resíduo que ele, próprio, ajuda a produzir. (SD-E69)

"Em muitas casas ainda se joga no lixo comum uma lâmpada queimada ou uma pilha, por exemplo, o que nos faz crer que uma questão muito chave é que precisamos que tudo funcione bem em sintonia: infraestrutura para escoar ações, mas também conscientização para o consumidor demandar (ele tem esse poder) as condições necessárias para que ele consiga fazer sua parte. Não é só dos fabricantes e do poder público essa responsabilidade, afinal." (SD-E70)

Levar sustentabilidade e autonomia energética a comunidades do Rio de Janeiro foi o ponto de partida para o projeto RevoluSolar, que equipou casas no Morro da Babilônia e Chapéu Mangueira, no Leme, com placas de energia solar. (SD-E71)

A iniciativa oferece energia barata, sustentável e segura a comunidades de baixa renda. Com o projeto, são gerado 15.600 kWh de energia por ano, o que permite uma economia de R\$ 15 mil para a população local. (SD-E72)

A premiação estimula jovens empreendedores, entre 18 e 30 anos, a criarem iniciativas voltadas à preservação do meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. (SD-E73)

A ideia dos jovens do Eco Maré, então, era quase dar um aviso de que não se pode falar sobre meio ambiente ignorando os problemas que eles vivem cotidianamente em uma favela. (SD-E74)

Até se envolverem com o projeto, nunca tinham se interessado pelo tema. Até hoje, Juliana diz que não se considera uma ambientalista. Para ela, uma estudante de enfermagem e favelada pensar em luta climática era "muito coisa de branco rico." (SD-E75)

Mas não se engane. Apesar da maioria das tomadas de decisões em relação ao clima virem de pessoas brancas, historicamente são populações negras e indígenas quem sempre estiveram na linha de frente em defesa do meio ambiente, muito por possuírem ligações mais profundas com o meio em que vivem. (SD-E76)

E, apesar de todo mundo estar no mesmo barco, quando se trata de sentir na pele as consequências dessas mudanças no clima, são os negros, os pobres, as mulheres e os indígenas, por exemplo, que serão impactos desproporcionalmente pelos inúmeros problemas previstos pelos cientistas. (SD-E77)

O termo "justiça climática" é uma variação mais recente de "justiça ambiental". Conhecido como o "pai da justiça ambiental", o sociólogo norte-americano Robert D. Bullard criou o conceito quando passou a investigar danos causados pela poluição em minorias sociais. Ele propunha que as decisões tomadas em relação ao meio ambiente deveriam possuir uma maior participação social, empoderamento das comunidades e colaboração entre setores públicos e privado. (SD-E78)

Ela credita essa concepção de que falar sobre meio ambiente não é para todos a duas coisas: a falta de representatividade e todo esse discurso que, segundo ela, ainda é "muito gourmet". Para tentar reverter a ideia que está no imaginário brasileiro de que falar sobre questões ambientais é coisa de branco rico, ela criou um projeto que dialoga especialmente com a quebrada em que vive. Assim, em 2019, o Perifa Sustentável nasceu. (SD-E79)

Ela conta que, quando vai a escolas ou dá palestras, gosta de escutar primeiro quais problemas as pessoas julgam mais necessários. Depois propõem um exercício simples: pede para que elas tentem imaginar um mundo ideal. E deixa a criatividade dos ouvintes fluir. "Depois, falo que há um tempinho uma galera fez isso também, pensou em um mundo ideal e criou uma agenda para pensar em um futuro mais sustentável, olhando para a econômica, o meio ambiente e as questões sociais." (SD-E80)

A tal agenda pensada por uma galera que ela cita é o documento criado por chefes de Estado membros da ONU (Organização das Nações Unidas) chamada de Agenda 2030. Em 2015, ao fim das negociações em Nova York, foi apresentado 17 Objetivos de Desenvoltimentos Sustentáveis (ODS), que devem ser atingidos em um período estabelecido, que começou em 2016 e acaba em 2030. Acabar com a pobreza e a fome, promover o desenvolvimento econômico sustentável, alcançar igualdade de gênero e assegurar água e saneamento para todos são alguns dos objetivos. (SD-E81)

Além de bicicletas, as caixinhas também serão usadas na produção de óculos, telhas e pisos - os dois últimos itens serão usados na construção de moradias sustentáveis, uma parceria da Do Bem com as organizações Teto e Ecolar. (SD-E82)

Outro compromisso da empresa é eliminar os canudos de plástico da linha de suco para crianças até o final deste ano. "Do Bem tem uma grande preocupação com os resíduos gerados pelas embalagens de nossos produtos e o impacto delas no meio ambiente, por isso estamos investindo e trabalhando cada vez mais para propor soluções sustentáveis". (SD-E83)

O projeto conta também com a participação de consumidores, que podem descartar suas embalagens em pontos de coleta. (SD-E84)

Voltado para discutir e fomentar o empreendedorismo na Amazônia, foi criado um evento pelas comunidades de tecnologia, inovação e startups da Amazônia Legal. Em parceria com o Sebrae, elas fazem o primeiro encontro online, que leva o nome de Start Amazônia. O evento ocorre de forma 100% virtual nos dias 13 e 14 de agosto e reúne especialistas dos nove estados da Amazônia Legal, que vão debater oportunidades de negócios, sustentabilidade, empreendedorismo digital e políticas públicas voltadas para a região. (SD-E85)

"A palavra do ano é intencionalidade. Temos de ser intencionais. Temos de educar as pessoas, o público interno e externo, para mostrar que sustentabilidade e crescimento econômico são complementares." Este foi o recado da presidente da Microsoft no Brasil, Tania Cosentino, durante live na manhã de hoje (13), promovida pela Rede Brasil do Pacto Global da ONU e transmitida por Ecoa. (SD-E86)

A conversa partiu do resultado de uma pesquisa global feita pelas Nações Unidas e a consultoria Russell Reynolds Associates que mapeou 55 executivos de grandes empresas com atuação modelo em

sustentabilidade. A ideia é traçar o perfil e as habilidades desses CEOs e membros de conselho para acelerar o desenvolvimento de novas lideranças sustentáveis. (SD-E87)

Exemplo de liderança pela sustentabilidade, Tania Cosentino recebeu prêmio da ONU em 2017 como pioneira nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Ela contou que ao chegar a Microsoft a sustentabilidade foi seu foco inicial. "Minha primeira pergunta foi: quais ODSs a gente impacta?", e, após ouvir a resposta de apenas dois, detalhou como outros objetivos também faziam parte da cadeia de impacto da empresa. "[Tem de fazer] discussão internamente de como se conecta as ODSs ao negócio. Quando se faz isso, deixa de ser um apêndice, que é o que vai ser cortado quando tiver uma crise. (SD-E88)

"O desafio é conscientizar o consumidor, como gastar o dinheiro tem poder enorme. O setor não vai mudar com a velocidade que precisa se o consumidor não mudar as suas escolhas. Será que quero coisas descartáveis? Se fazer essa pergunta é importante. (SD-E89)

Cosentino lembrou também como a desigualdade, agravada durante a pandemia, tira de milhões de pessoas esse poder de fazer escolhas e consumir. "A gente precisa falar mais, educar mais, praticar mais a sustentabilidade. E ter um olhar intencional de reduzir essas desigualdades", disse. Ela ainda citou o livro "O fim da pobreza", de Jeffrey Sachs, em que reúne uma série de ações que poderiam ser tomadas para de fato erradicar a extrema pobreza no mundo. "Temos todas as ferramentas para fazer, tem de colocar a mão na massa e fazer acontecer." (SD-E90)

Idealizada nos anos 1970 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, a permacultura prega uma "cultura de permanência" da vida na Terra por meio de práticas sustentáveis que unem o conhecimento dos povos ancestrais com o uso de tecnologias atuais. (SD-E91)

O arquiteto destaca que a permacultura precisa estar disponível para a população de baixa renda - tantos dos campos como das cidades. "Não adianta pensar em ecologia só para os 15% da população que podem pagar por um projeto de arquitetura. Ecologia é para todo mundo. As técnicas e tecnologias de permacultura precisam ser simples para que possam ser replicadas por todos." (SD-E92)

A verdade é: qualquer pessoa à procura de um documentário sério sobre ambientalismo e sustentabilidade provavelmente passaria reto por algo que tenha Zac Efron como estrela. Mas a visão de mundo do ator e suas reações às descobertas são tão genuínas e sinceras que, mesmo que ele não seja um especialista nos temas, é contagiante perceber que ele quer realmente ajudar a tornar o mundo um pouco melhor. (SD-E93)

Mais do que harmonia, as agroflorestas, ou sistemas agroflorestais (SAFs), têm provado que o desenvolvimento da Amazônia e do Brasil não precisa estar atrelado à perda da floresta e que é possível, sim, explorar o meio ambiente de maneira sustentável, uma vez que o sistema promove uma melhora na qualidade da água e do solo, aumenta a biodiversidade e ainda contribui para o sequestro de carbono, reduzindo os efeitos da crise climática. (SD-E94)

A discussão sobre sustentabilidade passa essencialmente por alternativas economicamente viáveis para fazer frente ao desmatamento. Nesse contexto, o sistema de conservação por agroflorestas emerge como exemplo que agrega benefícios tanto ao agricultor quanto ao meio ambiente. (SD-E95)

"Meu sentimento particular é o de que tivemos um avanço muito grande em modelos sustentáveis na região nesses últimos anos. Eu tive a oportunidade de vivenciar isso; a consciência muda. A biodiversidade da floresta é imensa e ainda muito desconhecida, ainda temos muito o que fazer em termos de bioeconomia, mas isso é algo com uma perspectiva imensa para o futuro. Só espero que o outro lado [que desmata] não corra e uma velocidade muito grande." (SD-E96)

O professor Breno Rayol, que pesquisa os SAFs pela Ufra, sinaliza: implementar esse tipo de manejo na Amazônia, de forma coordenada entre ciência e povos nativos, pode mudar a relação do homem com a terra até mesmo pela perspectiva de bem futuro. (SD-E97)

A implantação, segundo a Colorado, conta com a parceria da rede Origens Brasil®, iniciativa que promove negócios sustentáveis na Amazônia em áreas prioritárias de conservação, garantindo a origem, transparência, rastreabilidade e o comércio justo de produtos da região. (SD-E98)

Empresas e povos da Amazônia mostram como fazer extração sustentável e promover desenvolvimento para todos (SD-E99)

Chegando ao destino, um igarapé escondido na densa floresta, é hora de Gilson entrar na mata e levantar acampamento, um barraco de lona onde ele e seu grupo de seringueiros permanecerão por mais ou menos uns três meses. A saudade da família aperta, mas a rotina pesada do período da safra precisa ser encarada, conta o seringueiro, que trabalha na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru, no Amapá. (SD-E100)

Hoje em dia a vida do castanheiro melhorou, afirma Gilson. "Nosso produto antes não tinha valor aqui na região". Segundo ele, a mudança tem a ver com uma parceria entre a Comaru (Cooperativa Mista dos Produtores e Extrativistas do Rio Iratapuru), da qual ele faz parte, com a empresa de cosméticos Natura. Essa articulação garante atualmente um bom preço, 55 quilos de castanha são vendidos por R\$ 300, conta o seringueiro. "Atravessadores pagam em torno de R\$50 pela mesma quantidade." (SD-E101)

Os atravessadores permanecem comprando na região, e pagando pouco, porque o contrato com a Natura, embora tenha melhorado a economia local, ainda não é suficiente para absorver toda a produção dos castanheiros. Se outras empresas investissem nesse modelo de comércio direto com os produtores extrativistas, certamente o cenário seria outro. (SD-E102)

"Estamos há 20 anos na Amazônia e nossos produtos de maior sucesso e mais icônicos são resultado da criação dessa economia da floresta em pé", afirma a diretora global de sustentabilidade da Natura, Denise Hills. Ou seja, quando benefícios e lucros dependem da preservação das árvores e não de derrubá-las. (SD-E103)

Sim, é possível ter uma relação sustentável com as florestas, afirma o coordenador do ISA (Instituto Socioambiental), Jeferson Straattmann. "Os indígenas fazem isso há milhares de anos". Também está mais do que comprovado que empresas podem se beneficiar das formas tradicionais de manejo, e por tabela ainda ajudar a manter a floresta preservada e fortalecer as comunidades que vivem nela." (SD-E104)

Utilizando uma expertise em sistemas de certificações ambientais, acumuladas em 25 anos de atividades voltadas à promoção de boas práticas de produção florestal e agrícola, a equipe do Imaflora começou a pensar em algo sob medida para as populações tradicionais. (SD-E105)

"A Amazônia é hoje o bioma que detém a maior biodiversidade do planeta, e nela vivem comunidades que possuem uma relação intrínseca com o uso da floresta e um imenso conhecimento que representa inovação para diversas áreas da indústria, perfumaria, cosméticos, tecnologia, alimentos", comenta Patrícia. (SD-E106)

Por lá, a coleta de castanha, principal fonte de recursos do povo kayapó, é um bom exemplo de como a extração sustentável, de mãos dadas com empresas e novos mercados pode ajudar no desafio da preservação. (SD-E107)

Esta reportagem faz parte da série especial que celebra o Dia da Amazônia, comemorado em 5 de setembro. Ao longo da semana, Ecoa mostrará alternativas para a exploração sustentável de um dos principais ativos nacionais e reunirá especialistas para discutir como garantir não apenas sua conservação, mas caminhos para a regeneração do desmatamento constante que a região vem enfrentando. (SD-E108)

Como o setor privado pode contribuir de fato para uma Amazônia sustentável? (SD-E109)

Há um ano, na ONU, a iniciativa de diversos representantes do setor privado da sociedade civil lançava o desafio Amazônia Possível. Agora entregam um primeiro fruto desse movimento: "10 Princípios Empresariais para uma Amazônia Sustentável". O documento pretende ser um norteador para empresas que desejam operar de forma mais sustentável na região. (SD-E110)

"A gente acredita que a preservação da Amazônia está intrinsecamente ligada a uma produção sustentável aqui no Brasil. E sabemos que uma maior atuação do setor empresarial nessa agenda é indispensável", diz Carlo Pereira, diretor-executivo do Pacto Global. (SD-E111)

Provocados pela mediadora Chiara Gadaleta, os representantes das empresas aderentes ao movimento falaram sobre como produzir mantendo a floresta em pé. Os convidados, de maneira geral, não relativizaram a

questão. Pelo contrário: na visão de Denise Hills, diretora de sustentabilidade da Natura, é exatamente a floresta em pé que garante a produção. (SD-E112)

Talvez tenhamos que conviver com mais epidemias virais, como a do novo coronavírus, se não conseguirmos diminuir os impactos das mudanças climáticas com urgência. Essa é a avaliação do Dr. Johan Rockstrom, diretor do Instituto Potsdam de Pesquisas sobre o Impacto Climático. (SD-E113)

Por fim, ambos os convidados deram atenção aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS's). Pavan lembrou que todos os 17 objetivos organizados pela ONU estão interconectados e que não podem ser escolhidos "como em um menu de restaurante". Já o Dr. Johan lembrou do compromisso pessoal de cada cidadão para com as metas: "Estamos na fase do desenvolvimento das pessoas, para nos tornarmos guardiões das ODS's, independente se estamos em Estocolmo, Nova Déli ou São Paulo. Nós temos que ser os defensores". (SD-E114)

Ao contrário de modelos tradicionais do agonegocio — como a soja e a criação de gado —, os sistemas agroflorestais têm a maior parte dos custos ligados à mão-de-obra. Isso é sinônimo de um alto potencial de geração de trabalho e renda, o que pode ter papel inclusivo especialmente para mulheres e jovens da floresta. (SD-E115)

Ele afirma que hoje a Resex está com seu limite máximo de 10% de desmatamento, e que as agroflorestas acabam sendo fundamentais para garantir a sustentabilidade local. "É preciso um trabalho de formiguinha, que está começando agora, principalmente no processo de formação. Sempre falamos que se pudermos produzir e preservar vamos ter um modelo ideal, ambientalmente correto. E quando foi criada a reserva, foi criada para ser um novo modelo de reforma agrária que pudesse compatibilizar o desenvolvimento econômico com a sustentabilidade. Isso é o manejo correto", afirma. (SD-E116)

A experiência do MST com arroz orgânico surgiu, na verdade, em pequenas escalas, com propósito de produzir o alimento usando a agroecologia — uma forma sustentável de agricultura que valoriza o trato respeitoso com o meio ambiente e os produtores responsáveis pelo cultivo — para os próprios membros do movimento. "Começou com aquela coisa de 'vamos plantar o arroz para não precisar comprar', diz a cientista social Kelli Mafort, da coordenação nacional do MST. (SD-E117)

André Palhano, idealizador da Virada, explica que o objetivo é levar informações que envolvam os vários temas da sustentabilidade de forma atraente, positiva e não menos séria. Esse ano, as frentes abordadas são meio ambiente, consumo consciente, diversidade, desigualdade social, saúde e bem-estar. (SD-E118)

O Fórum Virada Sustentável é uma oportunidade de levar conhecimento de forma digital e garantir o acesso de pessoas de fora da cidade. O conteúdo terá tradução em libras e tradução simultânea para os palestrantes estrangeiros. Os temas deste ano são: economia circular, mudanças climáticas, meio ambiente, futuro do trabalho, diversidade e inovação social. Esse conteúdo é gratuito e para participar, é necessário fazer inscrição prévia no site: [www.viradasustentavel.org.br](http://www.viradasustentavel.org.br) (SD-E119)

Para melhorar a conexão e a divulgação dessas zonas, uma nova plataforma digital reúne informações sobre desenvolvimento rural sustentável, turismo, meio ambiente e alimentação saudável. Criado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano por meio do Projeto Ligue os Pontos, o site colaborativo Sampa+Rural será atualizado frequentemente —qualquer cidadão pode solicitar a inclusão de informações relevantes. Todos os dados do Sampa+Rural estão disponíveis para download. Além disso, a plataforma foi desenvolvida em código aberto para que possa ser replicada por outras cidades do Estado de São Paulo, do Brasil e até de outros países. (SD-E120)

Apontada como grande novidade e tendência do mercado pós-Covid-19, a sigla ESG está menos para grande inovação e mais para uma evolução dos princípios da sustentabilidade incorporados ao mundo corporativo. Mas, afinal, o que significa ESG? Bem que em terras brasileiras tentaram chamar de ASG, o tripé ambiental, social e governança, mas o que vêm pegando mesmo é a versão importada: environment, social and governance - ou ESG. (SD-E121)

Fundador da FAMA Investimentos e responsável pela gestão do fundo de ações de empresas brasileiras alinhadas com as práticas, Fabio Alperowitch conta que ESG é sobre processos, ou seja, como a empresa funciona. (SD-E122)

O ESG seria o resultado de um longo caminho; acompanha a linha do tempo do debate ambiental, com as discussões do Clube de Roma e o relatório "Os limites do crescimento", em 1972, e passa pelo "Relatório de Brundtland", de 1987, onde se define o conceito de desenvolvimento sustentável. Tem forte influência ainda do famoso conceito de Triple Bottom Line, o tripé da sustentabilidade, criado pelo consultor britânico John Elkington, em 1994, que sistematiza a sustentabilidade por meio dos eixos ambiental, social e econômico. (SD-E123)

Segundo ele, a perspectiva seria chamada de ESG, no caso do mercado financeiro, ou de sustentabilidade, nas empresas. Porém, por pressão do mercado financeiro, vemos uma aproximação dos discursos. "Está tudo misturado. Os termos estouraram e estão usando de maneira equivocada. Foi de um número pequeno a um bilhão que aprendeu o idioma, e não estão usando da mesma maneira." Vivemos o que Pimentel define como uma "guerra de framework", ou seja, uma disputa para definir o que seria o ESG e quem pode se nomear assim. (SD-E124)

Consumo consciente e a prática de lixo-zero no meio ambiente podem até estar longe de um caráter massivo, mas podem gerar impacto pelo simples exemplo. (SD-E125)

"Começamos a vender essas saladas em potes de vidro, retornáveis, com desconto para o cliente que retornasse os potes. A partir de agosto de 2017, transformamos o espaço em restaurante e também em um empório, onde vendíamos produtos lixo-zero, de menos impacto no ambiente - como copos reutilizáveis e produtos de limpeza", conta. "Já tínhamos o viés de sustentabilidade, então, não fazia mais sentido também trabalhar com produtos ou com o que gerassem tanto lixo", relata. (SD-E126)

Ainda em São Paulo, antes da mudança para Santa Catarina, Alexandra começou a mudança de hábitos. Deixou a dieta carnívora e iniciou a transição para se tornar vegetariana. O "novo nível de consciência do que se entende como sustentável", como ela define, extravasou a alimentação mais natural e se estendeu para o uso de coletores menstruais, roupas, móveis reutilizáveis, xampus e produtos de limpeza menos poluidores. (SD-E127)

"A grande indústria ainda é muito influenciadora de hábitos de consumo e busca conciliar tema da sustentabilidade ou do politicamente correto como uma opção para quem tem dinheiro. Então, coloca uma diversidade de produtos a venda mais baratos, mas quem paga a conta dos impactos ambientais que sujeira? Todos nós. Precisamos cada vez mais de educação e de governo e Indústria alinhados ao que de fato precisamos, que é a agroecologia", defende Alexandra. (SD-E128)

Se a mudança de São Paulo foi fator decisivo para um estilo de vida mais sustentável à empreendedora Alexandra e à cantora Luísa, para a psicóloga Amanda Oliveira Carmona, 34, o processo foi justamente o contrário: transferir a vida e os planos de Santos, no litoral sul do estado, para a capital é que possibilitou ensaiar os primeiros passos rumo a hábitos de consumo mais ambientalmente engajados. (SD-E130)

A partir dali, prossegue o ator e diretor, ele sentiu que precisava fazer algo a respeito valendo-se da própria arte. Foi quando se mobilizou para a produção de um longa-metragem que aborda o desmatamento na Amazônia, com foco especialmente na atuação de madeireiros ilegais. (SD-E131)

"Do ambiental ao socialmente justo, são vários os pilares da sustentabilidade. Fui entendendo que não adianta estar ecologicamente correto usando etanol, em vez de diesel, se a contratação é a de uma equipe 80% masculina, com apenas homens como porta-vozes e poucos trabalhadores pretos e pretas", enumera. (SD-E132)

"Como em geral o set de filmagem é muito envolvente, pois movimenta demais comunidades em geral pequenas, vamos deixar a uma comunidade Kalunga, de quilombolas, uma agrofloresta inteira produtiva — isso também trabalha uma vertente da sustentabilidade e, ao mesmo tempo, auxilia nas compensações de carbono, já que neutralizá-las, reconhecemos, é praticamente impossível", conclui. (SD-E133)

O governo de São Paulo é alvo de uma ação de um grupo formado por pais e filhos que acusam o estado de estimular a poluição atmosférica e financiar o aquecimento global. Segundo o grupo, o acesso a um meio ambiente saudável também configura como direito garantido das crianças e adolescentes. (SD-E134)

Em nota, o governo estadual paulista afirma que ainda não foi acionada pela ação e desconhece seu conteúdo, mas que vai prestar informações à Justiça sobre o programa. Segundo o comunicado, o último balanço da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente divulgado em setembro indica menor emissão per capita de CO<sub>2</sub> da história, com emissão de 1,6 toneladas, sem especificar o período da coleta dos dados. Também acrescenta que entre 2009 e 2019 teve a maior produção e consumo de etanol hidratado e que os números são "resultados de políticas públicas de sustentabilidade". (SD-E135)

As empresas que se dispuseram a conversar pertencem a diversos segmentos da economia brasileira, sendo encarregadas dos postos de trabalho de mais de 45 mil pessoas. Como parte da sociedade civil, são atores importantes na construção de um país mais igualitário. (SD-E136)

No mesmo evento, o presidente da quarta maior empresa do setor de cosméticos do mundo também assumiu um lugar importante no Conselho do Pacto Global da ONU: será o único representante da América Latina no grupo de trabalho que tem a missão de unir lideranças corporativas de todos os setores do mundo corporativo em torno de questões como a sustentabilidade. Marques vai suceder o fundador da Natura, Guilherme Leal, que ocupou a mesma função por dois anos. (SD-E137)

A ideia é trabalhar por um mundo mais sustentável e menos desigual após a pandemia, e a proposta, defendida por Marques, é de uma coalizão da qual, segundo ele, o governo terá que fazer parte. "Ele terá que ocupar o lugar de protagonista nesse processo". A questão é que desde a sua campanha eleitoral, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) acena para outra direção, bem diferente da que busca o CEO da Natura. A promessa, que ele está cumprindo, foi de abrir a região amazônica para a mineração e a agricultura em larga escala. (SD-E138)

Do ponto de vista da sociedade civil, prossegue o executivo, cabe às empresas trazerem mais conhecimento sobre o problema. E essa deve ser a principal colaboração de sua participação no Conselho do Pacto Global da ONU. Ele prevê trocas de aprendizados. "Temos um histórico que inclui 20 anos de experiência na Amazônia, de trabalho com mais de 30 comunidades, com uma política de geração de renda para essas populações, acredito que poderemos ajudar a trazer para outras empresas o entendimento de que é possível conciliar desenvolvimento econômico sustentável e preservação ambiental", afirma o CEO da Natura. (SD-E139)

Mudar práticas mais conservadoras enraizadas na cultura corporativa é parte da solução. Para quem pretende experimentar mudanças, Marques dá uma dica. "Sustentabilidade não pode ser uma área isolada dentro da empresa, ela tem que ser central na estratégia dos negócios, não pode ser uma área isolada, para fazer algumas doações durante o ano e achar que resolveu o problema. Tem que estar presente em discussões com conselhos, com time de liderança, tem que fazer parte até do ponto de vista de como remunerar seus executivos". Segundo ele, há anos a remuneração dos executivos da Natura está atrelada aos objetivos de sustentabilidade. "Metas agressivas e ambiciosas são necessárias.". (SD-E140)

"Principalmente as gerações mais novas têm muito mais consciência disso, e suas escolhas hoje são por empresas que se preocupam com embalagem, ingredientes, trabalho com comunidades". Para Marques, há um movimento dos consumidores buscando e demandando sustentabilidade. (SD-E141)

O empresário cita exemplos do Natura &Co de inovações que buscam a sustentabilidade, como garantir a circularidade de embalagens até 2030 e que 100% de seus materiais sejam reutilizáveis, recicláveis ou compostáveis, aumentar o uso de plástico reciclado para 50% e compensar a quantidade equivalente de embalagem onde a infraestrutura de reciclagem não existe para atingir 100% do descarte responsável de plásticos. (SD-E142)

Segundo ele, o número encontrado de iniciativas foi uma surpresa. "Nos surpreendemos com a quantidade de iniciativas e com a diversidade de temas que encontramos em tão pouco tempo; nossa pesquisa se concentrou em um mês de trabalho. Fizemos a pesquisa para mostrar que boas ideias e iniciativas do poder público municipal não faltam e que os municípios podem fazer muito para apoiar o desenvolvimento da agroecologia" Denis Monteiro, agrônomo e secretário-executivo da ANA. (SD-E143)

Existem hoje várias experiências exitosas e que não necessariamente dependem de orçamento federal, como a política de vale-feira para os servidores municipais. (SD-E144)

Para Castro, não há dúvida que há benefícios a curto, médio e longo prazos para todos da cidade. "O modelo agroecológico de produzir e viver vai além da produção: são vantagens sociais, ambientais e na saúde da população em geral. É uma relação com a sociedade e com a terra e com os alimentos", acredita. (SD-E145)

E não é apenas a agroecologia, mas o meio ambiente deve ganhar força na pauta das eleições deste ano. Segundo Malu Ribeiro, da Fundação SOS Mata Atlântica, o tema entrará como uma "agenda forte" na disputa municipal. (SD-E146)

Para os especialistas ouvidos por Ecoa, uma agenda socioambiental consistente é o passaporte do Brasil para o futuro. (SD-E147)

"Enquanto outros países estão reduzindo suas emissões, até por conta da crise provocada pela Covid-19, o Brasil precisa lidar com queimadas e desmatamentos recordes. Nosso futuro está na manutenção de uma agricultura pujante, mas que seja efetivamente sustentável. Só assim poderemos ser uma potência agropecuária e, ao mesmo tempo, uma potência socioambiental biodiversa", aponta Márcio Santilli, sócio-fundador do Instituto Socioambiental (ISA). (SD-E148)

De um lado, a "soberania inegociável" do Brasil. Do outro, uma ameaça econômica para que o país coloque em prática medidas efetivas contra o desmatamento na Amazônia e no Pantanal. As queimadas colocaram o país no primeiro debate presidencial dos Estados Unidos, na semana passada. (SD-E149)

Além de ser mais efetiva para a biodiversidade, a abordagem integrada tem a vantagem de custar o mesmo. "O mais importante é o planejamento integrado. Isso não aumenta o custo e não significa uma perda significativa para a biodiversidade terrestre. Pelo contrário. E mesmo que não haja tantos dados da biodiversidade aquática como tivemos, basta incluir o fator conectividade aquática que a delimitação da área a ser conservada será muito mais inteligente, dobrando a proteção de espécies aquáticas", diz Leal, que junto com Ferraz faz parte da Rede Amazônia Sustentável, iniciativa que reúne pesquisadores de mais de 30 instituições do Brasil e do exterior com o objetivo de produzir e aplicar evidências científicas para fortalecer a sustentabilidade na região. (SD-E150)

O grupo pretende agora aplicar a abordagem em toda a Amazônia, compilando os dados disponíveis. A ampliação da área de estudo reforçaria os resultados e poderia servir de guia para a priorização na proteção de áreas ou mesmo para a criação de novas unidades de conservação. Além disso, o método poderia ser testado em outras áreas importantes para a conservação fora da Amazônia. (SD-E151)

Sustentabilidade não é um assunto novo, mas algumas tendências que vêm sendo discutidas há algum tempo ficaram muito claras durante a pandemia de coronavírus. Todas elas estão detalhadas em um novo estudo desenvolvido pela Ideia Sustentável apresentado em uma live na quarta-feira (14) e disponível no vídeo acima. As informações foram levantadas durante os web fóruns Líder 2030 Talks e CEO com Propósito, realizados pela Plataforma Liderança com Valores. (SD-E152)

O relatório pode ser acessado gratuitamente no site da Ideia Sustentável, que preparou uma série de verbetes explicando os termos que estão mais em alta para quem não está familiarizado com todos eles. A seguir, saiba quais são as 11 tendências de sustentabilidade no pós-Covid. (SD-E153)

"É absurdo o sistema de produção que nós mesmos criamos: consumimos 1,8 vezes mais rápido os recursos que o planeta é capaz de produzir por ano. Pensava: 'Não é possível que não exista um formato de negócio, de produção, que seja sustentável, impacte positivamente a todos da cadeia produtiva e não seja às custas de ninguém'", conta o sócio-fundador e CEO da startup de gastronomia duLocal, Felipe Gasko, sobre a força motriz que o guiou a criar uma empresa "em que todos ganham". (SD-E154)

Formado em engenharia ambiental, Felipe já sentia certa inquietação e foi buscar na economia mais ferramentas para conseguir mudanças ambientais. (SD-E155)

Ele iniciou sua carreira no Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas, e depois de alguns anos, deixou a consultoria. "Não fazia mais sentido para mim fazer relatórios e produzir indicadores para empresas que não têm atividades sustentáveis." (SD-E156)

Parecia uma jogada de marketing, mas por trás estava uma corporação com uma preocupação genuína. Não que tudo seja totalmente perfeito, mas a empresa caminha cada vez mais em direção à sustentabilidade. Um episódio é emblemático: após denúncias de maus tratos às ovelhas em 2005, a empresa trocou de fornecedores de lã na Austrália e Argentina e criou um sistema para rastrear o produto e evitar esses casos. (SD-E157)

O trunfo do empresário foi perceber bem antes de seus pares o movimento em prol da sustentabilidade que ganharia o mundo no século 21 - um levantamento recente realizado pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) concluiu que esse é o tema mais importante para a juventude. (SD-E158)

O Pristine Seas é um dos projetos dentro do programa "Last Wild Places", da National Geographic, para proteger 30% das terras e dos oceanos do globo até 2030, data que a ONU (Organização das Nações Unidas) estabeleceu como limite no plano de ação de atingir 169 metas dentro dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS). (SD-E159)

"Necessitamos cada vez mais de parques e reservas naturais, com seus benefícios ambientais e econômicos. E ter uma economia sustentável fora deles para preservar as formas de vida natural e a humana também", afirma Muñoz. A contaminação das fazendas de salmão e a posterior proliferação de algas tóxicas prejudicou a pesca tradicional do Chile e gerou protestos da população local. (SD-E160)

Ele acredita que foi equivocada a estratégia de desenvolvimento econômico. "Agora se pode dimensionar o impacto dessa indústria. Temos que voltar com a pesca artesanal e aproveitar o potencial turístico dessa região de bosques, montanhas e rios de corredeiras. É muito mais valiosa a Patagônia preservada. Cuidar é mais barato que destruir e reconstruir", afirma. (SD-E161)

Um turismo capaz de gerar desenvolvimento social e econômico, promover o protagonismo das comunidades, preservar o meio ambiente e valorizar culturas e tradições. Características que passam longe do turismo predatório, esses são pontos que dez projetos selecionados para a final do Trilhando a transformação: Desafio de Inovações em Turismo Sustentável têm em comum. (SD-E162)

As vendas dos roteiros acontecem pelo site do projeto e junto a uma startup parceira. Especializada em experiências afrocentradas, a Diáspora.Black, presente em 15 países, também é uma das finalistas do desafio. O negócio começou após o fundador, Carlos Humberto Silva, 41 anos, vivenciar situações racistas em plataformas de aluguel de hospedagem e hotéis. "Identifiquei que essas situações não eram pontuais, e em 2017 começamos a oferecer o nosso primeiro serviço, uma tecnologia de venda de hospedagem compartilhada ou aluguel de casas e quartos", relata o empreendedor. (SD-E163)

"Hoje temos diferentes formas de impacto social. Primeiro, trabalhando internamente, com profissionais negros, da periferia ou projetos sociais. E externamente, com geração de renda e a agenda de empoderamento e fortalecimento de identidade a partir da nossa tecnologia e curadoria", comenta Silva. Ele calcula que mais de mil mulheres negras sejam impactadas pelas vendas na Diáspora.Black. (SD-E164)

Nascida em Santa Catarina, a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia também aposta no contato com famílias rurais como fator de desenvolvimento de territórios sustentáveis. Por meio do projeto, visitantes podem conhecer o dia a dia da agricultura familiar, ver atividades produtivas, ouvir histórias e partilhar refeições, além de fazer compras diretamente com produtores rurais. (SD-E165)

No Amazonas, o Poranduba Amazônia trabalha desde o ano passado com a proposta de fortalecer o turismo sustentável na região do Baixo Rio Negro. Trata-se de uma agência de turismo criada por moradores da comunidade. A iniciativa busca instrumentalizar ribeirinhos a exercerem funções ligadas ao turismo e a adotar boas práticas de saneamento e gestão de resíduos. (SD-E166)

A diretora de Marca, Comunicação e Sustentabilidade da CTG Brasil, Salete Hora, comenta que se surpreendeu com a quantidade e a diversidade de propostas inscritas no desafio. "Foi de fato nacional, temos projetos de todas as regiões, coisas bem diferentes que as pessoas estão fazendo. Foi bem bacana", diz. (SD-E167)

Além do concurso, o Trilhando a Transformação lançará o Mapeamento de Tendências de Inovação Social para o Turismo Sustentável no Brasil. A publicação deve ser divulgada junto com os projetos vencedores do

desafio e incluir iniciativas que não participaram da seleção. A ideia é mostrar como está o cenário no setor, com exemplos que possam ilustrar as possibilidades do turismo sustentável pelo país. (SD-E168)

Discussões sobre desigualdade de gênero e direitos da mulher em comunidades ribeirinhas e indígenas são o foco de um projeto para a conservação e promoção do desenvolvimento sustentável da floresta amazônica. Com o lema de que educação e capacitação de qualidade têm o poder de impactar profundamente a vida de todos em uma comunidade, a Americanas e a Fundação Amazonas Sustentável (FAS) - parceiras, desde 2018, ofereceram cursos sobre equidade de gênero para mulheres da Amazônia. (SD-E169)

Para Neurilene Cruz da Silva, 36 anos, da etnia Kambeba, grupo indígena que habita o médio Rio Solimões, no estado do Amazonas, ter acesso aos cursos de turismo de base comunitária e de culinária a fez reconhecer o seu valor e buscar novas oportunidades de trabalho. Tanto que hoje, ela é a responsável pelo restaurante da comunidade. "Não é fácil ser mulher na minha etnia. Aqui, ainda acreditam que mulher tem que ser submissa aos seus maridos, aquela que vive na cozinha, lavando, passando, indo para a roça. Mas eu vi que poderia não ser assim, eu não nasci para ser dominada. Eu vi minha avó e minha mãe nessa situação e eu nunca quis ser essa pessoa. Quando chegou a Fundação Amazônia Sustentável, eu fui levada a querer trabalhar e querer o que é meu. Eu fiz vários cursos e isso me deixou mais segura para trabalhar. Tem sido muito importante a experiência de trabalhar com pessoas de fora do Amazonas, de todo Brasil e até do exterior. Isso me motivou a fazer o curso de turismo, eu já tinha feito o curso de culinária e vi que era importante me aprimorar ainda mais", lembra. (SD-E170)

Um programa de logística reversa criado em parceria com o TerraCycle permitiu que a Faber-Castell conseguisse coletar 2 milhões de instrumentos de escrita para reciclagem. A empresa alcançou a marca nesta semana, mesmo em meio à pandemia, em uma ação que reúne mais de 5 mil pontos de coleta, reduzindo de maneira significativa o impacto do setor de papelaria, que produz milhares de produtos todos os anos, principalmente na volta às aulas. (SD-E171)

Com o intuito de dar uma finalidade sustentável a canetas, lápis, marcadores e lapiseiras depois que vão para o lixo, a Faber-Castell firmou uma parceria com a TerraCycle, empresa especializada em soluções ambientais, para criar o Programa Nacional de Reciclagem para instrumentos de escrita, possibilitando que esses resíduos tenham uma nova vida. Isso permite que a indústria utilize resina reciclada em vez de empregar resina virgem na produção de produtos diversos, como lixeiras, cones de trânsito, vasos para plantas, entre outros. (SD-E172)

Um estudo divulgado nesta sexta (30) pelo Instituto Akatu e GlobeScan aponta que os consumidores estão mais atentos a empresas que pratiquem a responsabilidade socioambiental. De acordo com os resultados da pesquisa "Vida Saudável e Sustentável 2020: Um Estudo Global de Percepções do Consumidor", as percepções em relação às marcas incluem o cuidado com a saúde e a sustentabilidade. (SD-E173)

"O Instituto Akatu e GlobeScan acreditam que ajudar os consumidores a adotar estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis é uma enorme oportunidade para as marcas construírem uma relação de confiança e compromisso com seus stakeholders. E os resultados da pesquisa mostram muito bem isso", afirmou Helio Mattar, diretor presidente do Instituto Akatu. (SD-E174)

A empresa está presente no sul da Bahia há cerca de 20 anos, com o programa Michelin Ouro Verde Bahia, considerada uma das maiores iniciativas de desenvolvimento sustentável da empresa no mundo. Em 2017, Maria Oiticica, que cria biojoias a partir de elementos da natureza há 18 anos, conheceu pessoalmente a reserva Ouro Verde, onde se reconectou emocionalmente com o local em função da história de seu pai, que era seringueiro na Amazônia. (SD-E175)

A partir daí, Maria criou a coleção intitulada "Origens", como um resgate às suas raízes, e iniciou conversa com a Michelin com a intenção de continuar com um projeto maior na região. A parceria foi firmada, com o objetivo de promover o desenvolvimento de um modelo autossustentável que concilie conservação e o uso consciente dos recursos naturais, além da geração de benefícios sociais e renda por meio da captação das comunidades locais. (SD-E176)

"Eu já trabalho com artesanato juntamente com as meninas aqui, então o que foi bom para gente foi a oportunidade da gente conhecer, tipo assim, eu trabalho mais com coco da piaçava e a madeira sustentável, e Maria abriu um leque de oportunidades para gente trabalhar com sementes. A região, aqui mesmo onde eu

moro não tem muitas sementes, é mais o coco, a madeira, mas juntamente com a Michelin que tem a seringueira, agora com esse projeto a gente está vendo um leque de oportunidades da gente trabalhar com outras coisas", explica. (SD-E177)

Esse modelo é estrategicamente usado para estimular o aporte financeiro em projetos que contribuem para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), estabelecidos pela ONU. A grande sacada é que fundações e institutos entram na conta como "investidores âncora" para dar escala à operação e atrair o capital de investidores. Diretoria, conselho e departamento jurídico são separados para evitar conflitos de interesse. (SD-E178)

Andrea Resende explica que a SITAWI faz prospecção e recebe indicações dos negócios por meio de seus parceiros, como aceleradoras, incubadoras, prêmios e outros investidores. As organizações interessadas em participar também entram em contato pelo site ([www.emprestimocoletivo.net](http://www.emprestimocoletivo.net)). "Estamos sempre atentos ao ecossistema e buscando bons negócios para investir. No caso da segunda rodada, o foco foi no desenvolvimento sustentável da Amazônia. Selecionamos organizações que estavam participando do programa de aceleração da Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA), iniciativa liderada pelo setor privado para a construção de soluções inovadoras e sustentáveis na floresta e da qual a SITAWI faz parte desde 2019." (SD-E179)

A ciência ocidental costuma emprestar ou unir forças com saberes milenares dos povos da floresta para o desenvolvimento de produtos. O diferencial aqui é que a união gera renda, estimula a preservação da natureza, o plantio de mais árvores e mantém a tradição da população originária do país. (SD-E180)

Cerca de 1.300 yanomami se beneficiam diretamente da produção e do dinheiro com os chocolates que levam o nome da etnia. (SD-E181)

"Queremos promover o consumo de produtos 'clean label' [origem sustentável] e substituir os doces tradicionais por produtos, de fato saudáveis", explica o sócio Sérgio Bruno, em nota. (SD-E182)

Mendes acrescenta outro ganho. "Chocolates de povos originários, como os Yanomami, não se tratam apenas de fornecedores de matéria-prima. O que fazemos é mudar a narrativa. Nós 'descobrimos quem são os Yanomami, como vive, que tipo de conhecimento tradicional carregam e o que podemos aprender com eles para a nossa vida urbana", conclui. (SD-E183)

Pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Ilha Solteira desenvolveram um filme que poderá substituir o plástico nas embalagens alimentícias. O produto é feito a partir de hidroxipropil metilcelulose (HPMC) e resíduos industriais de celulose bacteriana, ambas matérias-primas sustentáveis. Dessa última, são extraídos materiais que formam compósitos, neste caso, formados por nanocristais de celulose bacteriana e HPMC, ambos já utilizados na fabricação de filmes biodegradáveis. (SD-E184)

Educação, saúde, trabalho, igualdade de gênero, consumo consciente, crescimento econômico e investimentos sustentáveis são alguns dos pontos que integram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos pela ONU (Organização das Nações Unidas) para auxiliar líderes, empresas e população a trabalhar por um futuro mais igualitário e sustentável, e deveriam estar no radar de governantes de todo o mundo. Pensando nisso, Ecoa analisou os planos de 10 candidatos que disputam o segundo turno nas cinco capitais brasileiras com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — Maceió, Rio Branco, Porto Velho, Manaus e Belém — para entender se as futuras prefeitas e prefeitos estão comprometidas com esses objetivos. (SD-E185)

Segundo a ONU, os ODS "são como uma lista de tarefas a serem cumpridas pelos governos, a sociedade civil, o setor privado e todos cidadãos na jornada coletiva para um 2030 sustentável". São 17 objetivos, definidos em 2015, que se dividem em 169 pontos que precisariam ser cumpridos em 15 anos. (SD-E186)

Nesse sentido, Jorge Abrahão, coordenador-geral do Instituto Cidades Sustentáveis (ICS) destaca que é importante incluir os ODS nos planos de governo municipais porque "a esfera local é onde as pessoas vivem, é onde acontece a vida das pessoas". (SD-E187)

Indústria, agricultura sustentável, cidades sustentáveis, água potável e saneamento, redução das desigualdades e energia limpa: Em relação a esses ODS, quase todos os planos fazem alguma sinalização. No entanto, as propostas são tímidas e não sinalizam metas a serem cumpridas. (SD-E188)

Ecoa lançou a campanha Pare de Falar. Comece a Plantar, em parceria com a Plant-for-the-Planet com o objetivo é incentivar o plantio de árvores a ajudar a garantir um futuro sustentável. Mas, afinal, você sabe quais são os benefícios das árvores? Conheça doze deles abaixo! (SD-E189)

De acordo com o estudo da USP, a pizzaria que usa briquete teve índices menores de poluentes do que as outras duas, que usam o eucalipto. Redes de pizzaria e restaurantes já adotaram o briquete como uma solução mais sustentável, mas o material pode estar com os dias contados. (SD-E190)

A iniciativa, que tem o nome de Escolas 2030, é orientada pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 da Organização das Nações Unidas, que consiste basicamente em assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. O ODS 4 é um entre 17 objetivos fixados pela ONU para erradicar a pobreza e promover o desenvolvimento dentro dos limites do planeta até 2030. (SD-E191)

No Brasil, o programa é implementado por uma parceria entre a organização Ashoka, a Faculdade de Educação da USP e o Itaú Social, e conta com a colaboração da associação Cidade Escola Aprendiz. Também será desenvolvido em outros nove países — Afeganistão, Índia, Paquistão, Portugal, Quênia, Quirguistão, Tajiquistão, Tanzânia e Uganda — ao longo da próxima década. (SD-E192)

Foram estabelecidas cinco tipos de aprendizagem para dar base à criação de novos indicativos junto com equipes de organizações educativas brasileiras que possam contemplar o aprendizado que os alunos são expostos para além das provas. São eles:

**Empatia:** Aqui, fala-se sobre como a escola consegue "adotar as perspectivas psicológicas, culturais, dentre outras, de modo a compreender o outro e, assim, tomar decisões e agir", exercitando o diálogo e promovendo a solução de conflitos, com base em princípios democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (SD-E193)

As metas estabelecidas pelo quarto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU estão contidas no atual Plano Nacional de Educação, que estabelece diretrizes para as políticas públicas de educação no Brasil no período de 2014 a 2024. (SD-E194)

Outro ponto de caráter mais geral apresentado por ele como um obstáculo para atingir o objetivo de desenvolvimento sustentável relativo à educação no país é a predominância de um modelo educacional muito limitado, que não incentiva e não investe nas condições voltadas à proposta da educação integral e transformadora. (SD-E195)

Segundo a ONU, os chamados "empregos verdes" serão fundamentais para construir o novo modelo de economia sustentável. A preservação do meio ambiente dá dinheiro, diminui o desemprego e é essencial para garantir bem-estar no presente e no futuro. Mais que o bem-estar ela é fundamental para garantir nossa existência neste planetinha azul. (SD-E196)

Os empregos verdes são aqueles que reduzem as emissões de carbono lançado na atmosfera e trabalham de forma sustentável. Isto é, produzem ou prestam serviços que ajudam no combate ao aquecimento global e na preservação do meio ambiente. (SD-E197)

O termo "emprego verde" foi elaborado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). As duas agências integram à ONU (Organização das Nações Unidas). Foi criado em 2009 com o estudo "Empregos Verdes: trabalho decente em mundo sustentável e com baixas emissões de carbono". A pesquisa é também a origem das informações contidas neste guia "Destretando" que Ecoa criou para você. (SD-E198)

Além disso, serão necessários para possíveis investimentos diretos contra desastres naturais e ambientais, uma opção para trabalhadores em postos que deverão sumir no futuro devido à automatização do trabalho e durante a transição a uma economia sustentável. (SD-E199)

Para aproveitar os dias de folga e celebrar o movimento #PlantarEcoa, lançado pela campanha Pare de Falar. Comece a Plantar, selecionamos com ajuda de Frances Andrade, da Engajamundo, uma série de filmes que vão inspirar você a plantar mais árvores e entrar de vez na luta por um mundo mais verde. (SD-E200)

## ANEXO C – CORPUS DE PLURAL

Quantos fins de mundo são necessários para acabar com a fome e com a insegurança alimentar? Hoje, segundo a ONU, 820 milhões de seres humanos passam fome. É mais do que toda população da Europa e da Oceania juntas. Ativistas e pensadores, como Ailton Krenak, Lisiane Lemos e Sidarta Ribeiro têm imaginado novos futuros possíveis para a vida pós-pandemia, mas, infelizmente, os dados mostram que o futuro seguirá desigual. (SD-P1)

A grande questão que a pandemia escancara é que pessoas negras e pobres morrem também pela alimentação. Não só pela falta dela, mas pelo que ela causa. Hipertensão e diabetes, doenças que integram o grupo de risco da covid-19, são mais comuns em negros. Segundo pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2017, a diabetes mellitus tipo II atinge as mulheres negras 50% a mais do que as mulheres brancas. De acordo com o estudo do ELSABrasil, a hipertensão atinge 30,3% dos brasileiros brancos e 49,3% dos pretos. (SD-P2)

Ana Santos, agricultora urbana e moradora da Favelinha, uma das favelas do Complexo da Penha, no Rio de Janeiro, mostra que um outro futuro é possível. Ela é co-fundadora do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM), um espaço que busca promover a soberania alimentar a partir da agricultura urbana na Serra da Misericórdia, a última área verde da Leopoldina, região da Zona Norte do Rio. Ana e outras mulheres do CEM produzem comida saudável e sem agrotóxico na favela e para a favela. (SD-P3)

O agronegócio pode querer ser pop, mas 70% da comida que enche a barriga dos brasileiros é produzida em pequenas propriedades por gente como a Ana. O MST, principal movimento brasileiro na luta pela reforma agrária, é, também, o maior produtor de arroz orgânico da América Latina. Apesar disso, o governo do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) paralisou os projetos de reforma agrária, desde 2019. (SD-P4)

A luta socioambiental é uma luta das pessoas mais pobres. Quando a calamidade ambiental ou sanitária acontece, quem sofre mais são as pessoas negras e periféricas. Não são vítimas apenas da fome, mas também de inundações, poluição, intoxicações e doenças epidêmicas. (SD-P5)

Ana Santos mostra que não precisamos inventar a roda. Ela se recorda do quintal da avó com plantações de milho, árvores frutíferas e plantas medicinais. "Era um hábito na família, era tão comum, fazia parte da gente e a gente não se dá conta que esse é o futuro. Podemos trazer o que era passado pro novo. A agroecologia, ao mesmo tempo que é uma técnica, é também movimentos de resgate de uma cultura, de uma ancestralidade", diz a agricultora do Complexo da Penha. (SD-P6)

Tendo como referência a cultura iorubá e as estratégias de resistência comunitárias, o filósofo provoca e indica caminhos possíveis onde a reciprocidade seja mais valorizada do que o acúmulo desenfreado. Leia abaixo. (SD-P7)

Para Ítala Herta, esse é um falso paradoxo. "A maneira como o Brasil constrói a narrativa da economia na pandemia é muito perversa. Não trata saúde pública como prioridade, sendo que isso também é pensar em economia", diz ela, que é uma das co-fundadoras da Vale do Dendê, aceleradora de negócios localizada em Salvador e focada no Nordeste. "É importante diferenciar 'interesses econômicos' de 'economia'". (SD-P8)

"Os olhares para o dinheiro são sempre os mesmos. As definições são pautadas por homens brancos e privilegiados, que esquecem que o dinheiro passa pelas margens", continua Ítala. Ela lembra que, antes de falar em "nova economia", é necessário olhar para outras economias que já existem no contexto de populações periféricas, indígenas, mulheres, comunidade LGBTQIA+. (SD-P9)

A partir desse entendimento, ela criou a Diver.SSA, focada em promover o empreendedorismo feminino de impacto social nas regiões Norte e Nordeste. "A economia das mulheres é a economia do cuidado, de manter um país de pé. De redução de danos em relação a todos os caos que a gente tem, desenvolvendo crianças na creche, dentro de casa... E agora são as mulheres que se veem mais prejudicadas", ressalta. (SD-P10)

Um exemplo de contenção de danos na pandemia é o auxílio emergencial destinado a trabalhadores autônomos, informais ou que recebem o Bolsa Família. "Uma renda básica estimula o consumo e o trabalho

de maneira a se retroalimentarem constantemente. E tudo isso gera impostos que retornam aos cofres públicos, além de reduzir a desigualdade", explica ele. (SD-P11)

"Percebam que todas essas ações foram feitas de baixo para cima, pela própria comunidade. Imagine se o Estado brasileiro estimulasse, inclusive financeiramente, esse modo de organização", nota Veiga. Isso vai ao encontro do conceito de economia solidária que coloca, enquanto princípio, a geração de trabalho e renda com "o ser humano no centro". (SD-P12)

"O trabalho em si não é só limpar, fazer a coleta e separar os recicláveis. É incentivar as pessoas a mudar seu comportamento, tomar consciência do consumo, se preocupar de onde veio seu alimento", aponta Valquíria. (SD-P13)

Articulando diferentes áreas, os trabalhos de Sirlene, Valquíria e Bárbara são exemplos pequenos, mas potentes, que propõem uma economia pensada territorialmente, de forma coletiva e com atenção a cada indivíduo envolvido — formato que não antagoniza com a manutenção da saúde pública. "Precisamos urgentemente incentivar outra maneira de gerar trabalho e renda, e a economia solidária é uma alternativa viável", acredita o cientista social Diego Veiga. (SD-P14)

Antigas faixas de vegetação, lama e maré, hoje, dão espaço a milhares de casas, indústrias, escolas, avenidas e ao caos da poluição que afeta nossas matas, rios e atmosfera. O pouco mangue da Maré que consegue se manter vivo é a perfeita representação de resiliência. Onde morre o manguezal também morrem tradições populares, as histórias de um povo e de vidas cuja fonte de recursos era a própria natureza. (SD-P15)

A natureza exuberante e a grande oferta de pescado são as principais lembranças de uma época em que o regime de marés dominava o território. São memórias vivas na história de Hélio, que também não esquece de antigos companheiros de pesca: "me recordo muito bem como era a maré aqui do Parque União. A maré tinha uma extensão muito grande em largura e não existia a linha vermelha, a maré era larga. A gente buscava tainha lá do outro lado no mangue, tinha tainha pra caramba, a gente botava a rede do outro lado né? Lançava a rede, cercava a beirada e deixava lá de espera. A gente via elas [as tainhas] levantando a rede. Depois de uma hora, recolhia as tainhas e vendia na comunidade. O mangue era vivo, tinha caranguejo, aquele caranguejo-uçá. Tinham mais pescadores, hoje em dia tudo já falecido, muitos que fizeram história foram esquecidos como o pescador Dilon, Seu João, o Leca, o Nininho, todos esses." (SD-P16)

O fator que levou os manguezais da Maré à destruição quase completa é o mesmo que vem destruindo o planeta, a ideia de progresso instaurada pelo atual sistema econômico capitalista. Neste caso, os manguezais foram convertidos quase completamente e seus serviços ambientais deixaram de ser prestados. O termo "serviços ambientais" é uma tentativa de dar destaque, de atribuir valor, a tudo que a humanidade recebe "gratuitamente" da natureza. Estes incluem produção de alimento e água; controle de enchentes, secas e doenças; ciclos de nutrientes e serviços culturais como recreação, valores espirituais e religiosos e outros benefícios não materiais." (SD-P17)

Ao olharmos para a situação ambiental do Complexo da Maré, somos atravessados por questões que vão além da sobrevivência das árvores de mangue. Percebemos que quando falamos de ecologia falamos também de justiça social. O acesso a um meio ambiente saudável e que promova qualidade de vida para as populações adjacentes, não pode ser na prática, um direito apenas dos mais ricos. Meio ambiente não é mercadoria. Dialogar com comunidades tradicionais ou faveladas de forma acessível e participativa é um dos desafios das ciências ambientais. É preciso que ambientalismo e saúde pública deixem de ser pautas chatas ou elitizadas e que os debates ganhem força nos territórios mais desprovidos de direitos. Cuidar da natureza também é cuidar da cultura e do modo de vida dos nossos avós. (SD-P18)

O Núcleo de Estudos em Manguezais (NEMA - UERJ), laboratório onde Viviane desenvolveu diversas pesquisas, há muitos anos vem produzindo conhecimento acerca dos manguezais da Baía de Guanabara, cujas águas conduzem Hélio e os demais pescadores diariamente em suas jornadas no mar. É preciso garantir que as árvores de mangue não sumam. Que os Hélios não sumam. Que a história que liga a ancestralidade das favelas e da natureza não suma. O mangue é a Maré. E ambos resistem. (SD-P19)

Não é apenas à degradação ambiental que a geógrafa se refere. Desde sua construção, a cidade adota uma postura de desamparo às populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas, atualmente no epicentro do contágio de Covid-19, à medida que a doença, que já matou mais de 100 mil brasileiros, avança para o interior

do país. Todavia, são elas as detentoras de saberes tradicionais que lhes permitem, até hoje, viver em harmonia com a natureza e com seus semelhantes. (SD-P20)

Embora o discurso comum defenda a adaptação do indígena às práticas ocidentais, Kambeba afirma o inverso: se o Brasil quer uma nova vida no pós-pandemia, é hora dos brancos, não indígenas, se integrarem aos povos originários e aprenderem com eles. (SD-P21)

Por isso, a gente experimenta o bem viver que é uma relação intrínseca entre o homem e a natureza. Em contrapartida, a cidade tem outra dinâmica, a do viver bem, que se configura numa relação de consumismo, de querer sempre o mais bonito, o mais caro, a casa no melhor bairro, a roupa de marca, o melhor restaurante". (SD-P22)

Ao optar por valorizar o que parece melhor a partir de uma lógica consumista, Márcia Kambeba acredita que a cidade desperdiça os saberes fundamentais que são essenciais para uma vida saudável em sociedade, como o respeito à natureza, o cuidado com o outro e o zelo pelo que é coletivo. (SD-P23)

"As mulheres negras podem e devem liderar o processo de redefinição do futuro. Elas colocam que não é porque [o mundo] é assim que sempre vai ter que ser assim". A fala é da socióloga Ana Carolina Lourenço. As mulheres constroem, hoje, um outro futuro possível, apesar da crise iniciada pela pandemia de Covid-19, que já matou mais de 100 mil brasileiros, e foi fortalecida pela resposta ineficiente do governo brasileiro. (SD-P24)

Assistimos, no primeiro semestre deste ano, à perda de 1, 2 milhão de empregos com carteira assinada, segundo dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), divulgados pelo Ministério da Economia. As mulheres desenham uma mudança completa, não só do sistema político, mas do pensamento sobre a organização da vida coletiva. Em um momento onde a desigualdade e o modo de produção causam ainda mais desastres, mulheres negras, trabalhadoras rurais e mulheres indígenas estão no fronte, pautando uma sociedade que tenha em sua centralidade o bem viver coletivo. (SD-P25)

"As respostas à pesquisa realmente demonstram um nível alto de reflexão, mostram que essa crise não é uma crise momentânea, mas que é o momento de estruturar um projeto de Brasil, um projeto de Estado. As ativistas negras rejeitam um modelo de Estado que apenas remedia problemas ou um modelo de sociedade que abra mão de valorizar o que é essencial para vida. Elas apontam que o que deve ser priorizado é aquilo que garante a existência", diz Ana Carolina Lourenço. (SD-P26)

Um dos grandes problemas que dificultam ainda mais a vida das mulheres trabalhadoras rurais, negras e indígenas é sub-representação nos espaços de decisão política. (SD-P27)

A espiritualidade indígena que a Eliane Potiguara descreve também é baseada nas ideias sobre o bem viver coletivo. A conexão com a força ancestral para pautar um novo modelo de sociedade passa por descolonizar as ideias atuais sobre o que é a política. A escritora indígena Shirley Krenak, na live "Diálogos Ecumênicos e Inter-religiosos" da Coordenadoria Ecumênica de Serviço, explicou que entender a espiritualidade é ter uma visão mais longe, do futuro. "Quando os parentes estão falando, 'não destrói os rios, não mata bicho, não polui o ar, não arrebenta com a terra', eles estão falando da espiritualidade. Falar de espiritualidade é querer o bem do outro, é curar o outro. É através dessa conexão com a nossa espiritualidade que nós, povos indígenas, estamos defendendo o mundo hoje, para que vocês bebam água boa, para que você e seus filhos vivam bem." (SD-P28)

Ecossocialista convicta, a advogada de 30 anos compartilha, nessa entrevista, suas crenças e os caminhos possíveis para um outro futuro no Brasil pós-pandemia. Um futuro no qual a noção de trabalho esteja menos atrelada ao acúmulo individual de bens, e mais próxima do benefício coletivo no campo, na cidade e na floresta. (SD-P29)

Para isso, Nádia Nádila ratifica que "não existe luta ambiental no capitalismo" e questiona a priorização do agronegócio que, embora leve a fama de alimentar as famílias brasileiras, está diretamente conectado à exploração desenfreada da natureza e das pessoas. (SD-P30)

"Não é ele [agronegócio] quem coloca leite e verdura na mesa do brasileiro. Quem faz isso é a agricultura familiar, ainda que com menos insumos, menos recursos. A produção do agronegócio é de exportação e é ele

quem mata a população indígena, quilombola, e é o maior responsável pelo desperdício de água, junto da indústria" (SD-P31)

Mas, mesmo com novas plataformas e abordagens, as comunidades sofrem. Os povos indígenas, sucintamente e de modo generalizado, costumam difundir informações de maneira oral e pelos anciãos, com contação de histórias e mitos para todos da aldeia, por exemplo. Antes da pandemia, grandes celebrações com os diferentes povos do Baixo Tapajós, no Pará, também eram uma forma de resgatar a ancestralidade e proteger a memória indígena. (SD-P32)

As mudanças de comportamento da humanidade por conta da pandemia da Covid-19 - em níveis diferentes, de acordo com cada país - alteraram a relação entre ser humano e natureza. O coronavírus e as mudanças na dinâmica da economia mundial também serviram para destacar as alternativas - tanto de produção quanto nos hábitos de consumo - para que a harmonia no planeta se fortaleça. (SD-P33)

"A natureza está voltando a falar com a gente. Se a ganância do homem parar, se parar de pensar no dinheiro e acima de bens que são mais importantes como qualidade de vida, respirar ar puro, alimentação adequada, as coisas vão melhorar", disse Biko. (SD-P34)

Ambientalistas e cientistas acreditam que há no modelo de vida das comunidades tradicionais e dos povos originários, atrelado aos conhecimentos de desenvolvimento sustentável, um caminho para a continuidade da vida humana na Terra em harmonia ao meio ambiente. (SD-P35)

"Os problemas ambientais impactam a sociedade de maneira desigual. Os mais pobres, em sua maioria não-brancos, estão expostos aos maiores riscos", diz Cíntia Leone, doutora especialista em Ciência Ambiental pela Universidade de São Paulo (USP). (SD-P36)

"A contradição é que os mais vulneráveis às crises climáticas são exatamente os que podem oferecer uma solução para ela. Ao terem sido marginalizados no interior do sistema capitalista, esses grupos foram capazes de desenvolver ou preservar modos de vidas alternativos. Eles constituem hoje uma oposição poderosa, porque oferecem algo que o modelo tradicional de desenvolvimento já não é capaz de prover: a esperança de uma vida melhor, mais saudável, mais digna" (SD-P37)

Maria Alves defende que os projetos de "morte" do agronegócio devem ser substituídos por projetos de "vida". Um estudo de 2005, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), revelou que a monocultura da soja, por exemplo, causa o desbalanceamento físico, químico e biológico do solo, o que pode levar a terra à exaustão. Além disso, os períodos de chuva nas plantações espalham os agrotóxicos, contaminando rios e reservas de água no subsolo. (SD-P38)

No pico da Jaraguá, na zona noroeste de São Paulo, os povos Tupi e Guarani estão unidos por meio do uso das mesmas tecnologias ambientais e tradições culturais para a preservação da natureza. Ao todos, são seis aldeias na região. "Existe uma espiritualidade, uma forma de fazer o plantio na tradição indígena. É a continuidade do modo sagrado de vida indígena que temos o dever de manter e desenvolver. Isso cria um diálogo direto tanto com o conceito de bioconstrução e os sistemas agroflorestais", disse Thiago Henrique Karai Jekupe, 25 anos. (SD-P39)

A produção de alimentos com a preservação da natureza nas periferias dos grandes centros urbanos também pode ser uma fonte de renda e alternativa para a independência econômica. (SD-P40)

Em tempos de precarização do saneamento e de avanço da covid19, muito se fala sobre a ausência do poder público nas favelas garantindo serviços e saúde. Mas e sobre as estruturas de saneamento que já temos? Na busca por entender o processo de chegada da água no Complexo da Maré, encontra-se a história de mulheres fortes e organizadas, que 40 anos depois ainda são reconhecidas pelas conquistas da Chapa Rosa. (SD-P41)

Apesar do acesso à água afetar toda a população da Maré naquela época, é muito simbólico que tenham sido mulheres as protagonistas dessa luta. O acesso aos serviços de saneamento está longe de ser igual para todos, mas como mostra a reportagem da Agência Brasil, as mulheres são historicamente responsáveis por buscar água e manter a higiene do lar. Quanto pior o saneamento, mais sobrecarregadas e vulneráveis elas estão. Isso sem contar o risco de sofrerem violência sexual (durante o trajeto na busca por água) e das doenças. (SD-P42)

A precarização do saneamento mata e isso não é novidade, principalmente para as mulheres. O morador sabe que, se ele não lutar, ele não vai ter acesso. Monique traz esse discurso ao longo da vida: "Ainda que as pessoas não acordem e falem 'hoje eu vou fazer um mutirão, eu vou lutar contra o capitalismo', o morador tá precisando de uma coisa urgente. Ele não conta com o Estado, ele sabe que o Estado está muito longe. As formas como eles reagem à exploração do Estado é a organização, coletiva ou individual. Isso é desde a construção do Estado brasileiro. Se a gente pensar na formação do Estado Nacional, para olhar para a história do país, a gente vê que é isso: as pessoas se unindo para conquistar alguma coisa, para lutar por alguma coisa, só que isso é sempre muito apagado, né? Essa história nunca é contada". (SD-P43)

E essas são histórias de lutas que atravessam gerações: "Eu acho que a Maré tem a mobilização comunitária como marca. A coletividade, a ideia de você trabalhar junto. Eu acho que isso é uma característica das favelas, essa união. E aí eu arrisco a dizer, como hipótese, que isso é fruto da história, da memória, porque os avós lutaram, os pais lutaram. Ainda que a história não seja contada recorrentemente, mas tem uma memória que ela é ativada ali", conclui Monique. (SD-P44)